

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Aline Silva Correa Maia

Telejornalismo e Identidade:

Estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora – MG

Juiz de Fora

Fevereiro de 2009

Aline Silva Correa Maia

Telejornalismo e Identidade:

Estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora – MG

Dissertação

Apresentada como requisito para obtenção do
título de Mestre em Comunicação Social na
Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

Juiz de Fora

Fevereiro de 2009

Aline Silva Correa Maia

Telejornalismo e Identidade:

Estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens da periferia de Juiz de Fora – MG

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social na Faculdade de Comunicação Social da UFJF

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni

Dissertação aprovada

em 13/03/2009 pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni (UFJF) – Orientadora

Profa. Dra. Iluska Maria Coutinho (UFJF)

Profa. Dra. Itania Maria Mota Gomes (UFBA)

Conceito obtido _____

Juiz de Fora

Fevereiro de 2009

AGRADECIMENTOS

Em especial, agradeço ...

A Deus, Senhor de todas as coisas, Senhor da minha vida;

À minha mãe, Irene, que mesmo sem compreender, muitas vezes, o porquê de tantas horas em frente ao computador e aos livros, sempre me apoiou durante o Curso de Mestrado, pois sabia que tal postura ultrapassava a necessidade de qualificação exigida pelo mercado, mas fazia parte da realização de um sonho e da satisfação em estudar;

Ao meu saudoso pai, Sebastião Maia, já no céu, mas, com certeza, exultante por esta conquista;

Aos meus queridos irmãos Douglas e Camila, sempre companheiros, interessados na pesquisa e também orgulhosos por mais esta etapa vencida;

Ao David, meu noivo. Brinco que, informalmente, ele também conclui o Curso de Mestrado, por me acompanhar em todo o processo, da seleção à conclusão da dissertação, vencendo comigo os obstáculos surgidos;

À minha orientadora Cláudia Regina Lahni, verdadeira Mestra, dedicação e atenção essenciais a este trabalho. Professora que, mais que ensinar, faz do discurso da necessidade de uma mídia cidadã a sua prática;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF;

Às docentes Iluska Coutinho e Itania Maria Mota Gomes, por aceitarem compor a banca de examinadoras deste estudo;

À direção, professoras de Português e alunos do ensino médio da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, especialmente à turma 3A do ano 2008;

Ao amigo Flávio Lins, que acompanhou a pesquisa, ajudou-me na realização do grupo de discussão e colaborou com troca de ideias e o inigualável bom humor;

Aos muitos amigos que me emprestaram livros, auxiliaram-me nos *abstracts* – e quantos! –, familiares, colegas da TV Panorama e da GeraesNet, que sempre perguntaram, contestaram e sugeriram tópicos que contribuíram para a realização desta dissertação.

A pesquisa em comunicação, assim como a prática jornalística, é uma atividade essencialmente coletiva. Disso não tenho dúvidas. Não há construção do saber com a ação individual. O conhecimento é tecido na troca de experiências, no debate de ideias, na mixagem de diferentes opiniões. Por isso, este não é um trabalho meu. Mas de todos aqueles que comigo caminharam a fim de cooperar para os estudos do campo da Comunicação Social, de forma que esta pesquisa não tem um ponto final. É apenas mais um parágrafo a ser acrescentado no longo texto continuamente escrito acerca da relação mídia e sociedade.

Chegou a hora de reafirmar nosso espírito resistente, de optar pela nossa melhor história, de levar adiante esse dom precioso, essa nobre ideia passada de geração em geração: a promessa divina de que todos são livres, todos são iguais e todos merecem a chance de lutar por sua medida justa de felicidade.
Barack Obama, 2009.

RESUMO

Estudo de recepção do Jornal Nacional entre alunos do ensino médio de uma escola pública da periferia de Juiz de Fora. O trabalho analisa como as mensagens veiculadas no JN agem na construção identitária da juventude suburbana, na percepção do que este grupo entende por realidade e na valorização da cidadania. Hall, Bhabha e Bauman, principalmente, são as referências para a fundamentação sobre identidade. A investigação conclui que os jovens veem no telejornal um meio eficaz de informação sobre o Brasil e o mundo, mas debilitado no que diz respeito ao que realmente compõe o cotidiano juvenil.

Telejornalismo; Recepção; Identidade; Juventude; Cidadania.

A presente dissertação está redigida conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em vigor desde janeiro de 2009.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 IDENTIDADE, MÍDIA E CIDADANIA	12
2.1 IDENTIDADE E MÍDIA	13
2.2 A TV NO BRASIL... OU, O BRASIL NA TV	21
2.2.1 Plim-Plim ... A Rede Globo no ar	28
2.2.2 Jornal Nacional	35
2.3 MÍDIA E CIDADANIA	46
3 UM OLHAR SOBRE A JUVENTUDE	56
3.1 CONCEITOS PARA JUVENTUDE	57
3.2 JOVENS E MÍDIA	66
4 JOVENS EM FRENTE À TELEVISÃO: A RECEPÇÃO DO JN ENTRE MORADORES DA PERIFERIA SUL DE JUIZ DE FORA	82
4.1 JUIZ DE FORA: UMA GRANDE CIDADE DO INTERIOR	85
4.2 A ESCOLA E OS JOVENS	95
4.3 DISTRAÇÃO E INFORMAÇÃO NA TV	104
4.4 O JN FAZ DIFERENÇA?	116
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	147
LISTA DE ILUSTRAÇÕES	179

1 INTRODUÇÃO

Seja no Brasil ou na América Latina, são numerosos os pesquisadores que se dedicam a relacionar a importância da TV na vida das pessoas, a investigar as mediações no processo de recepção televisiva, bem como a analisar o protagonismo do receptor e a leitura crítica dos meios. Também são vários os estudos que já se empenharam em ouvir adolescentes, de diferentes perfis, sobre como eles recebem as informações midiáticas. Afinal, a juventude encerra um segmento da sociedade que consome informação e entretenimento em abundância e, por esse aspecto, é fato que os membros deste grupo muito têm a dizer sobre os conteúdos veiculados nos meios de comunicação de massa.

E é a fim de colaborar com este campo de pesquisa que propomos, nesta dissertação, direcionar nosso foco para um estudo de recepção entre sujeitos específicos: jovens moradores de bairros da periferia de uma cidade do interior de Minas Gerais, com pouco mais de 510 mil habitantes.

Este trabalho tem como ponto de partida a perspectiva dos Estudos Culturais, acreditando que o receptor das mensagens midiáticas não tem um comportamento passivo. Ao contrário, estabelece suas próprias significações e utiliza muito dos conteúdos recebidos dos meios de comunicação para a construção de sua cultura. De um lado, referências advindas da narrativa televisiva colaboram para a configuração dos indivíduos e, por extensão, das estruturas sociais. Por outro, as formas de retratação da realidade, principalmente das minorias e dos assuntos que lhes dizem respeito, estão diretamente relacionadas à promoção, ou não, da cidadania.

É nesta direção que decidimos averiguar como jovens moradores de bairros da periferia recebem e fazem uso – ou não – do que é exibido no principal telejornal da emissora

de canal aberto de maior audiência no Brasil, o Jornal Nacional (JN). Outro ponto em relevo diz respeito à maneira como o JN contribui para a formação identitária da juventude de arrabalde e para a percepção do que este segmento entende por realidade.

E por que trabalhar mídia e identidade? Por que centrar a investigação no tripé televisão – Jornal Nacional – jovem da periferia? Ora, dentre as temáticas mais discutidas nos últimos anos, encontramos aquelas referentes ao conceito de *identidade*. Instância considerada até então como única, indivisível e estável, desdobra-se em múltiplos fragmentos e amplia significativamente as possibilidades de *ser* no mundo contemporâneo. Pluralização que ganha território fértil com a mídia.

Paralelamente, em uma civilização em transformação acelerada como a nossa, onde os meios de comunicação firmam-se como uma das instituições mais relevantes no processo de socialização dos indivíduos, a televisão há muito deixou de ser um eletrodoméstico – e será que um dia foi? – para tornar-se parte vital do cotidiano popular. Por isso mesmo, precisa ser compreendida como fração orgânica da sociedade.

Uma vez encontrado o *lugar* da TV na vida das pessoas, pensamos também na representação do telejornal para os brasileiros. Dentre uma população com precário hábito de leitura, o noticiário televisivo ganha *status* de *local de orientação*, ao qual homens e mulheres recorrem nas sociedades complexas a fim de obter informações para compreender seu cotidiano, seu mundo. Neste contexto, escolhemos trabalhar com o Jornal Nacional, às vésperas de completar 40 anos de exibição ininterrupta. E se o JN propõe-se a mostrar o que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo, e também a contribuir para o dia-a-dia do cidadão brasileiro, pensamos, então, na sua recepção entre jovens da periferia.

Em aula ainda no primeiro semestre do Curso de Mestrado, em 2007, o professor de Metodologia discorria acerca das fontes de inspiração para nossos estudos. Segundo o docente, uma importante colaboradora para a definição de nossos objetos de pesquisa é a

nossa própria vivência, nosso mundo particular. E é exatamente na experiência diária que esta estudiosa circulou seu objeto: a recepção de um telejornal entre a juventude de arrabalde. Como moradora de um bairro da periferia de Juiz de Fora, muito se sente incomodada com as matérias que se propõem a retratar a periferia e as pessoas que nela residem. Estranheza, aversão e negação são alguns dos sentimentos suscitados pela maioria dos conteúdos veiculados sobre o assunto.

E enquanto jornalista que trabalha em TV e pesquisadora decidiu-se, então, dedicar suas análises à verificação de como a juventude da periferia *vê* o Jornal Nacional e, ainda, como as mensagens recebidas interferem na construção – ou não – de sua identidade e cotidiano. Nossa tônica na recepção faz-se exatamente em reconhecimento aos sujeitos deste trabalho – indivíduos com sua própria história e formação social.

Buscamos em turmas do ensino médio de um colégio público do bairro Teixeiras, periferia sul de Juiz de Fora, os sujeitos desta pesquisa. Diferentes procedimentos metodológicos poderiam ser utilizados em busca das respostas às perguntas levantadas. Diante da gama de opções para o presente estudo de recepção, optamos por combinar duas estratégias: a entrevista fechada e o grupo de discussão. Assim, 283 estudantes, entre 14 e 25 anos de idade – sendo a maioria de 15, 16 e 17 anos –, da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, participaram da primeira etapa desta investigação respondendo um questionário.

Foram formuladas perguntas iguais para todos a fim de obtermos um breve perfil dos alunos - idade, sexo, com quem moram e o que gostam de fazer no tempo livre - bem como verificarmos suas preferências quando o assunto é televisão - se gostam de assistir e a que tipo de programa - e informação - como ficam sabendo dos acontecimentos. A última questão tratou especificamente sobre o JN, com o objetivo não apenas de averiguar se os adolescentes

acompanham o telejornal, mas, também, a partir desta resposta, selecionar a turma onde realizamos, em um segundo momento, o grupo de discussão - ferramenta empregada por entendermos que este tipo de consulta qualitativa confere especial importância às visões do entrevistado.

Os resultados e as análises desta investigação são apresentados a seguir, em mais quatro seções. Na próxima, o capítulo dois, expomos os elementos de fundamentação teórica para este estudo. Traçamos uma revisão bibliográfica sobre identidade e mídia, com subsídios, principalmente, em Stuart Hall, Zygmunt Bauman e Homi Bhabha. Perpassamos uma reflexão sobre a televisão no Brasil e abordamos, neste contexto, a Rede Globo e o seu Jornal Nacional. Encerramos esta parte com uma explanação sobre a vocação cidadã dos meios de comunicação, enfocando, especificamente, o papel do jornalismo como instrumento eficaz de divulgação dos direitos dos indivíduos.

No capítulo três, inicialmente fazemos uma breve explicação sobre juventude a partir de conceitos propostos por estudiosos, especialmente, da Sociologia, abarcando questões como consumo, comportamento e identidade jovens. Nesta seção também nos dedicamos a uma meditação sobre como a mídia, de maneira geral, enfoca os jovens moradores de periferias e avaliamos como a identidade deste grupo é desta forma *re-apresentada* nos meios de comunicação.

O capítulo quatro é dedicado à exposição dos resultados obtidos com os questionários e o grupo de discussão. Relacionamos os dados apurados à bibliografia pesquisada e apresentada nos tópicos anteriores, com o foco nos diferentes sentidos construídos pelos sujeitos juvenis da periferia a partir das mensagens disponibilizadas pelo JN. Para uma melhor compreensão de nossa pesquisa, é no início desta seção que também

contextualizamos a região sul de Juiz de Fora, apresentando informações sobre a cidade bem como sobre a juventude juizforana.

E no capítulo cinco expomos nossas considerações últimas. O resultado final de nossa investigação satisfaz-nos à medida que contrariou o estigma “jovem não assiste jornal, muito menos o jovem da periferia” e revelou um sujeito juvenil crítico e, em geral, avesso às representações feitas das periferias das cidades. Obtivemos um significativo diagnóstico sobre como considerável parcela de jovens se comporta diante de um influente conteúdo jornalístico da televisão brasileira na atualidade.

2 IDENTIDADE, MÍDIA E CIDADANIA

Potentes difusores de ideias e imagens, os meios de comunicação exercem papel fundamental no desenvolvimento de orientações culturais, na fabricação de sentidos atribuídos aos indivíduos, bem como na criação de visões de mundo. Cada vez mais presentes entre os seres humanos, consolidam-se como mediadores da realidade. Pensando em qual seria a função da mídia na sociedade brasileira, evocamos a Constituição Federal, que determina às emissoras de rádio e de televisão a construção de programação que atenda, preferencialmente, à divulgação de conteúdos educativos, artísticos e informativos que colaborem para a promoção da cultura nacional e regional, respeitando valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Sendo assim, nos indagamos: o que é identidade? Qual o papel da mídia, especificamente da televisão – e de um telejornal -, na construção identitária dos indivíduos? E o que cidadania tem a ver com isso tudo? É a partir destes questionamentos que buscamos construir uma reflexão, neste capítulo, acerca dos temas propostos no título.

Nosso ponto de partida é uma revisão bibliográfica sobre identidade e mídia. Em sequência, refletiremos sobre a televisão no Brasil e abordaremos, neste contexto, a Rede Globo e o seu Jornal Nacional (JN). Fecharemos com uma explanação sobre a vocação cidadã dos meios de comunicação, enfocando, especificamente, o papel do (tele)jornalismo como instrumento eficaz de divulgação dos direitos dos indivíduos.

Percorrer tal caminho de pesquisa justifica-se no objetivo desta dissertação: analisar a relação entre identidade, televisão e juventude da periferia,

averiguando, especificamente, a recepção do Jornal Nacional entre jovens estudantes da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, colégio público do bairro Teixeira, na zona sul de Juiz de Fora¹. Pretendemos verificar como as mensagens veiculadas no principal telejornal da Rede Globo são recebidas e contribuem para a construção identitária da juventude da periferia. Há ainda de se destacar a necessidade de verificar se, enquanto telejornal que se propõe a mostrar aquilo que de mais importante se deu no Brasil e no mundo, o JN cumpre papel de responsabilidade social, oferecendo conteúdos que vão colaborar para que jovens da periferia exerçam sua cidadania.

2.1 IDENTIDADE E MÍDIA

Elemento móvel, que pode ser negociado, revogado, de acordo com os caminhos que o indivíduo percorre; um conjunto de representações que dá unidade à experiência humana. Sua primazia é afirmada pela oposição. Assinalada por símbolos, tem na marcação da diferença crucial processo de sua construção. Pode, inicialmente, apresentar fácil definição: aquilo que se é (jovem, negra, brasileira, estudante, pobre). Estamos falando de identidade: posição de sujeito assumida por uma pessoa na interação com o outro, se assim podemos ousar simplificar o conceito.

Derivada da raiz latina *idem* - que significa igualdade, continuidade - a identidade tem uma estreita relação de dependência com a diferença. Uma afirmação de que

¹ A Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, também chamada de *Polivalente de Teixeira* (já que no passado ficou assim conhecida porque oferecia cursos profissionalizantes além da alfabetização, segundo a Superintendência Regional de Ensino), atende, segundo a direção do colégio, prioritariamente alunos dos bairros Teixeira, Bela Aurora, Santa Luzia, Sagrado Coração, Santa Efigênia, Cidade Nova, Jardim Gaúcho, Vale Verde, Ipiranga, São Geraldo, Arco Íris e Previdenciários – todos na periferia sul de Juiz de Fora. Não é a única escola estadual da região, mas uma das principais, com turmas de manhã, à tarde e à noite, dos ensinos fundamental e médio. Outras informações no capítulo quatro.

se é faz parte de uma longa cadeia de negações. Identidade e diferença são criações culturais e sociais, muito dependentes da representação e por meio da qual passam a existir, adquirir sentido (SILVA, T., 2000).

As identidades moldam-se a partir da relação com o outro, com aquilo que não é, com o exterior. Há um jogo de poder e exclusão, negação e aceitação, que vai resultar na estruturação identitária, pois

as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão, a partir do lugar do Outro e que, assim, elas não podem, nunca, ser ajustadas (...) aos processos de sujeito que são nela investidos (HALL, 2000, p.112).

Identificar transpõe o reconhecimento que se faz de traços que caracterizam uma pessoa ou grupo social. Com base na concepção sociológica de estudiosos como Peter Berger (1985) e Erving Goffmann (1985), temos a proposta de identidade como elemento construído a partir da cultura em que se vive e socialmente outorgado, sustentado e transformado.

Diferentemente de outros animais, o ser humano tem uma ocupação distinta do e no espaço geográfico: é aberto para o mundo e tem no ambiente um agente participante de seu processo de crescimento. O indivíduo em desenvolvimento também se relaciona com uma ordem cultural e social específica que vai influenciar na sua formação. Assim, a criança pode não se desenvolver humana se crescer isolada. Além do conhecimento, ela também precisa da socialização.

Ainda na infância, os indivíduos são submetidos à socialização primária, quando são apresentados ao mundo. Neste momento, meninos e meninas apropriam-se do que lhes é mostrado e passam a acreditar serem aquilo que dizem que são. Em uma segunda etapa, a da socialização secundária, temos a interiorização dos mundos institucionais - uma vez que nossa sociedade é complexa e abarca divisão do trabalho e distribuição do conhecimento (BERGER, 1985, p. 69-85).

De acordo com Peter Berger, a ordem social surge como um produto humano, progressivo. E ao mesmo tempo em que o indivíduo cria o mundo, também o experimenta como algo diferente, num cíclico processo: de exteriorização, onde entrega à sociedade o resultado de suas atividades, e de interiorização, onde se sente parte desta mesma sociedade, reconhece-se, identifica-se. Assumir ou receber uma identidade é localizar-se no mundo socialmente criado.

Ao concebermos o mundo como um palco, como sugerido por Goffmann (1985), logo identificaremos que cada sujeito é um ator que encena um papel para o público, este, neste contexto definido como o outro. Deste processo, apontamos duas importantes noções: a primeira dá conta que desempenhar e interiorizar papéis é participar de um mundo social, além de torná-lo subjetivamente real; a segunda refere-se à compreensão de que a representação de um papel será feita de tal forma a levar o outro a acreditar que somos realmente o que queremos parecer ser. Diante dos outros, fazemos uso de valores tidos como aceitos para que sejamos aprovados por quem nos observa. Assim, de um lado, temos a identidade concebida por processos determinados pela estrutura social, de outro, encontramos a estrutura social remodelada ou mesmo modificada pelas identidades criadas.

Também para Zygmunt Bauman (2005), as identidades são elaboradas diariamente, a partir das experiências do indivíduo, das mensagens que a ele chegam bem como dos estímulos do ambiente de seu entorno. No entanto, segundo Bauman, só despertamos para a questão da identidade quando a noção de pertencimento deixou de ser o único fator para a identificação. Por muito tempo, o Estado significava o elemento de unidade nacional: tinha um passado - que se tornava O passado compartilhado por seus indivíduos -, definia, classificava e segregava tradições e modos de vida, por exemplo. Uma vez nascido em determinado país, o indivíduo recebia a identidade daquela nação. A “ficção da natividade do conhecimento” era o instrumento de coerção dos indivíduos e a noção de identidade era

agonística, prolongando o pertencimento devido à ameaça da exclusão. Assim, o Estado controlava as identidades.

Mas, quando a noção de pertencimento entra em crise (o que sou? de onde sou?), coloca em dúvida a interpretação de identidade. Na pós-modernidade - apresentada como modernidade líquida por Bauman (2005) -, a decadência de instituições sociais que até então se prestavam como referência para a construção da sociedade provoca o que Stuart Hall (2006) intitula de crise da identidade. Paisagens culturais de classe, gênero e etnia que no passado forneciam os alicerces para a localização dos indivíduos estão sendo fragmentadas. A identidade do sujeito pós-moderno já não é mais taxada como fixa ou permanente, como acontecia no Iluminismo. Passa-se a compreender que o indivíduo pode assumir diferentes posições, conforme o papel que está representando, gerando um processo de identificação que não é automático, mas pode ser ganho ou perdido ao longo de sua trajetória.

A complexidade da vida cotidiana, atravessada pela globalização que encurta distâncias e conecta comunidades em novas estruturas de espaço-tempo, impõe que assumamos distintas identidades que podem ser conflitantes entre si. Posicionamo-nos frente ao outro de acordo com as expectativas lançadas sobre nós. Neste contexto, temos novas construções identitárias que “flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta (...). Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente” (BAUMAN, 2005, p.19).

Na era líquida-moderna, em que nova roupagem é dada às identidades, muitas vezes, é preciso, por uma imposição da sociedade, estar pronto para abandonar uma identidade e tão logo assumir outra, pois as “identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas” (BAUMAN, 2005, p. 35). As identidades estão permanentemente sujeitas aos deslizamentos e

aos deslocamentos. Elas não são, portanto, unidimensionais; são múltiplas e estão em constante movimento, transformação, nomadismo e tensão.

Conciliar identidades pode não ser uma tarefa fácil, de maneira que estaremos sempre deslocados, ou seja, não estamos totalmente em lugar algum, o que nos coloca na situação de sempre precisarmos dar explicações, por um lado, ou mesmo estarmos em constante negociação, por outro. Nossa localização é contínua em uma região de barganha, de troca, de modo a influenciar nas identidades, que por sua vez tornam-se flutuantes, líquidas, assim como nosso tempo, conforme sugere Bauman.

Homi Bhabha (2005) justifica que o descentramento do sujeito, a partir da queda de conceitos até então rígidos e que serviam de base para a delimitação das identidades (re)conhecidas, colaborou para a percepção de outras categorias identitárias como, por exemplo, aquelas advindas da orientação sexual e da localidade geopolítica. Estas novas identidades surgem, segundo o autor, nos entre-lugares: onde se dá a articulação de diferenças culturais. Para Bhabha, nas relações sociais não há apenas o *eu* e o *outro*, mas, existe, também, um terceiro-espço onde ocorre a negociação.

Neste ambiente de entre - lugares - já que estão ausentes referências e eixo imóvel para os indivíduos – identidade torna-se um conceito sob rasura, como propõe Hall; ou seja, uma palavra cortada, mas que pode ser lida, já que se trata de “uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (HALL, 2000, p.104).

Em meio às sensíveis transformações das experiências identitárias motivadas pelo advento da globalização, contextos sociais e ambientes culturais de regulação e regularidade - próprios da modernidade e da contemporaneidade -, desponta uma reconfiguração social em que a existência do indivíduo é marcada por um *estar na fronteira*, em constante busca de

localização temporal e espacial. Paralelamente, os meios de comunicação de massa consolidam-se como vitrines que servem a fins de composição identitária.

Vivemos na modernidade líquida marcada pelo encurtamento das distâncias físicas, valorização do poder de consumo e presença acentuada da mídia nas relações sociais, fatores estes que vão interferir na questão da identidade. Temos o destacamento do individualismo ao mesmo passo que os diversos sujeitos são submetidos a um discurso controlador, centralizador, onde consumo e mídia ditam regras de comportamento. Em nossas casas, nos dividimos entre as tarefas cotidianas e a parada na frente da televisão para acompanhar mais um capítulo da *novela das oito*. Reunidos na sala, ou cada qual em seu quarto, ficamos expostos às representações contidas em mensagens jornalísticas, de entretenimento ou mesmo publicitárias. Recorrendo a ideias e valores presentes no imaginário popular, a mídia apresenta figuras socialmente úteis que logo são oficializadas em modelos de pronta identificação e visibilidade.

Já é passado o tempo em que família, escola e igreja dividiam sozinhas a responsabilidade na formação dos indivíduos. Esta tarefa também tem sido desenvolvida na atualidade pelos meios de comunicação. Desde cedo – ainda crianças – temos na mídia – sobretudo na televisão – um mecanismo para suprir nossas carências afetivas, espaciais e de relacionamento. A TV, especificamente, tem ocupado lugar cada vez mais destacado nos lares, o que vem colaborando para a transformação dos modos de circulação da informação no seio familiar. Conforme Martín-Barbero e Rey, a televisão

expõe as crianças, desde que abrem os olhos, ao mundo antes velado dos adultos. Porém, ao dar mais importância aos conteúdos do que à estrutura das situações, continuamos os adultos sem compreender o verdadeiro papel que a televisão está tendo na reconfiguração do lar (MARTÍN-BARBERO & REY, 2004, p.55).

Através dos meios de comunicação de massa o indivíduo assimila informações que podem colaborar para a construção de seu conhecimento e identidade, apesar dos meios muitas vezes não reivindicarem para si esta função. Como afirma Martín-Barbero (1987), a

televisão é muito mais uma formadora de imaginários coletivos a partir dos quais os indivíduos se reconhecem do que simples instrumento de ócio e diversão.

Os meios de comunicação exercem papel de fundamental importância no processo de constituição identitária. A mídia intervém no cotidiano das pessoas construindo-o, interferindo no imaginário social coletivo, mitificando a realidade, como defende Roberto Amaral Vieira (1992).

Adriano Rodrigues (2000) apresenta a pós-modernidade como o período em que o sujeito está em constante busca de libertação daquilo que possa limitar suas experiências, sua vivência, seu contato com o outro, com o diferente ou desconhecido. É uma época em que, de acordo com o estudioso, mais do que nunca, evidencia-se a necessidade do indivíduo de soltar-se das amarras do tempo e do espaço. As diferentes culturas são o primeiro alvo desta época: se a totalidade não pode ser experienciada, seria então preciso globalizar as experiências. Assim, as invenções técnicas, ao longo do tempo, refletem a peregrinação humana por ultrapassar barreiras. Pois são estas invenções os mecanismos encontrados pelos indivíduos para seguirem sempre adiante, além.

Se falamos de invenção, esbarramos na televisão como meio de acessar tudo sem estar em lugar algum, apenas na sala da própria casa. Este meio de comunicação sobressai-se como poderoso colaborador do intrincado processo de construção identitária dos sujeitos, fabricando em grande escala modelos para projeção e identificação. Afinal, as mídias audiovisuais têm capacidade suficiente para compor cenários em que novas identidades - também flutuantes - são apresentadas e defendidas.

As representações feitas pelos meios de comunicação são elaboradas por escolha destes mesmos veículos informativos – escolha esta influenciada por uma soma de elementos como, por exemplo, a política editorial da empresa e o contexto da própria sociedade em que está inserido o meio de comunicação.

Goffmann (1985) já nos apontou que as interações cotidianas são as chaves para que as pessoas se reconheçam no mundo. E entre estas interações destacamos, na atualidade, a influência da mídia entre as populações. Em uma sociedade em que as relações entre os indivíduos são crescentemente mediadas, percebemos a importância em apontar como uma realidade apresentada a partir de uma determinada angulação é capaz de formar opiniões e reforçar papéis sociais. Denise Cogo (2004) chama a atenção para mídias como televisão, rádio e Internet que, segundo a pesquisadora, mais do que dispositivos técnicos, são meios que atuam como instâncias de atribuição de visibilidade às ações de outros campos sociais, propondo modos próprios de estruturação de realidades.

Diante do já disposto sobre identidade e mídia, pensamos no papel dos meios de comunicação na formação identitária de um jovem. Segundo Erik Erikson (1987), a juventude é, por excelência, uma fase na qual fazer escolhas é criar e fortalecer identidades. Tensões, situações de medo e coragem forçam o adolescente a escolher um caminho a seguir. Refletindo sobre a relação do jovem da periferia com a mídia, nos questionamos: É possível que um filme, um programa de televisão ou uma reportagem façam a diferença para a valorização da cidadania e garantia dos direitos e dos deveres deste cidadão? Pergunta semelhante foi feita pela apresentadora Regina Case a um jovem morador do subúrbio da França, durante reportagem da série Central da Periferia – Minha Periferia é o Mundo, exibida em 28 de outubro de 2007, no Fantástico, Rede Globo. O rapaz não hesitou em responder que “sim (...), muda tudo”.

Uma reportagem, um programa de TV com novos olhares, aos poucos, poderiam mesmo mudar a visão que se tem de certas realidades? Motivados por esta inquietação, passemos a falar, então, sobre a televisão.

2.2 A TV NO BRASIL... OU, O BRASIL NA TV

*Já foi dito que a Terra era o centro do universo, que era o sol que girava ao seu redor. Já disseram que virgens deveriam ser sacrificadas, que livros não poderiam ser lidos e bruxas mereciam ser caçadas. Já foi dito que o homem era incapaz de voar, ou de chegar ao fundo do oceano. Já foi dito que negros não poderiam entrar, que judeus não poderiam sair, e que só os brancos teriam direito de ir e vir. Já disseram que gênios eram loucos, e que loucos eram brilhantes. Já foi dito que mulheres não deveriam votar, que microorganismos eram lendas e curas eram impossíveis. **Já disseram que a televisão seria apenas mais um eletrodoméstico na sua vida.** Verdades, Canal Futura, 2007.*

No começo, era o cinema. Antecessor da televisão, pode ser considerado matriz do imaginário coletivo brasileiro, exibindo força suficiente para suplantar a realidade existente. Por assim dizer, um filme remete a identidades ao sugerir projeções e suscitar reconhecimento; transporta-nos para o contato com a diversidade e a diferença necessárias à identificação. Conforme Aluizio Trinta (2008), a cinematografia serve a interesses de retratação do espetáculo, de forma que os temas a serem abordados precisam chamar a atenção, causar impacto de alguma forma. A dramaticidade visual e auditiva é requisito imprescindível para a eficácia e potencialização do efeito de realidade inerente à construção de representações sociais das mídias de massa audiovisuais.

E veio a televisão. Junção do vídeo (eu vejo, em latim) e do áudio (eu ouço), união do rádio e do cinema, passou a reproduzir a imagem que antes só existia na *telona*. Com o surgimento da TV, mocinhas e vilões com suas histórias inicialmente apresentadas na grande sala escura dos cinemas foram transportados para a *telinha* no aconchego dos lares. As estrelas saltaram dos filmes para as novelas, passando a fazer companhia diária ao público.

Em setembro de 1950, entrava no ar, no Brasil, a PRF-3 TV Difusora ou Tupi, em São Paulo, sob o comando de Assis Chateaubriand. Menos de um ano depois, em abril de 1951,

era inaugurada a TV Tupi no Rio de Janeiro². Conforme Ivete Cardoso Roldão (1999), o modelo de TV adotado no Brasil desde o surgimento é definido como de livre mercado, de forma que não existe uma tradição ou cultura de televisão não comercial no país. O que se implantou foi um negócio dos mais lucrativos. Em meados da década de 1960, o país já possuía 34 estações de TV e quase dois milhões de aparelhos receptores (BUCCI, 2004, p. 224). Desde então, a *caixinha mágica* vem conquistando os brasileiros, tornando-se cada vez mais presente nos lares e firmando-se como uma mídia de amplo espectro social e largo alcance cultural³.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, em 1991 já havia mais aparelhos de TV (27.650.179) do que geladeiras (23.910.035) nas residências do Brasil. Números mais recentes, da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, PNAD 2006 do IBGE, dão conta de que 93% dos domicílios particulares têm aparelho de TV, 89,2% possuem geladeira, e 87,9%, rádio, sendo a Região Sudeste do país a que mais congrega lares com televisão (96,8%). Em Minas Gerais, são 93,87% dos domicílios com televisor, e 90,85% com geladeira⁴.

De acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística, Ibope, realizada de fevereiro de 2006 a janeiro de 2007, sobre o perfil dos consumidores de TV no Brasil, 14,3% dos telespectadores têm de 12 a 17 anos, 17% têm de 18 a 24; 50,8%, de 25 a 49; e 17,9%, 50 a 64. Mais da metade do público, 52,1%, é de mulheres, e 47,9% são homens. A maioria pertence à classe C (40,2%), que vem seguida pelas A e B (32,6%), D e E (27,2%).

² Nesta pesquisa, optamos por não nos ater a um resgate da história da televisão no Brasil, concentrando-nos, especificamente, em uma reflexão sobre sua presença e evolução na sociedade brasileira. Para histórico da TV, sugerimos ver, entre outros, Sérgio Mattos (2000), Eugênio Bucci (2000 e 2004) e Dominique Wolton (1996).

³ Diversos fatores contribuíram para a centralidade da televisão entre os meios de comunicação no Brasil, como a concentração da propriedade das emissoras, a má distribuição de renda da população, o regime totalitário das décadas de 1960 e 1970, entre outros aspectos que ainda serão apresentados nesta dissertação. É preciso ainda lembrar que até 1988 a legislação que regulamentava as concessões de rádio e televisão no país atribuía poder absoluto ao Presidente da República, conforme Ivete Cardoso Roldão (1999).

⁴ Optamos por destacar os dados referentes à região (Sudeste) e ao Estado (Minas Gerais) onde está localizada Juiz de Fora, cidade na qual residem os jovens entrevistados para esta pesquisa de recepção.

Levantamento da Associação Nacional de Jornais, ANJ, revela que todos os diários somados têm vendagem média de pouco mais de oito milhões⁵ de exemplares, por dia. Em um país onde 45% da população (ou seja, cerca de 77 dentre 172,7 milhões de brasileiros) não têm o hábito de ler, conforme dados da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil⁶, divulgada em 2008, a televisão assume papel central entre as formas de informação e entretenimento dos indivíduos.

Neste contexto, é compreensível a proposição de Eugênio Bucci (2004) de que a própria imagem que o Brasil teria de si mesmo estaria imbricada na televisão, uma vez que a TV consegue dar unidade, ainda que no plano imaginário, a um país com realidades distintas e até contraditórias em suas regiões. Segundo Bucci, muito mais que mostrar lugares ou mesmo trazê-los de longe para muito perto, a televisão tornou-se um lugar em si, encerrando um outro tempo.

A TV como lugar nada mais é que o novo espaço público, ou uma esfera pública expandida. (...) se tirássemos a TV de dentro do Brasil, o Brasil desapareceria. A televisão se tornou, a partir da década de 1960, o suporte do discurso, ou dos discursos que identificam o Brasil para o Brasil. Pode-se mesmo dizer que a TV ajuda a dar o formato da nossa democracia. (BUCCI, 2004, p.31-32)

Assim, na era do audiovisual parece que se segue a lei da visibilidade: só acontece de fato o que aparece na televisão, sendo a TV o lugar do olhar.

Para Eugênio Bucci (2004), as telenovelas são as responsáveis por infundir nos brasileiros o hábito de ver TV, bem como sistematizaram e consolidaram o repertório do cotidiano dos telespectadores, mostrando *como* a população deveria se vestir, decorar a casa e

⁵ Dado do site da ANJ (www.anj.org.br), referente ao ano de 2007. Consulta feita em 20/08/2008.

⁶ O estudo, feito pelo Instituto Pró-Livro e Ibope Inteligência, considerou como universo a população na faixa etária a partir dos cinco anos. A pesquisa foi feita por amostragem, com base em 5,2 mil entrevistas em 311 municípios brasileiros dos 27 estados, no período de 29 de novembro a 14 de dezembro de 2007. O relatório aponta que os classificados como não leitores estão na base da pirâmide social: 28% deles não são alfabetizados e 35% estudaram só até a 4ª série do ensino fundamental. Metade do grupo pertence à classe D e a maioria tem renda familiar de um a dois salários mínimos. A pesquisa indica ainda que os livros religiosos são os que mais atraem esse público: 4,5 milhões disseram ler a Bíblia. Informações disponíveis no site da Agência Brasil www.radiobras.gov.br. Consulta feita em 25/08/2008.

se portar. A primeira telenovela no país - Sua Vida me Pertence - foi lançada ainda na década de 1950. Se anteriormente os folhetins eram exibidos apenas três vezes por semana, hoje são apresentados de seis a nove programas do gênero, por dia, na televisão brasileira, veiculados à tarde e à noite, atraindo todas as classes sociais e faixas etárias. De caráter popular, as telenovelas muitas vezes inspiram-se na realidade, bem como a influenciam, ultrapassam as barreiras do lazer, pautam, inclusive, os jornais e transformam-se em tema de estudos acadêmicos, por exemplo; reflexo do poder e do alcance da TV.

A influência da televisão no país é visível nas ruas onde é possível identificar mulheres, por exemplo, desfilando com calças semelhantes às utilizadas no dia anterior por uma personagem de novela. Ou, ainda, não raro ouvimos em rodas de conversa o debate fervoroso sobre tema lançado no último capítulo do folhetim das sete ou mesmo reportado no telejornal.

E em meio à ficção e ao fato ficou o telespectador. O telejornalismo encaixou-se entre as telenovelas, um e outra pactuam para uma consolidação discursiva da realidade. Em sua tese de doutorado, Iluska Coutinho (2003) demonstra que, se por um lado as telenovelas brasileiras inserem conteúdos informativos e elementos do cotidiano em seu enredo, por outro, o telejornalismo está sujeito a um processo de dramatização. O noticiário televisivo estruturado ao redor de problemas, ações e disputas humanas revela semelhanças com os dramas cotidianos muitas vezes apresentados nos folhetins.

Percebemos nas produções televisivas uma estrutura formal determinante de sentidos e que cada vez mais ganha visibilidade como agente dinamizador de construções identitárias. Roberto Amaral Vieira (1992) defende que a televisão intervém na vida privada dos indivíduos propositadamente, a fim de construí-la. Ao estruturar a realidade, este meio de comunicação também interferiria no imaginário social. No jornalismo, escolher a angulação que será dada a uma notícia, priorizar ou não determinados aspectos, bem como selecionar

como será a transmissão de um fato são ações que revelam como a realidade é construída pela televisão e como esta detém o poder de controle daquela: “o real não é o ocorrido, não é o evento em si, é o real conhecido, como ele foi narrado, e não apenas visto (...), tudo aquilo que não é registrado não é real, não é objeto do meu conhecimento porque não foi noticiado. E, na medida em que noticio, transformo o fato” (VIEIRA, 1992, p. 120).

Para Vieira, a televisão é uma produção coletiva de imaginários coletivos. O pesquisador expõe que a TV nos vende não apenas a moda de calças e blusas, mas também comportamentos, ideologias e sensações. Assim como Vieira, Orlando de Miranda (1992) também atribui à televisão importante papel na formação de mercados homogêneos: ela seria uma fonte de atualização do indivíduo com o seu tempo; ainda que seja uma modernização do e para o consumo.

Inspirando e difundindo padrões de comportamento e opinião, a televisão revela-se, ainda, um liquidificador cultural, envolvendo-nos em uma densa camada que compõe o que Régis Debray (1993) chamou de videosfera: o critério da verdade é a imagem. E as imagens de TV, cada vez mais em alta resolução, propõem-se a levar a própria realidade para dentro das casas. Podemos ser todos embarcados (por vontade própria, ou não?) na ilusão de que tudo que vemos na *telinha* é verdade – já que programas de entretenimento, novelas e filmes revezam-se com os jornais que se propõem a registrar a realidade -, esquecendo ou ignorando, muitas vezes, que televisão é mediação.

Por isso, João Carlos Correia (2005) defende que é cada vez mais significativa a presença dos meios de comunicação na relação entre indivíduo e sociedade. Pois, de acordo com o autor, os seres humanos agem, muitas vezes, a partir dos significados que lhes são atribuídos pela mídia. Através da representação, construções identitárias adquirem sentido. E “quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade” (SILVA, T., 2000, p. 91). Também a linguagem utilizada pela televisão exerce autoridade nas

formações identitárias. Assim como a repetição de enunciados - ideias e conceitos - pode ser comprometedor. Ao dizer algo sobre certas características identitárias de algum grupo cultural, achamos que estamos simplesmente descrevendo uma situação existente, um fato do mundo social. O que esquecemos é que aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo (SILVA, T., 2000, p.93). Pensando no que a TV *fala* diariamente aos brasileiros – aos jovens, particularmente, já que nosso trabalho visa analisar e refletir sobre a recepção do JN por estes indivíduos -, vale enfatizar a observação de Bucci sobre a televisão: “não há um outro veículo que a conteste, ou que se equipare a ela. A TV dá a primeira e a última palavra e, mais que isso, a primeira e a última imagem sobre todos os assuntos” (BUCCI, 2004, p. 242).

Para Martín-Barbero e Rey, que estudam a televisão na América Latina, este meio de comunicação ocupa lugar estratégico “nas dinâmicas da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades” (MARTÍN-BARBERO & REY, 2004, p. 26). E, por isso, os autores concordam que a TV

constitui hoje, simultaneamente, o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular, entendido não como as tradições específicas de um povo, mas a hibridação de certas formas de enunciação, de certos saberes narrativos, de certos gêneros novelescos e dramáticos do ocidente com as matrizes culturais de nossos países (2004, p.26). (...) A televisão é a mídia que mais radicalmente irá desordenar a ideia e os limites do campo da cultura: suas cortantes separações entre realidade e ficção, entre vanguarda e kitsch, entre espaço de ócio e de trabalho (MARTÍN-BARBERO & REY, 2004, p.33).

A televisão dá novo significado à nossa relação com a realidade, à nossa percepção de espaço e de lugar: traz para muito perto o longínquo, de forma que o percebemos muito mais familiar que aquilo que cruza nosso espaço físico rotineiramente. E mais: este processo acontece na experiência doméstica, sem que saíamos de nosso *mundinho*. Neste contexto,

temos a novela e o telejornal como formas projetadas pela televisão para a representação da “comunidade imaginada” (BAUMAN, 2005) na qual vivemos: a nação.

Martín-Barbero e Rey reforçam ainda que a televisão latino-americana convoca as pessoas como nenhuma outra mídia. Poder muitas vezes pautado por uma cumplicidade velada entre mídia e medo. Pois, “se a televisão atrai é porque a rua expulsa” (2004, p. 40) uma vez que, mediante os riscos oferecidos pelo *mundo lá fora*, é preferível ficar dentro de casa, no conforto da sala ou do quarto, vendo o que fora passa: o estresse das avenidas congestionadas, a violência que assola a favela e ameaça o *Centro* das cidades, a precariedade dos bairros de ocupação, e assim por diante.

Pierre Bourdieu (1997) critica duramente a televisão, caracterizada pelo sociólogo francês como “um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica” (p.20), levando apenas os *omnibus* (fatos ônibus) para os cidadãos. De acordo com Bourdieu, ao tentar falar para todos, a TV fala para ninguém, abordando notícias de interesse supostamente coletivo, mas que não chocam, não envolvem disputa, e apenas formam consenso, deixando o indivíduo sem a informação necessária para o exercício de seus direitos (BOURDIEU, 1997, p.24).

Já para o também francês Dominique Wolton (1996), a televisão é fator de identidade cultural e integração nacional. O pesquisador defende a existência do modelo de TV geralista, ou seja, aquela de canal aberto e que tenta se dirigir a todas as classes sociais através da diversidade de seus programas, desempenhando papel central nas sociedades democráticas. Wolton – que assume pensar diferentemente de outros estudiosos da comunicação – sustenta que não há democracia de massa sem comunicação de massa. E somente meios como o rádio e, especialmente, a televisão, seriam capazes de conectar homens e mulheres de um mesmo país, mas de diferentes realidades sociais e culturais. Segundo Wolton, tal modelo geralista de

TV pode ser bem exemplificado com a televisão brasileira, especificamente com a Rede Globo.

Apesar de concordarmos com Bourdieu no que tange ao risco iminente de tentar transmitir um mesmo tema para camadas diversas da população em uma mensagem uníssona, tendemos a nos unir a Wolton no pensamento de que a televisão tem papel decisivo de integração nacional. Não podemos ignorar sua potencialidade de alcançar os mais distintos grupos das contrastantes regiões brasileiras, nem que a TV é um instrumento de percepção do mundo pela população. Ainda que muitas emissoras pouco contribuam ou ignorem a missão de fornecer informações necessárias à prática cidadã, não podemos negar a importância da televisão no país. E mesmo que a produção realmente com foco social e democrático ainda seja muito escassa na TV, é imprescindível destacar e incentivar o que é feito.

Seja como objeto de estudo ou de consumo, a televisão é alvo constante de polêmicas, motivando desde severas críticas a discursos apaixonados, ora por pesquisadores, ora por telespectadores. Falar em televisão, no Brasil, é também falar da Rede Globo, batizada por Dominique Wolton (1996) como um dos “símbolos da identidade brasileira”. Criada na década de 1960, a emissora é nosso próximo assunto a ser tratado.

2.2.1 Plim-Plim... A Rede Globo no ar

Setembro de 2008. Natal, Rio Grande do Norte. A capital potiguar é sede do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Sotaques, lugares, culinária diferentes. Entre palestras e apresentações nos núcleos de pesquisa, é no quarto do hotel que esta pesquisadora surpreende-se em uma interessante experiência diretamente ligada ao presente

estudo: Sudestina e mineira que é, encontra-se *perdida* ao ligar o televisor e acompanhar o RNTV 2ª edição, telejornal da INTERTV, afiliada da Rede Globo. Afinal, esta estudiosa está acostumada ao MGTV e apesar de alguns elementos comuns entre ambos – características exigidas pela Globo aos telejornais de suas afiliadas –, desconhece os repórteres, apresentador e locações das matérias natalenses.

Mas, o estranhamento logo é dissipado quando começa a *novela das sete*. Pronto! Estamos em casa! E a sensação de ambiente familiar aumenta quando entra no ar o Jornal Nacional. Foi como se esta pesquisadora tivesse se transportado, automaticamente, para a sala de sua residência, na zona da mata de Minas Gerais. É isso. A Rede Globo.

Mas, por que tamanha presença na sociedade brasileira? Por que “a gente se vê por aqui”? Precisamos resgatar a história da TV Globo para compreendermos sua trajetória e consolidação, centralidade bem viva desde os anos 1970.

Em 30 de dezembro de 1957, era assinado o decreto n.º 42.946, pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek. O documento outorgou à Rádio Globo S.A. a concessão para organizar uma estação de radiotelevisão na cidade do Rio de Janeiro. No dia 26 de abril de 1965, foi inaugurado o Canal 4, do Rio de Janeiro, com 13 horas de programação diária.

A emissora nasce envolta a polêmicas e denúncias de irregularidades. Através de contrato firmado com o grupo norte-americano Time-Life, a Globo recebeu cinco milhões de dólares, além de assistência técnica. O acordo entre as duas empresas motivou a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito da Câmara dos Deputados, já que a ligação entre ambas apresentava indícios de violação à legislação brasileira, que proibia

ser firmado qualquer convênio, acordo ou ajuste, relativo à utilização das frequências consignadas à exploração do serviço, como outras empresas ou pessoas, sem prévia autorização do Conselho Nacional de Telecomunicações. (Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, artigo 28, § 2.º apud HERZ, 1987)⁷

⁷ Decreto 52.795 de 31/10/1963. Para mais informações, sugerimos Daniel Herz (1987), Carlos Eduardo Lins da Silva (1985).

Foram meses de investigação e coleta de depoimentos até a conclusão do parecer da CPI, que apontou infração da lei brasileira e foi aprovado por unanimidade. Mas, em março de 1967, o Procurador-Geral da República e o Presidente Castello Branco sentenciaram pela legalidade da negociação entre a TV brasileira e a Time-Life. A decisão já explicitava a identificação entre o regime militar e a Globo - esta, eleita a preferida dos governantes do período para atender à “missão de integrar a nacionalidade”.

Em 1969, o grupo Time-Life deixou a Globo, que a esta altura preparava-se para atuar em rede nacional à custa de sofisticado sistema de micro-ondas construído com verba arrecadada pelo Fundo Nacional de Telecomunicações e gerenciada pela Empresa Brasileira de Telecomunicações, a recém criada Embratel. Num jogo de *troca de favores*, se assim podemos caracterizar, a TV, no caso, a Globo, deveria unir o povo brasileiro no plano do imaginário, enquanto a Embratel garantiria a infraestrutura necessária à telecomunicação, conectando o país através de antenas e satélites (BUCCI, 2004; HERZ, 1987; SILVA, C., 1985).

Portadora da missão de integração nacional, uma das prioridades do Estado na década de 1970⁸, a emissora de Roberto Marinho crescia, investia, tinha pessoal com talento artístico e competência empresarial, e assumia o jugo confiado pelo governo, como revelam as próprias palavras de seu fundador:

Procuramos fazer com que ela seja, de fato, um poderoso instrumento de consolidação da unidade nacional. Atingindo praticamente todo o território nacional, acredito ser evidente a contribuição da Rede Globo para a intensificação da difusão e do intercâmbio daqueles conceitos e dados de natureza cultural, social e moral – sem falar na informação pura e simples – que constituem a base do desenvolvimento nacional em todos os campos e em todos os níveis (Roberto Marinho apud SILVA, C., 1985, p.32).

A expansão/consolidação da Globo deu-se, principalmente, a partir da cobertura ao vivo das enchentes no Rio de Janeiro, em 1966, quando seu diretor-geral, Walter Clark,

⁸ Segundo Eugênio Bucci (2004), a missão de integração nacional objetivava “salvar” os brasileiros de influências subversivas externas e internas (estas, os militantes comunistas).

transformou a emissora em central de arrecadação de donativos para vítimas da chuva que assolava a cidade carioca. A ação estratégica da emissora conquistou o público. Em 1969, um incêndio destruiu as instalações em São Paulo, e a empresa teve que gerar toda a programação do Rio de Janeiro. Obra do acaso que deu certo do ponto de vista operacional, tendo sido o esquema antigo de geração abandonado. A TV Globo destacava-se em liderança de audiência, enquanto as concorrentes Excelsior e Tupi degingolavam (SILVA, C., 1985, p.30-33). No final da década de 1980, já era citada entre as maiores redes de televisão privada do mundo. Tornou-se onipresente na vida dos brasileiros, e por isso motiva análises de pesquisadores que a mitificam para o bem ou para o mal. Para alguns, representa avanço tecnológico e econômico. Para outros, abuso de poder.

Atualmente, a Rede Globo possui 121 emissoras, sendo 116 afiliadas e cinco próprias (Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília e Recife), quinteto que reúne, aproximadamente, 18 mil funcionários. A Globo abrange 98,53% do território nacional, alcançando 99,47% da população brasileira em 5.482 municípios, além de exportar seus programas para 130 países. Noventa por cento da programação é resultado de produção própria, sendo quase 48 horas semanais de novelas e programas, e mais de 34 horas semanais de telejornais.

No horário nobre, das 18 às 23 horas, o custo de um comercial de 30 segundos é de U\$\$ 87,630 mil, sendo a audiência de adultos, neste período, de cerca de 23,1 milhões⁹. Segundo o Ibope, em 2006, o *share*¹⁰ era de 53%. Também de acordo com dados do Ibope, em 2006, a Rede Globo era a que mais possuía emissoras no país, como mostram os números:

⁹ Informações passadas em entrevista por telefone, por Viviane Tunner, do Projeto Globo Universidade, no dia 17 de setembro de 2008.

¹⁰ Share – indica o número de aparelhos de TV ligados e sintonizados na emissora, sendo a audiência o indicativo do número de telespectadores.

	1º) Globo	2º) SBT	3º) Record	4º) Band	5º) Rede TV
Norte	26	29	14	10	20
Nordeste	23	13	14	9	6
Sudeste	30	17	12	11	5
Sul	26	11	13	6	3
Centro-Oeste	16	20	23	6	7
Total no Brasil	121	90	76	42	41

Tabela 01

Entre os dez programas de maior audiência na televisão brasileira, segundo pesquisa do Ibope realizada em dezembro de 2006, os dez são da Rede Globo, sendo que apenas um não é produzido pela própria emissora (aquele dedicado à exibição de filmes):

	Programa	Gênero ¹¹	Audiência (%)	Share (%)	Telespectadores (milhões)
1º	Novela 3 (21h)	Telenovela	48	71	36.242
2º	Big Brother	Show	42	66	31.812
3º	A Grande Família	Série	39	62	29.543
4º	Jornal Nacional	Telejornal	38	58	27.224
5º	Novela 2 (19h)	Telenovela	38	59	27.186
6º	Praça TV 2ª Edição	Telejornal	38	62	27.094
7º	Casseta e Planeta	Humorístico	36	56	26.910
8º	Novela 1 (18h)	Telenovela	38	64	26.343
9º	Tela Quente	Filme	34	62	25.906
10º	Zorra Total	Humorístico	34	61	25.890

Tabela 02

É fato que, nos últimos anos, a Globo vem perdendo fatias de público – inclusive, para emissoras que passaram a investir na mesma fórmula da TV de Roberto Marinho: telenovelas, telejornal, shows, filmes -, mas como o próprio jornalista Eugênio Bucci (2004) já constatou, sua centralidade continua.

A Rede Globo dispõe da prerrogativa de prestar-se não exatamente como um meio de comunicação, mas como um lugar, um *topos* nuclear em que a sociedade brasileira elabora seus consensos e equaciona seus dissensos. A Globo é, por assim dizer, um palco do espaço público que ela mesma delimita. Ela soube forjar uma gramática universalizante através da combinação do melodrama (a novela) com o telejornal, num repertório dinâmico em que a nacionalidade se reconhece e se reelabora. (BUCCI, 2004, p. 221)

¹¹ Classificação por gênero informada por Viviane Tunner, do Projeto Globo Universidade.

No dia da sua estreia, em 1965, a Globo já apresentava um esboço da programação que ainda hoje temos no ar: Exibiu o infantil Uni-duni-tê e, em seguida, o telejornal Teleglobo¹², a série Rua da Matriz e a novela Ilusões Perdidas¹³. Em 1966, a emissora passou a transmitir o carnaval carioca e, em 1971, criou o *plim-plim*, som das vinhetas de abertura e encerramento de programas que se tornou um dos principais símbolos da Rede Globo junto à logomarca formulada por Hans Donner, em 1975.

Certo é que televisão é programação. Reúne mais pessoas diante da tela a emissora que mais e melhor investir neste campo – desde o entretenimento ao jornalismo. Sendo assim, sob este aspecto, de imediato encontramos uma pista do sucesso da Globo, cujas condições de produção – que logo de início receberam capital estrangeiro, como já explicitamos anteriormente - acabaram tornando-se inalcançáveis para os concorrentes. A emissora criou uma marca específica nos programas que apresenta, levando ao surgimento do *Padrão Globo de Qualidade* que

esteve sempre apoiado em três requisitos: a manutenção de uma superioridade técnica em relação à concorrência, a manutenção da superioridade econômica na mesma escala e, por fim, uma certa atribuição tácita de inventariar e consolidar os aspectos constitutivos da nacionalidade nas esferas íntima, privada e pública (BUCCI, 2004, p. 229).

¹² Primeiro jornal da emissora, criado por Mauro Salles, então diretor do Departamento de Jornalismo, e dirigido por Rubens Amaral. Era um noticiário com cobertura nacional e internacional, exibido em duas edições de meia hora de duração: a primeira ia ao ar diariamente, às 12h30, e a segunda era exibida às 19h, exceto aos domingos. Além das notícias gerais, tinha três blocos fixos: uma seção com o noticiário esportivo; Teletempo, que apresentava a cobertura meteorológica; e Nossa opinião – editorial de um minuto produzido por Mauro Salles. Em janeiro de 1966, passou a ter uma única edição diária, às 13h (exceto aos domingos); e uma outra edição semanal, que durou até o mês de abril, em que foi apresentado todas as segundas-feiras, à meia-noite (na primeira semana de janeiro foi ao ar em uma terça-feira, às 23h30). Informações do site www.globo.com, *link* Memória Globo. Consulta feita em 5/08/2008.

¹³ Primeira novela da TV Globo, com Leila Diniz no elenco. A atriz interpretava uma vilã e fazia par romântico com Reginaldo Faria. O ator Osmar Prado era o irmão de Leila Diniz na história. Exibida no horário de 21h, no período de 26/04/1965 a 30/07/1965. Produzida pela TV Globo de São Paulo, antiga TV Paulista, comprada por Roberto Marinho. No Rio de Janeiro, os primeiros capítulos de Ilusões perdidas eram levados ao ar às 19h30, de segunda a quarta-feira. A partir de maio, a novela passou a ocupar o horário das 22h, de segunda a sexta-feira. Informações do site www.globo.com, *link* Memória Globo. Consulta feita em 5/08/2008.

Sempre apoiada em técnica e equipamentos avançados, a emissora investiu em telenovelas, lucrando com este tipo de programa que se tornou produto de exportação. Os folhetins têm horário fixo e cativam o público. De Irmãos Coragem (1970) - sucesso em preto e branco - a O Bem-Amado (1973) – que marcou a chegada definitiva da cor à televisão e é responsável pela expressividade da Globo no mercado externo, em 1977¹⁴. Gabriela (1975), Dancin' Days (1978), Guerra dos sexos (1983), Amor com amor se paga (1984), Direito de Amar (1987) e Vale Tudo (1988) são alguns dos muitos títulos de telenovelas globais que fizeram sucesso entre o público brasileiro e ainda hoje são lembradas por quem as assistiu. Ainda, Roque Santeiro (1985), censurada por dez anos até receber liberação para ir ao ar.

Para Dominique Wolton (1996), as telenovelas, especificamente as da Globo, são uma das alianças mais interessantes entre televisão e telespectador: gozam de maior liberdade em seus conteúdos, atraem todos os públicos independente de classe social e posicionam-se como espelho da sociedade, exemplificando o que o autor chama de teoria da televisão como laço social¹⁵.

Temas melindrosos para o telejornalismo poderiam ser abordados na telenovela. Como exemplificou Eugênio Bucci (2004), foi o que aconteceu com O Rei do Gado (1996), que tratava da questão do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, MST, e tinha como protagonista uma sem-terra. Semanas antes da estreia da telenovela, o Brasil registrou o assassinato de 19 cidadãos sem-terra, no interior do Pará, episódio que ficou conhecido como o Massacre de Eldorado dos Carajás. A novela contribuiu para que o debate agrário não caísse no esquecimento e serve de exemplo para a defesa de que “a Globo operou a construção de

¹⁴ O Bem Amado foi exportada para Portugal. Informação do site www.globo.com, *link* Memória Globo. Consulta feita em 5/08/2008.

¹⁵ Conforme Wolton (1996), o laço social significa o laço entre os indivíduos e o laço entre as diferentes comunidades constitutivas de uma sociedade. A televisão, para o estudioso, deve desempenhar o papel de juntar os cidadãos numa mesma comunidade. É a defesa da TV com programação variada a fim de atender os diversos públicos, em contraposição à televisão fragmentada que tentaria concentrar-se em um único assunto, segmentando os públicos.

seu padrão de qualidade tendo, numa das mãos, um telejornalismo governista e, na outra mão, uma escola de telenovelas que às vezes se permitiu ser contestadora” (BUCCI, 2004, p. 230).

E é como um intervalo factual entre a teleficção que foi acoplado o telejornalismo. Na Rede Globo, o seio do horário nobre é preenchido pelo sanduíche novela-jornal-novela, sendo o recheio o JN, nosso próximo objeto de reflexão.

Mas, antes de abordarmos o Jornal Nacional, uma volta às nossas questões levantadas no início deste texto: Por que tamanha presença da Rede Globo na sociedade brasileira? Por que “a gente se vê por aqui”? Por que esta emissora nos faz sentir em casa? Bem, se as respostas ainda não puderam ser coletadas ao longo desta exposição, cabe-nos ainda mais uma proposição: A emissora de Roberto Marinho já nasceu com apoio governamental. Escolhida para mostrar o Brasil para o Brasil, não revelou lugares, mas transformou-se em um lugar em si, que fala de tudo para todos, forjando um espaço de identificação nacional assimilado pela população. O *aqui* onde a gente se vê é, não só a emissora da família Marinho como o próprio Brasil ali *re-apresentado* cotidianamente. Mesmo que não tenha o poder de dominação inquestionável que muitos lhe atribuem, a Globo integra, como nenhum outro veículo, o espaço público nacional brasileiro.

2.2.2 Jornal Nacional

Quando se está diante do Jornal Nacional, noticioso diário da Rede Globo de Televisão, tem-se pela frente um bem simbólico e material produzido em escala industrial (...). O Jornal Nacional é uma espécie de símbolo do início da formidável ascensão da Rede Globo de Televisão ao virtual monopólio da informação no Brasil, condição à qual não chegou sem estreita cooperação do Estado.
Carlos Eduardo Lins da Silva, 1985.

Pela expressividade da Rede Globo no cenário televisivo brasileiro, entre outros motivos¹⁶, é que escolhemos o principal telejornal da emissora para avaliarmos sua recepção entre jovens moradores de bairros da periferia sul de Juiz de Fora. Atualmente, o Jornal Nacional conta com cerca de 30 a 45 minutos de exibição, de segunda-feira a sábado, a partir das 20h15¹⁷. Tem como apresentadores, desde 1998, o casal Willian Bonner e Fátima Bernardes. Detém o intervalo publicitário mais caro da televisão brasileira e é o telejornal líder em audiência no país, segundo pesquisa Ibope¹⁸. Por assim dizer, o Jornal Nacional é “o principal concentrado de notícias servido hoje ao público brasileiro” (BUCCI in TRAVANCAS, 2007, p.10).

No ar desde 1º de setembro de 1969, o Jornal Nacional nasceu para atender a propósitos de integração nacional e sua entrada no ar coincide com o endurecimento do Regime Militar. Exibido entre duas telenovelas, apresenta-se como importante fonte de informação e referência para o telejornalismo brasileiro, fator que também justifica sua escolha para o presente estudo de recepção.

O JN inaugurou a *era do telejornal em rede nacional*, até aquela época, inédito no país, e consolidou um formato fixo, apostando na agilidade da notícia curta, o que mudou o cenário telejornalístico brasileiro. Até então, o jornal em TV possuía outros moldes, como observamos a seguir, ao resgatar um breve histórico do telejornalismo no Brasil.

¹⁶ Desde o início de nossas pesquisas, nos apraz o estudo do telejornalismo. Como esta estudiosa trabalha em uma emissora afiliada da Rede Globo em Juiz de Fora, MG, considerou prudente, para fins de distanciamento e isenção nesta dissertação, escolher um telejornal com o qual não tem interferência direta em sua produção. Afinal, inicialmente esta pesquisadora era uma das produtoras do MGTV e, atualmente, responde como editora-chefe da segunda edição do telejornal local. Assim, evidenciamos um outro motivo para escolha do JN para o presente estudo de recepção.

¹⁷ O tempo de duração e o horário de início do JN podem sofrer alterações em períodos como o de Eleição, em que há exibição obrigatória da Propaganda Eleitoral Gratuita, ou durante o horário de verão.

¹⁸ A título de exemplificação da liderança do JN em audiência: as pesquisas **Top 5: Rio de Janeiro** e **Top 5: São Paulo**, feitas pelo Ibope no período de 1 a 7 de setembro de 2008 e de 8 a 14 de setembro de 2008 verificaram os programas de maior audiência nas regiões Grande Rio de Janeiro e Grande São Paulo, todos os dias, das 6h às 5h59. De cada emissora aberta apuraram-se os cinco programas mais assistidos. Na Rede Globo, o JN aparece em todos os resultados nas duas regiões. E se comparado a outros telejornais citados nas outras emissoras, verificaremos que seus índices de audiência são sempre maiores em relação aos demais noticiários televisivos. Os programas da Rede Globo, em geral, têm maior audiência em relação aos outros. Veja tabelas no Anexo 01. p.147 a 154.

De acordo com Guilherme Jorge de Rezende (2000), o primeiro telejornal brasileiro foi ao ar dois dias depois do nascimento da televisão no país. *Imagens do Dia*, apresentado por Ruy Resende na TV Tupi, Canal 6 de São Paulo, era diário e mostrava fotografias de fatos marcantes do dia ou material audiovisual de acontecimentos ocorridos há até doze horas passadas, já que havia demora na revelação e montagem dos filmes para o telejornal. Foi também na TV Tupi que surgiu, em 1952, o *Telenotícias Panair*. No entanto, conforme Rezende, o telejornal mais importante daquela década foi o *Repórter Esso*, criado em 1952, na TV Tupi do Rio e, no ano seguinte, na emissora de São Paulo. Este telejornal trouxe para a televisão uma adaptação do noticiário radiofônico de mesmo nome, era produzido pela agência de publicidade McCann Erickson, firmou-se no horário nobre por muitos anos e ficou conhecido pelo slogan “testemunha ocular da história”.

Os primeiros telejornais da década de 1950, segundo Rezende (2000), eram precariamente produzidos e carentes de qualidade. Por ausência de recursos técnicos, faltava cobertura externa e o “ao vivo”, direto do estúdio, ocupava quase todo o tempo dos noticiários. Os programas eram, em geral, elaborados e apresentados por profissionais oriundos do rádio, o que ajudava a evidenciar duas fortes características do início da TV brasileira: a herança radiofônica e a subordinação dos programas a interesses dos patrocinadores. Perfeito exemplo disso é o próprio *Repórter Esso*, que estampava no título a influência de seu anunciante (REZENDE, 2000, p.105-106). Outros dois *telejornais-marca* do período foram *Mappin Movietone* e *Ultra Notícias*. Os textos veiculados por estes noticiários dependiam da aprovação dos patrocinadores (COUTINHO, 2003, p. 57).

No início da década de 1960, o telejornalismo brasileiro foi impulsionado pela criatividade e expansão intelectual, além da chegada de recursos técnicos, como o

videoteipe¹⁹, encomendado especialmente para registrar a inauguração da nova capital do país. Porém, como relatou Rezende (2000), o símbolo da mudança foi o Jornal de Vanguarda, na TV Excelsior. Entre as novidades introduzidas na concepção de telejornalismo estava a participação de jornalistas como produtores e apresentadores das notícias. O Jornal de Vanguarda chegou a ser premiado, na Espanha, em 1963, como o melhor telejornal do mundo. Mas o programa não resistiu ao golpe militar de 1964 e foi extinto por sua própria equipe após o Ato Institucional nº 5.

Diante da censura e sob forte interferência política, o telejornalismo padecia com a falta de estilo próprio. As produções de entretenimento na televisão avançavam em linguagem e abusavam dos recursos técnicos. Enquanto isso, o jornalismo na TV assumia de vez o modelo norte-americano: “dispensava-se a participação dos jornalistas como apresentadores e os locutores voltavam a ocupar papel exclusivo na condução dos noticiários” (REZENDE, 2000, p. 108). Com rara utilização do videoteipe, os noticiários televisivos lançavam mão de mapas ou de fotos para ilustração das informações, aproximando-se dos radiofônicos, o que suscitou o questionamento de muitos estudiosos sobre a eficiência do telejornalismo.

Assim,

a televisão brasileira terminava a década cada vez mais alicerçada em três vertentes dos programas de entretenimento de grande apelo popular: as novelas, os enlatados (filmes e séries em sua maioria procedente dos Estados Unidos) e os shows de auditório. No telejornalismo, dois fatos assinalam o começo de uma nova fase: a criação do Jornal Nacional, na Rede Globo de Televisão e o fim do legendário Repórter Esso, na já combalida TV Tupi, depois de anos e anos de existência, muitos dos quais como líder de audiência na televisão brasileira (REZENDE, 2000, p. 109)²⁰.

Como relatamos anteriormente, em 1969 a TV Globo preparava-se para atuar em rede.

E o programa que encabeçava a novidade à época era o Jornal Nacional. No ar em setembro

¹⁹ Segundo Coutinho (2003), a primeira empresa a dispor de videoteipes foi a Rede Globo, com o apoio financeiro adquirido graças ao polêmico acordo com o grupo Time-Life. Nas demais emissoras, a chegada da tecnologia foi lenta e gradual.

²⁰ Para mais informações sobre histórico do telejornalismo no Brasil, sugerimos, entre outros, Iluska Coutinho (2003), Guilherme Jorge de Rezende (2000).

daquele ano, foi transmitido simultaneamente e ao vivo para seis cidades: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Brasília, graças ao sistema de satélite construído com verba arrecadada pelo Fundo Nacional de Telecomunicações, como já exposto na página 30. “O Jornal Nacional da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o Brasil”, foram as primeiras palavras do apresentador Hilton Gomes que abriu, às 19h45, a primeira edição do JN. Na sequência, Cid Moreira anunciou: “Dentro de instantes, para vocês, a grande escalada nacional de notícias” (GLOBO, 2008)²¹.

Conforme Coutinho (2003), nada melhor que um programa jornalístico exibido para todo o Brasil – o Jornal Nacional - para realizar o sonho de integração e de difusão de informações e ideias a todo um país com dimensões continentais. Mas, de acordo com Rezende (2000), em contrapeso às suas virtudes técnicas, o JN “logo no início teve de enfrentar o estigma que perseguiria a TV Globo por muitos anos: a afinidade ideológica com o Regime Militar. (...) A integração nacional pela notícia, via Jornal Nacional, e o endurecimento da ação do governo militar começavam no mesmo dia” (p.110).

Segundo informações que constam no site da própria Rede Globo, o Jornal Nacional “foi o ponto de partida de um ambicioso projeto que pretendia transformar a Globo na primeira rede de televisão do Brasil”. Criado por Armando Nogueira, então diretor do jornalismo da TV Globo, no início, tinha apenas 15 minutos de duração divididos em três partes: local, nacional e internacional.

Para se diferenciar do modelo consagrado pelo Repórter Esso, que sempre terminava com a notícia mais impactante do dia, o JN concluía o seu noticiário com informações leves, de conteúdo lírico ou pitoresco. Essa matéria de encerramento era conhecida como “boa noite”, pois antecedia ao cumprimento de despedida dos locutores (GLOBO, 2008).

²¹ Informação do site: www.redeglobo.com.br, no *link* Memória Globo. Consulta feita em 05/08/2008.

O Jornal Nacional apresentou novidades ao cenário telejornalístico, por exemplo, ao exibir as falas dos entrevistados, uma vez que seu principal concorrente, o Repórter Esso, não tinha som direto. Mas, pelos conteúdos abordados e a forma como eram apresentados, além da estreita ligação com o Regime Militar, o JN foi alvo de críticas. Há estudiosos que afirmam que na década de 1970 o telejornal da Globo ignorava problemas nacionais. Em defesa do JN, a emissora explica em seu site que o noticiário também sofreu com a censura, justificando desta forma a não abordagem ou o enfoque parcial dado a alguns temas, como o sequestro do embaixador norte-americano Charles Elbrick, o discurso do papa Paulo VI sobre os dez anos da encíclica *Populorum progressio* e a missa de sétimo dia do ex-presidente João Goulart - estes dois últimos fatos teriam tido a veiculação proibida.

Ao longo de sua história, o JN teve várias transformações como modernização do cenário, inovação nas vinhetas e mudanças de apresentadores. Passou por crises de credibilidade e algumas coberturas revelaram-se polêmicas, gerando debates que ultrapassaram as arenas do jornalismo em si e ganharam a academia e a sociedade como um todo. Há de se destacar, como exemplo, a cobertura da Campanha pelas *Diretas Já*, em 1984, e o debate entre os candidatos à presidência do Brasil, Fernando Collor de Melo e Luiz Inácio Lula da Silva, em 1989²².

Por sua relevância no telejornalismo brasileiro, o JN já foi tomado como objeto de estudo em diferentes pesquisas acadêmicas. Optamos por destacar, a seguir, aspectos dos trabalhos de Carlos Eduardo Lins da Silva (1985), Iluska Coutinho (2003) e Isabel Travancas (2007), pela relação com nosso presente estudo.

Na década de 1980, Carlos Eduardo Lins da Silva publicou livro resultado de sua pesquisa de doutorado, em que fez uma análise de recepção do Jornal Nacional entre trabalhadores de um bairro de Natal (RN) e de Guarujá (SP), partindo do pressuposto de que a

²² Mais informações em Bucci (2000 e 2004) e em Guilherme Jorge de Rezende (2000).

audiência não é passiva nem alienada. À época, a obra destacou-se pela inovação, já que as pesquisas, até então, eram focadas na produção e na veiculação das mensagens, sendo escassos os trabalhos voltados para a recepção.

Conforme Lins da Silva (1985), a maior ou menor audiência de um telejornal dependerá não necessariamente de sua qualidade, mas principalmente da programação da TV em que é exibido, bem como do poder de alcance da emissora. Não adianta ter um noticiário de excelente qualidade se os programas que o antecede ou sucede atraem poucos telespectadores, por exemplo, ou o sinal da TV que o exhibe chega a poucas cidades.

Dentro desta lógica, a estratégia da Rede Globo quando decidiu lançar o Jornal Nacional em 1969 foi absolutamente perfeita. Aquele seria o programa de prestígio da casa. Para que tivesse uma audiência garantida, ficaria espremido entre duas telenovelas, já então o gênero mais popular e com uma fórmula que se mostraria imbatível ao longo dos anos: às 19 horas, um enredo mais leve e bem humorado e às 20 horas outro mais adulto e dramático. No meio delas, um telejornal que desse à dona de casa o tempo certo para colocar o jantar na mesa e ao chefe da família a chance de inteirar-se, mesmo que superficialmente, dos principais assuntos do dia. (...) A preocupação com o conteúdo era mínima, se não nula. O importante era manter o fluxo da audiência, demonstrar força com um programa que atingisse todo o Brasil ao mesmo tempo e extrair prestígio do noticiário, tanto da parte do público como das autoridades governamentais. (SILVA, C., 1985, p. 35)

Em sua tese, Carlos Eduardo Lins da Silva conclui que a média das pessoas que consomem televisão - e o Jornal Nacional, especificamente - pode reagir (o que não significa que necessariamente reaja) de forma razoavelmente crítica, dependendo do assunto focado e das condições específicas de momento do receptor. Muitos dos telespectadores entrevistados afirmaram que o JN era sua única fonte de informação. Mas, sendo assim, poderiam até deixar de saber algo porque o telejornal não mostrou. No entanto, no dia seguinte, acabariam obtendo a informação, seja na Igreja ou no sindicato, por exemplo.

Com outro enfoque, Iluska Coutinho (2003) também dedicou parte de suas análises ao Jornal Nacional quando pesquisou, para sua tese de doutorado, a organização das notícias em televisão e sua edição nos telejornais brasileiros segundo uma estrutura narrativa característica do drama. A autora evidenciou a existência do que chamou de “Dramaturgia do

Telejornalismo” ao verificar a presença de conflito narrativo, personagens em ação e o uso de lições morais como marca de encerramento das histórias apresentadas em matérias exibidas pelo Jornal Nacional²³. Ainda segundo Coutinho, “o Jornal Nacional sempre ocupou lugar de destaque na sociedade brasileira, podendo ser considerado como uma espécie da arena da vida pública no Brasil” (COUTINHO, 2003, p.61).

Em uma outra vertente, Isabel Travancas (2007) propôs-se a uma pesquisa próxima à que agora realizamos: um estudo de recepção do JN entre jovens universitários do Rio de Janeiro. Travancas entrou na casa de 16 jovens, com média de 22 anos, de diferentes realidades socioeconômicas, para assistir, junto com eles, ao JN.

De acordo com a estudiosa, apesar de o telejornal ser um só para todos, há numerosas formas de recepção do noticiário entre os jovens sujeitos da pesquisa, uma vez que a interpretação de cada um estará diretamente associada aos seus estilos de vida e visões de mundo. A investigação de Travancas também apontou que o Jornal Nacional é referência e fonte de informação para a juventude carioca consultada, mas não a única. A importância do telejornal global divide espaço com as vivências dos jovens, a própria universidade e as redes de relações pessoais e de parentesco.

Ainda em sua pesquisa, Isabel Travancas (2007) constatou que quanto mais pobre e com mais baixa alfabetização, maior o peso da televisão no cotidiano dos indivíduos, de forma que, na sociedade brasileira, pode-se entender a Rede Globo e o próprio JN como “veículos de construção de um imaginário nacional, e seus telespectadores como participantes dessa comunidade” (p.57).

Em entrevista à pesquisadora Isabel Travancas, William Bonner, editor-chefe e um dos apresentadores do JN, definiu o noticiário:

Um jornal factual, que tenta abrir espaço para discussões da atualidade, que te permitam compreender melhor o mundo e o país em que vive e, quando sobra

²³ A pesquisadora também avaliou conteúdo exibido pelo Jornal da Cultura, da TV Cultura.

tempo, a gente insere material jornalístico que te permita respirar um pouco. Dá um 'saborzinho'. Uma arejada no noticiário, para que o programa de televisão seja também interessante (BONNER in TRAVANCAS, 2007, p. 131).

Na mesma entrevista, Bonner explicita que a preocupação do JN é mostrar o que de mais importante se deu no Brasil e no mundo naquele dia e, paralelamente, “atender às nossas necessidades de cumprir um papel de responsabilidade social” (BONNER in TRAVANCAS, 2007, p.130). Para o editor-chefe, todos os conteúdos de caráter social têm espaço garantido no telejornal, “tudo aquilo que pode ajudar o cidadão, não apenas a compreender o mundo, porque isso faz parte das notícias, mas aquilo que faz um cidadão estar atento para ações sociais, para voluntariado, às vezes para a própria saúde, com campanhas de erradicação dessa ou daquela doença” (BONNER in TRAVANCAS, 2007, p.130).

No prefácio à obra de Travancas, Eugênio Bucci reconhece os trunfos que o Jornal Nacional conquistou ao longo de sua trajetória, mas também pondera sobre os desvios no caminho do noticiário. Bucci – com o qual concordamos e engrossamos o discurso - ainda alerta que, por mais que o JN - e a Rede Globo como um todo – cultive valores como responsabilidade social e cidadania, estes ainda são insuficientes para a construção de uma verdadeira narrativa social da informação, tecida pela participação.

O profundo enraizamento do JN na sociedade brasileira fez com que o crítico de televisão atribuísse ao telejornal o manto de “instituição jornalística central no Brasil de hoje” (BUCCI, in TRAVANCAS, 2007, p.11). Pensando nesta posição conferida ao noticiário, entendemos a exigência de um olhar mais atento ao telejornal de rede nacional.

Para Alfredo Vizeu e João Carlos Correia (2008) o telejornalismo representa para os brasileiros um lugar de referência, próximo ao da família, dos amigos; lugar de orientação ao qual homens e mulheres recorrem nas sociedades complexas, a fim de obter informações para entender seu cotidiano, seu mundo. Neste aspecto, recordamos a experiência vivida em Natal por esta pesquisadora e relatada anteriormente: ligar a televisão e poder acompanhar o JN fez

esta pesquisadora sentir-se em casa, mesmo a quilômetros de distância de Minas Gerais, exatamente pelo fato do Jornal Nacional encarnar perfeitamente este lugar relevante e central na construção social da realidade.

A percepção de Vizeu e Correia sobre o desempenho dos telejornais é bem exemplificada pelo JN, que funcionaria “como uma janela para a realidade, mostrando que o mundo circundante existe, está lá e tudo não se transformou num caos, e a vida segue a sua normalidade” (2008, p. 21). Ou seja, a sensação diante do telejornal é de segurança, uma vez que a estrutura do noticiário, a organização das notícias e até mesmo o final com uma matéria *leve* deixariam as pessoas mais *confiantes* e *informadas* sobre o mundo. “O jornalismo, em particular o televisivo, funcionaria como uma espécie de fábrica que tem como uma das suas preocupações tornar comum e real algo que é incomum (não familiar), ou que nos dá um sentimento de não familiaridade” (VIZEU & CORREIA, 2008, p.22).

Frente ao poder de alcance dos telejornais na sociedade brasileira, especificamente do Jornal Nacional - o principal em audiência na televisão brasileira, segundo pesquisa apresentada no Anexo 01, p.147 -, pensamos no impacto que as reportagens veiculadas podem causar na sociedade. Fornecer relatos de acontecimentos julgados significativos e interessantes. Testemunhar, registrar e informar a realidade a quem possa interessar. Sabemos que o objetivo do jornalismo é claro, inicialmente desprovido de complexidade, mas extremamente comprometedor (TRAQUINA, 1993, p. 75).

Isso porque o telejornal apresenta uma realidade descrita a partir de normas e de regras do campo jornalístico. E, como expôs Néelson Traquina (1993), jornalistas não são simples observadores indiferentes dos fatos, mas, colaboradores ativos de um delicado processo de construção da realidade, de forma que “as notícias não podem ser vistas emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; (...). Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (TRAQUINA, 1993, p. 167). Entre tantos

eventos diários, os telejornais selecionam os suficientemente importantes para se transformarem em notícia – mediante critérios jornalísticos e editoriais da empresa de comunicação.

No Jornal Nacional – e em qualquer outro telejornal de emissora comercial –, há de se destacar, ainda, que o cardápio informativo sobrevive, em geral, de matérias que vão satisfazer interesses capitalistas. Por mais que haja um discurso de busca pelo bem comum e interesse público, ao cabo, será priorizado o conteúdo que de alguma forma converter-se-á no retorno de lucro para a empresa de comunicação, processo já bem explanado por *Ciro Marcondes Filho* (1986).

Nesta linha, incorporamos nossa reflexão centrada na recepção de jovens da periferia ao principal telejornal da Rede Globo, sendo nossa preocupação entender o que esta juventude apreende do que é exibido na tela e como este material apropriado vai influenciar – ou não - na constituição identitária destes indivíduos. É nossa motivação compreender como o Jornal Nacional, que fala de tudo para todos, alcança as coletividades juvenis e interfere no imaginário e na visão de mundo destes sujeitos.

Antes de passarmos à seção seguinte, retomamos *Vizeu e Correia* (2008): “Se a notícia televisiva contribui para a construção da realidade social, é possível se afirmar que a informação noticiosa é uma forma de conhecimento” (p. 15). Ao nosso entender, o telejornalismo é potencial fonte de informação sobre os direitos do cidadão. A propósito, falemos, então, sobre cidadania e participação na mídia.

2.3 MÍDIA E CIDADANIA

*É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.
Constituição Federal, Cap. I, Artigo 5º, inciso IX*

Em tempos de franca expansão de meios técnicos, a comunicação apresenta-se como “portadora de um novo direito social, o direito à comunicação” (RAMOS, 2005, p. 245). Entendemos, aqui, o direito à comunicação como a circulação em duplo sentido das informações necessárias para a tomada de decisão por parte do indivíduo frente às questões do seu cotidiano. A comunicação revela-se um processo fundamental para as relações e organizações sociais.

A visão popular de sociedade e política no Brasil advém, prioritariamente, dos meios eletrônicos de comunicação. Em um país onde poucos leem²⁴, a televisão e o rádio assumem papel central entre as formas de informação e de entretenimento das pessoas. Como verificou Bernardo Kucinski,

o Brasil saltou quase diretamente da condição de sociedade escravista de cultura oral para uma sociedade pós-moderna também oral, de rádio e TV. É por intermédio da TV que as classes B, C, D e E percebem os assuntos atuais, adquirem novos hábitos e desenvolvem uma linguagem comum. Quase todas as residências possuem um aparelho de TV e mais de um aparelho de rádio (KUCINSKI, 1998, p. 18).

Diante desta constatação, colocamos em pauta o papel de cada um destes meios – rádio e televisão - para a valorização do indivíduo e de sua realidade. O artigo 221 do Capítulo V da

²⁴ De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, divulgada no primeiro semestre de 2008, três em cada quatro brasileiros não vão a bibliotecas. O levantamento mostrou ainda que 8% dos brasileiros, cerca de 15 milhões de pessoas, não têm nenhum livro em casa. Informações disponíveis no site da Agência Brasil www.radiobras.gov.br. Consulta feita em 25/08/2008.

Constituição de 1988 da República Federativa do Brasil determina que a produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - Preferência à finalidade educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV – respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Frente ao disposto, apreendemos a **vocação cidadã** da mídia, ao menos no campo teórico - uma vez que tal missão nem sempre é exercida em plenitude na prática observável do cotidiano televisivo e radiofônico.

Mas, o que isso tem a ver com cidadania? E o que entendemos por cidadania? De acordo com Maria de Lourdes Manzini-Covre (2001), este tema ganhou repercussão nos últimos anos. Se nas décadas de 60 e 70 o termo tinha conotação pejorativa, hoje a palavra **cidadania** está presente em todas as falas: desde a de quem detém o poder político até às de camadas desprivilegiadas da população, passando pela produção intelectual e pelos meios de comunicação. Uma vez que o assunto tornou-se pauta nos mais diversos grupos, a autora questiona de que cidadania fala cada um destes atores sociais que ocupam posições tão diferentes na sociedade.

Para Manzini-Covre, a cidadania está “relacionada ao surgimento da vida na cidade, à capacidade de os homens exercerem direitos e deveres de cidadão” (MANZINI-COVRE, 2001, p.16). A prática da cidadania perpassa a garantia de direitos civis, sociais e políticos. Segundo Manzini-Covre, a Revolução Francesa evidenciou a proposta de cidadania por representar um rompimento com a ideia de direito associada ao nascimento. A partir de então,

temos em emersão a questão da igualdade de todos perante a lei, a noção de que todos os cidadãos têm direitos, independente de serem ou não nascidos em família nobre.

Os conceitos de igualdade e de cidadania foram disseminados por todo o mundo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, prevê em seu Artigo 1º que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 assegura em seu Artigo 5º que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Cabe destacar que cidadania, bem como seu exercício, não se limita à confecção de leis que garantam direitos e deveres aos cidadãos; mas abrange o **colocar em prática** e até mesmo a discussão de uma legislação, quando esta já não se apresentar mais viável aos indivíduos. Quando falamos em cidadania está imbricada não só a noção de usufruir direitos, mas também a busca, a luta, a reivindicação dos mesmos. Logo, participar é ação fundamental para a cidadania e para o estabelecimento de sociedades democráticas, pois “democracia é um estado de participação” (BORDENAVE, 1992, p. 8).

Ao explicar a cidadania e sua relação com os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, Manzini-Covre exacerba também o papel dos meios de comunicação como ferramentas “fundamentais para a formação da opinião pública no mundo atual” (MANZINI-COVRE, 2001, p. 30), com a capacidade de reforçar ou de abalar a cidadania mediante as mensagens que veicula.

Uma vez que a mídia massiva volta-se, prioritariamente, à preocupação com o lucro em detrimento, muitas vezes, da qualidade de conteúdo, há estudiosos que atribuem aos meios alternativos de comunicação a responsabilidade de valorizar identidades locais e de incentivar a pluralidade de vozes. Cicilia Peruzzo (2007) é uma das pesquisadoras que se dedica ao tema. Para ela, o direito à comunicação - bem como a comunicação para a cidadania - diz

respeito não apenas ao acesso à informação, como também aos canais de difusão de mensagens. De acordo com a autora, a participação e a inclusão dos indivíduos nos processos geradores de conteúdos são fundamentais para o entendimento do direito à comunicação comunitária como direito à cidadania.

Peruzzo (2007) apresenta os movimentos populares como espaços legítimos de busca cidadã, uma vez que as organizações nascidas no seio do povo visam defender os indivíduos que são privados de seus direitos. Ao longo de seu processo de constituição, segundo a autora, os movimentos populares viram despontar a necessidade de utilizar os meios de comunicação como aliados na defesa de seus interesses. É neste contexto que a pesquisadora propõe a comunicação comunitária como potente via para as organizações populares, por desempenhar

um papel importante da democratização da informação e da cidadania, tanto no sentido da ampliação do número de canais de informação e na inclusão de novos emissores, como no fato de se constituir em processo educativo, não só pelos conteúdos emitidos, mas pelo envolvimento direto das pessoas no quefazer comunicacional e nos próprios movimentos populares (PERUZZO, 2007, p. 3).

A comunicação comunitária como via de cidadania é legítima. Mas, ressaltamos, também, a mídia de massa, tradicional, como robusto espaço para valorização de identidades. Uma vez que alcança a totalidade da população, o conjunto jornal-rádio-TV torna-se forte canal para divulgação de mensagens que realcem o cidadão. Isto pode acontecer através do que Carlos Eduardo Lins da Silva (1986) chama de “brechas da indústria cultural”, ou seja, espaços através dos quais “é possível fazer passar para o público conteúdos diversos e, algumas vezes, contrários aos interesses das classes dominantes” (SILVA, C., 1986, p. 52).

Em rádio e TV, por exemplo, reconhecemos as *brechas* apresentadas por Silva em programas, quadros e reportagens que procuram informar aos indivíduos sobre seus direitos (por exemplo, aposentadoria, pensão, consumidor, trabalhistas, etc.), que oferecem esclarecimentos sobre doenças (alerta sobre a dengue, AIDS, febre amarela, câncer, etc.), que

mostram ações positivas da comunidade em favor do bem comum, que dão voz ao cidadão permitindo que ele denuncie situação de exploração ou descaso com a pessoa humana.

Para que cresçam as *brechas* na mídia tradicional, o cidadão também tem seu papel. Por um lado, o ofício do comunicador, do jornalista, é inquestionável e imprescindível para a abertura destes espaços. Afinal, são os profissionais de mídia que estão diretamente envolvidos na escolha daquilo que será publicizado, daquilo que será informado. E, em contrapartida, participar, sugerir, reclamar, reivindicar e pautar também são funções de quem está do outro lado da tela, do papel ou do rádio. A democratização da comunicação, a nosso ver, passa também pela tomada de consciência do indivíduo da sua responsabilidade enquanto agente nos processos comunicacionais. Não basta reivindicar o acesso aos meios de produção se, na base, falta a iniciativa popular de interferência.

Esta participação necessária à cidadania pode se dar de várias formas. Desde um telefonema para uma emissora de TV para sugestão / crítica de uma pauta até a efetiva elaboração de uma mensagem a ser veiculada em um meio de comunicação comunitária – ou, quem sabe, nas *brechas* abertas por algumas emissoras para veiculação de produções alternativas. O importante é ter consciência da necessidade de ação, de envolvimento, mesmo na mídia tradicional. Afinal, “o conteúdo dos meios de comunicação muda na medida em que muda o panorama da luta de classes na sociedade e no seu próprio interior” (SILVA, C., 1986, p. 31).

Retomando a questão do acesso à comunicação, e pensando especificamente a informação jornalística, nos deparamos com a possibilidade de implementação de “um direito que assegura outros direitos, confere condições de igualização de sujeitos e oferece visibilidade ao poder e ao mundo” (GENTILLI, 1995, p. 158).

Para Victor Gentili (1995), é inquestionável que a informação é uma necessidade social. Em uma sociedade onde o acesso à realidade ocorre prioritariamente via meios de comunicação,

o jornalismo, como um processo de reconstrução da realidade concreta, é fundamental e indispensável para a vida do homem moderno: para que ele se localize no mundo, em seu país, em sua cidade, situe-se diante do conjunto de circunstâncias que o cerca, organize sua vida a partir do conhecimento do volume de oportunidades que lhe são oferecidas, tome suas decisões e faça suas escolhas a respeito dos assuntos que lhe interesse (GENTILI, 1995, p. 199).

É importante destacar que haverá cidadãos mais informados na medida em que maior for o número de jornais, bem como mais plurais. Assim, o direito à informação jornalística deve ser pensando como um direito de todos, sendo os conteúdos veiculados em quantidade e qualidade de modo a favorecer o melhor julgamento possível de cada um.

Ao jornalista, cabe a compreensão da relevância de seu trabalho, pois este profissional acaba por exercer o papel tanto de mediador como de representante do próprio povo. É o resultado do seu trabalho que irá conferir visibilidade ao mundo. E as formas de retratação da realidade, principalmente das minorias e dos assuntos que lhes dizem respeito, estão diretamente relacionadas à promoção, ou não, da sua cidadania.

Enquanto focamos a necessidade de uma mídia cidadã, por outro lado também sabemos que os grupos sociais, principalmente os privados do pleno gozo de direitos civis, sociais e políticos, querem falar, querem ser ouvidos. Reportagem veiculada no dia 28 de outubro de 2007, na série Central da Periferia – Minha Periferia é o Mundo, exibida no Fantástico, da Rede Globo, exemplifica bem a ânsia de voz de camadas populares. Em uma visita a Clichy, subúrbio da França, Regina Case conhece Ladji, morador do local, membro do coletivo Kourtrajmé e autor do filme 365 dias em Clichy. Ao longo da reportagem, temos exacerbadas questões referentes à cidadania, ao jornalismo e ao acesso aos meios.

A caminho de Clichy, Regina Case faz questão de tornar pública a expectativa da equipe: no subúrbio da França, jornalista não entra - o motivo desta proibição só será revelado no meio da matéria. A equipe brasileira só conseguiria esta *façanha* porque teria agendado a visita ao local com um documentarista que conhece o lugar. Mas, no ponto combinado, o *guia* não apareceu. Por conta e risco, a reportagem seguiu caminho e chegou à entrada da periferia. Logo o carro da reportagem foi interceptado por jovens moradores de Clichy e a equipe teve que interromper a gravação.

Para conseguir a simpatia do grupo francês, Regina conta que teve a ideia de mostrar o programa Central da Periferia gravado na Cidade de Deus. Segundo a reportagem, quando os jovens identificaram “a Cidade de Deus do filme”, a equipe conseguiu entrar. A entrevista se passa em uma rua onde aconteceram violentas revoltas em 2005, envolvendo jovens e polícia. Case rememora as imagens que ganharam as TV’s de todo o mundo: carros queimando, juventude revoltada com pedras nas mãos. Questionado por Regina sobre o motivo do conflito, Ladj respondeu que Clichy é um dos subúrbios mais problemáticos da França e que a revolta teria começado depois da morte de dois jovens. Na época, um pronunciamento, na televisão, do Ministro do Interior defendendo os policiais teria sido o estopim para a polêmica.

Um ano após a revolta, jornalistas de várias partes do mundo voltaram a Clichy. Mas a comunidade, segundo o entrevistado, não queria ver jornalistas, já que ao longo de 12 meses foram veiculadas apenas reportagens que desmereceram a imagem dos moradores do local. Várias câmeras, inclusive, teriam sido roubadas para inibir a entrada das equipes de reportagem.

Ao longo da entrevista, foram inseridas imagens da revolta. Mas, a própria Regina Case chama a atenção para a diferença entre as cenas exibidas em sua matéria e aquelas veiculadas na ocasião do transtorno. Segundo a jornalista, as imagens mostradas na série

Central da Periferia – Minha Periferia é o Mundo são do filme 365 dias em Clichy, dirigido e produzido pelo Ladj.

Quando ele chegou ali, exatamente, tinha um monte de carros queimando, uma multidão, gente gritando, a polícia. Ele pegou a câmera, começou a filmar. É isso. O filme dele é o ponto de vista de quem tá dentro. Esta que é a diferença. Não como o que a gente viu na televisão. Um jornalista nunca ia conseguir fazer isso. (CENTRAL DA PERIFERIA, 2007)

A reportagem ainda mostra o cartaz do filme, onde Ladj segura uma câmera como se fosse uma arma.

Ele disse que a câmera para ele é uma arma. Se naquele dia ele não tivesse com uma câmera na mão, de repente ele estaria jogando pedras em alguém. Mas como ele tinha uma câmera, ele pode se expressar, fazer um filme e, de certa maneira, foi uma arma até mais eficaz. (CENTRAL DA PERIFERIA, 2007)

Regina Case perguntou ao jovem, o que ela deveria destacar de Clichy, já que outros jornalistas só mostraram o lado negativo. O rapaz respondeu que o local “tem muitas coisas positivas. As pessoas lá são mais solidárias e é um lugar interessante, com 30 nacionalidades diferentes, árabes, negros, paquistaneses, turcos, muitos artistas. Só isso já é muito legal” (CENTRAL DA PERIFERIA, 2007).

Já encerrando a entrevista, Case indaga Ladj sobre a eficácia da mídia para valorização das pessoas, da cidadania:

Você acredita mesmo que um filme, um programa de TV pode mudar as coisas? Ele disse que sim. Mas, com o tempo. É preciso que tenha ainda outros programas. Mas que hoje em dia com uma câmera, uma digital, você pode fazer seu próprio filme, editar na sua casa, usar Internet. Eu perguntei se isso mudava muito. Ele disse que muda tudo. (CENTRAL DA PERIFERIA, 2007)

Sobre a reportagem, destacamos ainda duas questões específicas, entre tantos elementos presentes ao longo da narrativa: Primeiro, a necessidade e ânsia da periferia em se revelar sob um olhar diferente. No caso, o olhar de seus moradores, otimista, que não busca apenas as mazelas e o lado ruim da periferia, mas que aspira mostrar o que há de bom e peculiar ao lugar. Como o próprio Ladj relatou a Case, “um jornalista nunca ia conseguir fazer

isso”. É o desejo confesso de voz daqueles que, em geral, veem-se *re-apresentados* negativamente e pouco espaço têm para contestar as representações pejorativas muitas vezes construídas pela mídia.

Para mostrar o *lado diferente*, o acesso e o domínio de meios de produção de comunicação são uma alternativa, como o próprio Ladj aponta quando diz que com uma digital na mão é possível disponibilizar na Internet visões plurais sobre um mesmo assunto – sobre a periferia, por exemplo. E é neste ponto que encontramos o segundo aspecto a destacar da reportagem. Um filme, um programa de TV com novos olhares, aos poucos, podem mudar a visão que se tem de certas realidades.

E com uma digital na mão, por exemplo, a mudança pode começar agora - é o que entendemos da fala do jovem de Clichy. É a câmera como uma arma a favor da cidadania. A possibilidade de participação e intervenção no mundo socialmente criado pelos meios de comunicação, pela televisão. Neste exemplo, mostrar a periferia francesa sob o viés da violência - aliás, representação comum às periferias de todo o mundo - é desvalorizar a comunidade que lá vive, roubando-lhe, inclusive, a dignidade e a cidadania. No exemplo do subúrbio da França, o grupo de jovens expõe a consciência de que é possível agir e mostrar um outro retrato da periferia. É uma iniciativa de quem cansou de ver-se mal representado. É a busca da cidadania.

Discutir cidadania e mídia é questão que salta aos nossos olhos na atualidade, já que é cada vez mais intensa a presença dos meios de comunicação na sociedade. Se as minorias quiserem ver-se representadas é preciso que lhes seja concedida – ou, que assumam - a função de agentes na produção comunicacional. Assumir sua cidadania e desejar que ela seja valorizada e reforçada na mídia é ratificar seu papel enquanto protagonista na Sociedade da Informação.

É a busca do direito de não apenas receber, mas também de produzir ou colaborar para a produção das mensagens. Não apenas ser a pauta, mas dar a pauta, principalmente quando se trata das minorias. O (tele)jornalismo, especificamente, revela-se como uma potencial via de promoção da cidadania, podendo permitir ao indivíduo (re)conhecer seus direitos e seus deveres.

Nesta perspectiva, também nós – a exemplo do jovem Ladj – respondemos à pergunta feita por Regina Case: entendemos que programas de televisão, ou uma reportagem, podem **sim fazer a diferença** para a valorização da cidadania e garantia dos direitos e dos deveres do ser humano. Concordamos também que a mudança é lenta, gradual, mas pode ser impulsionada por meios alternativos de manifestação – a Internet, por exemplo. O caminho para a mídia cidadã, voltamos a reforçar, começa na iniciativa de cada indivíduo.

Que esta reflexão sobre a vocação cidadã da mídia somada às explanações anteriores acerca de identidade, televisão, Rede Globo e seu Jornal Nacional tenham criado o contexto ora necessário ao presente estudo de recepção. Construído o cenário, apresentaremos, a seguir, os atores - os jovens -, a fim de dar mais um passo em nossa investigação sobre como os conteúdos apresentados no JN contribuem – ou não – para a construção identitária da juventude da periferia.

3 UM OLHAR SOBRE A JUVENTUDE

O que é juventude? Apenas uma faixa etária? Uma representação sociocultural? Potencial força de transformação da sociedade? Uma construção social reforçada pela mídia? Como conceituar este grupo, para muitos, marcado pela instabilidade e, por isso, também definido como um problema social? Seria apenas a etapa da vida humana em que se efetua a transição da criança para o adulto? O significado, certamente, é elástico e se faz necessário antes de apresentarmos nosso estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens estudantes de um colégio da periferia sul de Juiz de Fora.

Neste capítulo, inicialmente, traçaremos uma breve explanação sobre juventude a partir de conceitos propostos por estudiosos, principalmente, da Sociologia. Abarcaremos nesta discussão questões como consumo, comportamento e identidade juvenis. Em uma segunda etapa, nos dedicaremos a uma reflexão sobre como a mídia, de maneira geral, enfoca os jovens moradores de periferias. Concentrar-nos-emos em avaliar como a identidade deste grupo é *re-apresentada* nos meios de comunicação.

Nosso objetivo é expor, a seguir, um olhar sobre a juventude, seja do ponto de vista da Sociologia - que se esforça incessantemente por definir este segmento -, ou do ângulo de visão da mídia - que cotidianamente *re-apresenta* definidores culturais e identidades para este grupo. A intenção é que os aspectos gerais apresentados neste capítulo sirvam de suporte para as questões que serão levantadas no próximo.

3.1 CONCEITOS PARA JUVENTUDE

Entre a infância e a vida adulta, o presente que prepara o futuro. Utilizando, inicialmente, uma visão extremamente simplória, poderíamos dizer que é neste vão que se encontra a juventude. No entanto, é certo que este segmento abrange outros significados e até conflitos. Para entendê-lo, além do aspecto da transitoriedade, também é preciso considerar a noção de projeto – sendo a juventude o período de construção de uma vida adulta *sólida* – e a de crise e ruptura – fase de conflitos por compreender a necessidade de tomada de decisão, de fazer escolhas.

Segundo Juliana Thimóteo Nazareno Mendes (2008), a juventude é socialmente construída e, por isso, variável conforme o contexto social e histórico em que os seus sujeitos estão inseridos, sendo também um grupo suscetível às diferenças de gênero e etnia dos indivíduos que o compõem. Só por estes elementos, poderíamos acrescentar um *s* ao termo juventude, uma vez que já se evidencia a existência de *várias juventudes*: a da periferia, a negra, a católica, a juizforana, por exemplo.

Concordamos com Mendes (2008) e entendemos a juventude como uma fase de transição em que as transformações biológicas dos seres humanos são acentuadas e dão origem às mudanças psicológicas e sociais que marcam o processo de saída da infância para o ingresso no mundo adulto. Várias ciências debruçam-se ao estudo deste período, inclusive utilizando diferentes termos para identificá-lo, como puberdade (Ciências Médicas), adolescência (Psicologia e Psicanálise) e a própria designação juventude, mais empregada pelas Ciências Sociais. Em geral, são concepções que têm como base um critério etário que, em resumo, corresponde às idades de 14 a 24 anos.

À parte a definição de juventude por idade, há dentre os estudiosos da Sociologia divergências no que diz respeito à delimitação desta categoria. Como já sugerido no primeiro parágrafo, este grupo abrange diversos campos significativos associados às inúmeras formas de olhá-lo.

José Machado Pais (1993), ao fazer uma resenha bibliográfica sobre as diversas percepções de juventude, apresenta duas principais correntes teóricas: a geracional e a classista. Na primeira, relacionada à fase da vida, a juventude é tomada como faixa etária – como já apresentado; enquanto na segunda é demarcada a partir de aspectos socioculturais. O autor também levanta a questão da juventude como um problema social, um grupo complexo, muitas vezes marcado pela instabilidade: desemprego, falta de moradia e até marginalidade.

Se os jovens não se esforçam por contornar esses problemas, correm mesmo riscos de serem apelidados de irresponsáveis ou desinteressados. Um adulto é responsável, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo); ou habitacional (despesas de habitação ou aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos (PAIS, 1993, p.24).

Ou seja, esta fase de transição para a vida adulta significa conflito – social, pessoal e também familiar - para o indivíduo que não consegue corresponder – por motivos diversos – às expectativas nele depositadas pela própria sociedade em que vive.

No que tange ao comportamento juvenil, Pais (1993) propõe que a juventude tem uma capacidade típica de *interconectividade*, de aproximação e afastamento de estranhos. O jovem está constantemente experimentando, circulando, trocando de lugares e de afetos. Os estilos mais exóticos de alguns grupos (por exemplo, a maneira de vestir-se) seriam sinais de reação, de uma cultura juvenil utilizada para desafiar consensos dominantes. “As culturas juvenis teriam sempre um significado político. Os rituais dessas culturas acabariam sempre por manifestar uma capacidade de resistência, ganhando e criando espaços culturais” (PAIS, 1993, p.49).

Aqui, definimos cultura como um conjunto de significados compartilhados, a reunião de símbolos específicos que apontam para a pertença em um determinado grupo, uma linguagem específica, rituais através dos quais a vida adquire sentido. Tomando por base o citado no parágrafo anterior, já nos posicionamos na defesa de que há diferentes grupos de jovens, cada qual compartilhando significados diferentes e cada um a seu modo, inclusive nos casos em que há coincidência étnica, de classe, gênero e localidade.

Outro pesquisador, Luís Antônio Groppo (2000), propõe

definir a juventude como uma categoria social. (...) Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social (...). Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo, é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000, p.7-8)

Assim, sob esta conceituação, afastaríamos a simplificação de juventude como um conjunto coeso, já que este grupo “trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas” (GROPPO, 2000, p.8). Para o autor, é importante compreender que as transformações e as vivências sociais da juventude servem de iluminadores para o entendimento das metamorfoses da própria modernidade²⁵ em aspectos como arte e cultura, lazer e mercado de consumo.

Em uma outra perspectiva, tomando a juventude como um sintoma da cultura, a psicanalista Maria Rita Kehl (2005) apresenta a categoria como “um estado de espírito, é um jeito de corpo, é um sinal de saúde e disposição, é um perfil do consumidor, uma fatia do mercado onde todos querem se incluir” (KEHL, 2005, p. 89-90). Isso se deve, resumidamente,

²⁵ Em seu estudo, Groppo (2000, p.34) trabalha com “modernidade” a partir da perspectiva de Max Weber (que, para além de um processo de transformações contínuas, apresenta a concepção de modernidade burocratizante, racionalista, secularizadora e desencantadora) e de S. N. Eisenstadt (modernidade universalista). Para mais informações, sugerimos Groppo (2000).

a dois fatores básicos. Por um lado, a competitividade do mercado e a escassez de emprego colaborariam para que o indivíduo prolongasse seu *status* de *jovem*, dependente da família e apartado de decisões importantes. Por outro, a juventude ganhou prestígio, revelou-se consumidora potencial e por isso passou a ser tratada sob o viés da *cidadania*.

Kehl faz uma dura crítica à difundida “sociedade do ter para ser o sujeito reconhecido”, na qual “ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa” (KEHL, 2005, p. 92). Do ponto de vista da psicanálise, o consumismo encontra mercado fértil entre os jovens porque eles se apegam aos *objetos-fetichê* utilizados para sustentar o crescimento do corpo. Ora, a necessidade de consumir surge a partir da demanda imaginária tão coercitiva quanto qualquer necessidade biológica, sendo os objetos dotados de *poder* de realização pessoal.

Mas, ainda segundo a psicanalista, as consequências da transformação do jovem em fatia do mercado são alarmantes. De um lado, a associação entre juventude e consumo favorece o florescimento de uma cultura juvenil extremamente hedonista. Temos o indivíduo – que não é criança e nem adulto - desfrutando de todas as liberdades da vida madura, mas poupado de quase todas as responsabilidades. Há, ainda, outro fator preocupante, conforme Kehl: com a difusão da sociedade *teen* e o espelhamento dos próprios adultos nestes ideais, os jovens ficaram sem parâmetros para pensar o futuro. Como ingressar no mundo de *gente grande* onde nenhum adulto quer viver? Afinal, estariam na família (pai e mãe) os primeiros reguladores do comportamento juvenil (GONÇALVES, 2005, p.211).

Jurandir Freire Costa (2005) apresenta a moral do prazer para justificar a cultura consumista divulgada entre os jovens: se antes a realização pessoal estava no *ser*, hoje está em *sentir prazer*, prazer este insuficiente sexualmente e, por isso, conseguido através do consumo

de objetos, estando assim o sujeito disposto a comprar. Os objetos seriam os meios encontrados para alcançar os fins desejados (COSTA, J., 2005, p. 83).

Para Jurandir Costa, a juventude tem duas saídas neste panorama: em um primeiro momento, render-se ao consumismo, ou, numa postura mais ousada, opor-se à corrente e voltar-se para o outro, envolvendo-se, por exemplo, em trabalhos de organizações não governamentais. Escolher. Optar. Novamente a questão *decidir-se* ressalta na discussão sobre juventude. O fato de estar diante da necessidade constante de dar respostas às novas questões apresentadas pela fase da vida em que se encontram deixaria os jovens em constante conflito.

Para Letícia Vianna (1992), a juventude pode ser definida sob duas perspectivas: a primeira, como obrigação e integração social dos indivíduos – tida como a fase de transição entre a não responsabilidade (infância) e a responsabilidade social plena -, e a segunda como necessidades existenciais de massa – um “complexo de representações na mídia, cujos signos e símbolos são manipulados no domínio do consumo e introjetados por cada pessoa, que lhes dá um sentido específico” (VIANNA, 1992, p.2). Ambas as perspectivas têm relação com ideias de outros pesquisadores já esboçadas nesta reflexão.

O que nos chama a atenção na proposta de Vianna é que ela nomeia um novo conceito para o *ser jovem* associado a padrões de beleza e comportamento: a *idade-mídia*, ou seja, uma categoria trans-etária incorporada e difundida pela cultura de massa. De acordo com a autora, a juventude conceituada pelos mensagens veiculadas nos meios de comunicação aparece enquanto um modelo ético-estético para qualquer indivíduo, independente da idade. A imagem juvenil é concebida como padrão de normalidade em contrapartida à velhice, estigmatizada como categoria etária liminar entre a vida e a morte.

Uma outra forma de perceber a juventude é através de seus deslocamentos na cidade e circuitos de lazer, como o faz José Guilherme Cantor Magnani (2005). O autor apresenta os resultados de um trabalho com jovens de São Paulo e suas práticas culturais e relações de

troca e conflito no contexto urbano de uma grande metrópole. Para Magnani, a juventude é o resultado da dinâmica de comportamentos dos diferentes grupos que circulam pela paisagem urbana.

Assim, haveria diversos circuitos de jovens que são apresentados pelo pesquisador através de um estudo etnográfico. Magnani (2005) explica quem são os homens e mulheres que compõem cada grupo, quais seus *hábitos* e por quais lugares da cidade circulam, onde frequentam, de forma que se traça um mapa dos circuitos dos jovens urbanos. Não nos ateremos a detalhar todos estes aspectos, mas listamos os grupos identificados pelo autor: os *straight edge* (uma variante do movimento *punk*, mas contrários ao uso de droga e consumo de álcool, à permissividade sexual e à homofobia); os adeptos das baladas *black* e das rodas de samba (reúne tanto negros como brancos, de diferentes classes sociais, mas em espaços diferentes. Há os lugares com ingresso mais barato, por exemplo, que concentram a maioria negra e com baixo poder aquisitivo); os *boys* e *streeteiros* (jovens que dançam *street dance* e os que dançam *break dance*); os frequentadores de *raves*; os forrozeiros universitários; os instrumentistas; os pichadores; os evangélicos e carismáticos; e os góticos. A dinâmica dos circuitos de jovens só reforça a existência de várias juventudes, ou das várias maneiras de ser jovem, como apresentado no início deste capítulo.

Enquanto Magnani (2005) trabalhou com os deslocamentos dos jovens nos espaços urbanos, Hebe Signorini Gonçalves (2005) investigou sobre o que pensa a juventude quando o assunto é a sua própria realidade social. Ela apresenta dados de uma pesquisa realizada com 1.300 jovens na região metropolitana do Rio de Janeiro. Rapazes e moças foram questionados sobre quais seriam os principais problemas da juventude, no entender deles. Entre os temas mais citados nas respostas despontaram violência, droga e tráfico. É interessante refletir, ainda que brevemente, sobre como estes jovens entrevistados percebem seus enfrentamentos e o seu cotidiano. Para eles, a polícia não cumpre seu papel de segurança e seria, em grande

proporção, responsável pela violência juvenil, junto com o Estado - que não disponibiliza os equipamentos sociais necessários à juventude. Já a família seria a instituição responsável pela formação do caráter dos indivíduos. E a droga não estaria, necessariamente, ligada ao tráfico, mas seria uma opção individual de quem é *cabeça fraca*, sendo o *cabeça forte* aquele que é consciente das dificuldades que tem que superar para realizar seus projetos – afinal, a juventude seria a fase de planejamento da vida adulta.

Por isso, Erik Erikson define a juventude como um período de crise, etapa em que

as regras da dependência infantil começam a cair. Não é mais o velho que ensina ao jovem o significado individual ou coletivo da vida. É o jovem que, por meio de suas respostas e ações, diz ao adulto se a vida, da maneira como é representada pelo idoso e representada pelo jovem, tem significado. E é o jovem que carrega em si o poder de confirmar aqueles que o confirmam, de renovar e dar nova vida, ou de reformar e de se rebelar (ERIKSON apud GUNTHER²⁶).

Sendo a juventude uma etapa da vida em que o sujeito estaria em constante guerra interna (“não sou criança, mas também não sou adulto”; “posso fazer certas coisas, outras não”; “tenho que me preparar para conseguir ingressar no mercado de trabalho, caso contrário serei um fracassado”; etc.), a batalha principal, segundo Erikson, seria a da formação identitária. A maior crise a ser enfrentada pelo jovem, seria a da identidade.

Ela ocorre naquela fase da vida em que cada jovem deve estabelecer para si mesmo certas perspectivas centrais e certa direção, alguma unidade de trabalho além dos vestígios de sua infância e das esperanças da sua antecipada idade adulta. O jovem deve descobrir alguma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e entre o que sua consciência afiada lhe diz que os outros julgam e esperam que ele seja (ERIKSON apud GUNTHER).

Esta crise de identidade inerente à juventude – apresentada por Erikson – ganha fôlego quando percebemos que, além do conflito próprio de sua fase de vida, os jovens ainda têm que enfrentar e conciliar suas mudanças com as alterações que também acontecem, velozmente, no mundo em que vivem. Pois, conforme explica Carmen Leccardi (2005), as

²⁶ Texto *Adolescência e Projeto de Vida*, de Isolda de Araújo Gunther, sem data, disponível em <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap09/cap09.htm> Consulta feita em 29/07/08.

instituições sociais ainda cadenciam os tempos do cotidiano, mas já não existe mais a garantia aos sujeitos da continuidade biográfica. Antes,

tornava-se adulto, em sentido pleno, aquele que tivesse percorrido o trajeto que previa, em uma sucessão rápida, “etapas” como a conclusão dos estudos, a inserção no mundo do trabalho, o abandono da casa dos pais para morar independentemente, a construção de um núcleo familiar autônomo e o nascimento dos filhos. Hoje, embora esses acontecimentos ainda devam, em algum momento, verificar-se, desapareceram tanto sua ordem e irreversibilidade como a moldura social que lhes garantia seu sentido global (LECCARDI, 2005, p. 48).

Partindo do conceito *eriksoniano* de crise, Carla Araújo (2001) defende que as identidades juvenis são formadas a partir das tensões vividas pelos jovens, situações de medo e coragem que forcem o adolescente a escolher que caminho seguir. Ao fazer uma opção, o sujeito estaria retomando pontos de sua história, significando experiências anteriores e construindo sua identidade.

Tendo a violência como pano de fundo das relações juvenis, Araújo (2001) faz uma reflexão sobre como atos de brutalidade experienciados e testemunhados na periferia interferem na construção identitária de jovens moradores do subúrbio de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. A estudiosa conclui que ser ou não reconhecido enquanto habitante da favela é uma situação conflituosa para o adolescente: se assumir-se morador da periferia, ele terá tranquilidade para andar pelas ruas do bairro, por exemplo. Mas, por outro lado, este reconhecimento pode provocar constrangimentos no adolescente frente à possível discriminação da sociedade ao ser revelada sua identidade enquanto oriundo de um lugar pobre e associado, em geral, à criminalidade.

De acordo com Araújo, “quanto maior a violência, maior será o medo e menor será a satisfação com o bairro, a ligação com o lugar, o espírito de comunidade, a identificação com os outros, a disponibilidade para ações coletivas e para a cooperação” (ARAÚJO, 2001, p.151). A violência vivida na periferia interfere no processo de autorreconhecimento por

influenciar nas representações do jovem diante da sociedade, na forma como ele vai se *re – apresentar* para o outro.

Chegar à juventude e não poder fazer escolhas compromete a afirmação identitária, afetando, também, o sentimento de *ser alguém no mundo*, como explicita Araújo. A estudiosa apresenta a ideia de que assim como temos várias juventudes solidificadas de acordo com o contexto sociocultural, assim também os adolescentes²⁷ têm várias identidades: pessoal, familiar, escolar, social, etc. Por isso, para pensar a identidade do jovem da periferia, a autora propõe que pensemos as diferentes formas com as quais este indivíduo apresenta-se para a sociedade.

A fim de explicar a origem da violência entre os jovens da periferia, Araújo recorre a Enriquez (1990), para quem os atos violentos significam uma forma do indivíduo proteger-se contra a possível desintegração do próprio ego. Reagir abruptamente seria um meio de proteção às ameaças externas, quando o indivíduo sente-se frágil e impotente. Nós concordamos com Araújo ao pensar se não seriam exatamente impotência e fragilidade as características da juventude da periferia. Impotente por não se sentir capaz, muitas vezes, de mudar a própria sorte, a própria história; e frágil porque está vulnerável a todos os males sociais. Ante este quadro, agir com agressividade seria, infelizmente, a solução encontrada. Assim, chegaríamos ao jovem que agride para não ser agredido.

A violência, para Araújo (2001), permeia a estruturação da identidade na medida em que não deixa o jovem ser autêntico, não o deixa opinar, falar, expressar-se. Como expõe a autora, “os sujeitos influenciam e são influenciados pelos contextos sociais, locais e globais” (ARAÚJO, 2001, p.155). E se a imagem que o outro faz de um indivíduo jovem interfere na construção identitária deste jovem, da mesma forma a representação que a mídia faz da juventude da periferia vai interferir na estruturação da identidade dos membros deste grupo.

²⁷ A partir de agora, quando utilizarmos os termos *adolescente* e *adolescência* o faremos como sinônimo de *jovem* e *juventude*.

Passamos, então, a refletir sobre juventude e mídia e, especificamente, sobre os jovens da periferia na mídia.

3.2 JOVENS E MÍDIA

Imagens estereotipadas em relação à juventude - ora associadas à transgressão e à delinquência, ora à apatia ou ao consumismo - começam a ser derrubadas a partir do momento em que a mídia apresenta uma produção instigante e criativa voltada para os jovens e sobre os jovens. Meios de comunicação comprometidos com a juventude podem colaborar para o desenvolvimento da capacidade crítica dos integrantes deste segmento, bem como para o incentivo e fortalecimento de novas lideranças.

Se o acesso à informação qualificada é direito de todo cidadão, e se a participação responsável da mídia concorre para o avanço na construção de relações sociais mais justas - principalmente na garantia de oportunidades àqueles que estão em situação de vulnerabilidade e exclusão -, entendemos que monitorar o conteúdo jornalístico voltado para os jovens é contribuir para a consolidação da cidadania destes mesmos jovens.

Em *Maiorias Adaptadas, Minorias Progressistas*, Gustavo Venturi e Vilma Bokany (2004) fazem um esclarecimento sobre os resultados da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, divulgada em 2004, e uma crítica aos jornais e às revistas que teriam interpretado equivocadamente os dados, levando à construção errônea da imagem do jovem brasileiro como conservador, careta e passivo politicamente.

Por exemplo, no que se refere ao suposto conservadorismo comportamental e político, uma análise precipitada de estatísticas parciais teria originado a conclusão de que a geração

jovem atual é alienada, senso que foi partilhado pelos principais veículos impressos brasileiros. No entanto, Venturi e Bokany explicam que “os problemas de leitura dos dados atuais se relacionam, em boa medida, à (...) falsa premissa de que toda uma geração anterior de jovens tivesse rompido, nas esferas política e comportamental, com os padrões da época” (VENTURI & BOKANY, 2004, p. 354). Os autores argumentam que se na década de 1970 tivesse sido realizada uma pesquisa entre a juventude, revelar-se-ia um grupo muito mais conservador que o atual, sendo que, à época, apenas uma minoria teria abraçado valores da contracultura. Mas, a própria mídia se encarregou de propagar que os jovens da década de 1970 foram revolucionários, assim como agora esta mesma mídia diz que a juventude atual é apática.

Em números, para outra exemplificação do equívoco cometido pela mídia, segundo Venturi e Bokany, temos o destaque dado à suposta preferência da maioria dos rapazes e moças por permanecer na casa dos pais. Na edição de 5 de maio de 2004, a revista Isto É estampou como manchete os 82% dos jovens que continuariam residindo com os pais, mesmo se pudessem “decidir, agora, sem se preocupar com qualquer coisa” sair do lar paterno. De acordo com os estudiosos, a pergunta sobre este item só foi feita a 70% dos entrevistados que ainda moravam com os pais. Assim, 82% de 70% equivalem a 57% da totalidade dos abordados na pesquisa. Mesmo assim, neste valor ainda estavam somados os 27% que “esperariam mais um tempo para mudar”. Com estas considerações, é possível chegar a real taxa de 30% dos jovens que não estão dispostos a enfrentar a plena autonomia e pretendem continuar residindo com os pais.

Outro resultado cuja interpretação parcial favoreceu conclusões equivocadas é com relação à segurança pública e ao combate à violência. As estatísticas apontam para jovens que são a maioria dos agressores e, ao mesmo tempo, a categoria mais atingida pela violência. Por

exemplo, um em cada cinco jovens já foi assaltado pelo menos uma vez, e 46% afirmam ter perdido algum amigo ou parente de forma violenta.

Em suma, conforme Venturi e Bokany (2004), as escolhas dos jovens refletem, na verdade, as opções da maioria da sociedade onde estão integrados, sendo “mais correto dizer que a juventude atual, como a de ontem, está atenta, e não alienada do meio em que está inserida” (p. 359). Por isso, reforça-se a importância em acompanhar os conteúdos voltados para jovens e os que falam sobre o jovem. Afinal, é certo que os meios de comunicação podem interferir na realidade social juvenil, propagando padrões de comportamento e criando grupos e definidores culturais – como o fizeram jornais e revistas ao reportar os resultados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira.

O Relatório A Mídia dos Jovens (2005), da Agência de Notícias dos Direitos da Infância, ANDI, e do Instituto Votorantim, apresenta uma análise detalhada de edições de 2002, 2003 e 2004 de revistas e de suplementos de jornais dirigidos a adolescentes. Foram avaliados dados como os temas mais abordados nas reportagens, as fontes de informação mais consultadas e os espaços que se dedicaram a ouvir a voz dos jovens.

O relatório explicita que a comunicação para a juventude impõe desafios aos veículos, como, por exemplo, a busca por uma linguagem sedutora para atrair este público para o que ele lê, ouve ou assiste. Outro obstáculo à mídia jovem seria a desvalorização desta editoria, que figuraria entre as primeiras a sentir o impacto de crises que fragilizam financeiramente as empresas de comunicação. Para valorizar e fortalecer o jornalismo voltado para adolescentes é que a ANDI passou a publicar, a partir de 1997, análises dos conteúdos direcionados para o público juvenil.

No início das pesquisas da ANDI, foi constatado que as pautas de entretenimento e comportamento praticamente reinavam absolutas nas revistas e cadernos para a juventude. Mas de 1997 a 2004 observou-se uma diversificação do leque de assuntos, que passou a

incluir desafios propostos para os jovens brasileiros – evidenciando que os profissionais de jornalismo têm, sim, capacidade de encontrar soluções criativas para uma prática jornalística adequada ao perfil de seus cadernos e revistas. De acordo com o Relatório (2005), um dos fatores que contribuíram para superar a visão do jovem como simples consumidor de moda e lazer foi o diálogo que esses veículos passaram a estabelecer com projetos sociais nos quais os adolescentes atuam como planejadores e agentes.

Para o monitoramento de suplementos de jornais e revistas, a ANDI criou um Índice de Relevância Social²⁸ capaz de medir o compromisso do veículo em ampliar a cobertura de temas que ajudem o leitor a compreender a realidade em que vive. Em 2004, entre 9.117 matérias classificadas, 57,54% foram consideradas de relevância social, sendo a temática *educação* a que sempre ocupou as primeiras posições nas pesquisas. Entre as fontes de informação mais usadas nas matérias, houve considerável evolução na consulta a representantes de organizações da sociedade civil e do poder executivo. Governo e organizações não governamentais obtiveram espaço garantido, paralelamente à forte presença de jovens e especialistas como fontes das matérias. Por outro lado, segundo o Relatório, a visão da família ainda é pouco retratada nas publicações juvenis. Uma das justificativas seria o receio de perder a identidade com o público adolescente, como se a presença de pais e mães nas matérias fosse um signo de *caretice* e descaracterizasse o veículo como voltado para a juventude.

Por fim, o Relatório (2005) apresenta ainda uma breve análise sobre a programação de TV voltada para a juventude. Mesmo sendo o jovem integrante de um público cobiçado pelos anunciantes, as emissoras de TV ainda pouco se dedicam à programação específica e de

²⁸ O Índice de Relevância Social é avaliado a partir da quantidade de matérias publicadas sobre assuntos como Educação, Cultura, Atualidades, Trabalho, Saúde, Temas de Diversidade (Etnia, Gênero, Deficiência, etc.), Política (Eleições, Políticas Públicas, Voto Facultativo Adolescente), Participação / Protagonismo Juvenil, Informática & Internet, Sexualidade, Projetos Sociais, Drogas, Violência, Família, Mídia, Direitos & Justiça, Gravidez, Aids & DST, Meio Ambiente. Temas não relevantes (complementares): Lazer & Entretenimento, Moda & Beleza, Comportamento (2005, p.16-19).

qualidade para estes indivíduos. Quem está nas telas – sejam produtores de programas ou jornalistas - defende-se justificando que cabe à audiência juvenil reagir ao que lhe é oferecido e exigir criatividade na programação, como se o “dedo do telespectador adolescente” fosse “dotado de superpoderes para, no caso de se deparar com um programa medíocre, mudar de canal e deflagrar uma revolução qualitativa” (RELATÓRIO A MÍDIA DOS JOVENS, 2005, p. 50). Mas, “para que esses superpoderes fossem efetivamente exercidos, seria necessário que o público contasse com um nível elevado de educação e de vivência cultural. Em suma: a programação é ruim porque a formação que a sociedade oferece aos adolescentes deixa muito a desejar” (RELATÓRIO A MÍDIA DOS JOVENS, 2005, p. 50). Por outro lado, também se deve atribuir aos profissionais de comunicação parcela de responsabilidade pela qualidade da programação voltada aos jovens. Cabe ao comunicador, ao jornalista, a compreensão da relevância de seu trabalho, já que é o resultado de sua atividade que irá conferir visibilidade à sociedade e seus membros.

Uma outra pesquisa da ANDI, intitulada Mais Janela que Espelho (2008), verificou a percepção de adolescentes com deficiência sobre os meios de comunicação na Argentina, no Brasil e no Paraguai. O estudo ouviu, em entrevistas individuais e grupo focal, 67 meninos e meninas, com idades entre 11 e 13 anos, de renda baixa e média alta. A conclusão do estudo é desanimadora quando se deposita nos meios de comunicação a expectativa de contribuição para a cidadania. Afinal, de acordo com o levantamento, o jovem com deficiência pouco se reconhece na programação convencional das emissoras de TV.

Em geral, os sujeitos da pesquisa deixaram transparecer que sabem diferenciar conteúdos adequados e inadequados para certas faixas etárias e queixaram-se, espontaneamente, do excesso de violência e de *baixaria* que muitas vezes ganha a tela. Quando incentivados a imaginar o que fariam se fossem donos de uma emissora de televisão, a maioria respondeu que alteraria a programação, priorizando atrações como telenovelas,

desenhos e filmes. Sobre os telejornais, argumentaram que interfeririam na elaboração de pautas positivas sobre pessoas com deficiência.

E, o que mais nos instigou na conclusão:

Por se reconhecerem pouco na programação da tevê, os adolescentes com deficiência não têm na televisão um espelho, mas uma janela. Por isso, em várias ocasiões, os jovens (...) compadeceram-se mais com situações de miséria e exploração de crianças nas ruas, do que com adolescente com dificuldades de inserção social devido a alguma deficiência. (MAIS JANELA QUE ESPELHO, 2008, p. 6)

Para verificar a representação juvenil nos principais meios de comunicação da cidade mineira Juiz de Fora, Lahni, Pereira e Silva (2008) analisaram o conteúdo de quatro veículos: o portal Acessa.com, o jornal impresso Tribuna de Minas, o telejornal MGTV (TV Panorama – Rede Globo) e o noticiário da Rádio Solar. Foram acompanhadas as edições de 11 de fevereiro a 5 de março de 2008 das referidas mídias, a fim de identificar como a juventude foi apresentada à sociedade ou excluída dos espaços midiáticos.

De uma maneira geral, observou-se uma abordagem limitada sobre juventude, ficando a pauta basicamente restrita ao tema educação – especificamente ao ensino superior, uma vez que parte do período de análise dos conteúdos coincidiu com a volta às aulas na Universidade Federal de Juiz de Fora. Também se constatou que os jovens muito pouco foram usados como fontes. Paralelamente, a angulação da maioria das reportagens dava enfoque aos adolescentes de classe média, tornando os de classes populares ainda mais invisíveis nos informativos.

São vários os tipos ideais veiculados na mídia contemporânea que definem a imagem da juventude; modelos referenciais e diferenciais que necessariamente não correspondem a todos os indivíduos do grupo em questão. Muitas vezes, os mais espetaculares e marginais aspectos da cultura juvenil são os pontos de vista que, prioritariamente, interessam à mídia, colaborando, por sua repetição, para fazer da juventude uma construção social que existe mais como representação do que como realidade. Assim sendo, preocupa-nos o enfoque dado à juventude moradora das periferias das cidades: que lugar lhe é conferido na mídia?

Por exemplo, no filme *Cidade de Deus* (2002), de Fernando Meirelles, é construído um discurso sobre a realidade no qual se acentua que o papel do jovem da periferia está restrito, em geral, ao banditismo e à marginalidade. O desenrolar da obra revela a reconstrução de lembranças e a construção de uma memória comunitária, a memória da Cidade de Deus, através das histórias contadas por Buscapé – todas envolvendo, de alguma forma, jovens, transgressão e drogas. Sendo o processo narrativo importante ferramenta para a estruturação das identidades, entendemos que mesmo tratando-se de uma obra de ficção, as imagens de juventude contidas em *Cidade de Deus* reverberam preconceitos enraizados no imaginário coletivo brasileiro.

As representações que ganham visibilidade no filme ajudam o espectador a criar sua imagem sobre este território que, veridicamente, tornou-se um dos mais perigosos do Rio de Janeiro no começo dos anos 1980. Mas, assistindo à obra de Meirelles, não temos acesso ao local em si, mas ao espaço construído via mediação. É um acesso aos fatos por meio de um discurso que pode originar uma falsa realidade, uma visão inadequada das histórias narradas.

Além de reforçar os papéis sociais conferidos aos jovens da periferia, o filme apresenta desfecho que ratifica a falta de opção para a classe subalterna frente à sua realidade: conviver com o banditismo e a marginalidade até a morte – esta, natural ou por assassinato em meio à guerra pelo tráfico de drogas. Apenas um personagem, Buscapé – o narrador do filme – tem destino diverso. Ao descobrir na fotografia um dom, depara-se também com a sua profissão. Em uma releitura da proposta de Peter Berger em *A construção social da realidade* (1985), inferimos que a mídia constrói identidades juvenis e as joga para a juventude, que pode ou não reincorporar estes *tipos* (MAIA, 2007b).

- **O jovem suburbano na mídia – da periferia dos bairros para o centro das páginas policiais**

Briga de gangues – jovens são baleados ao sair de baile funk e Polícia investiga possíveis formações de facções são as manchetes de capa dos jornais impressos mineiros Panorama e Tribuna de Minas, respectivamente, de 29 de março de 2005. No dia seguinte, o assunto volta a ocupar a primeira página dos referidos veículos: *Gangues - Estudante é atingido por dois disparos de bala depois de ser perseguido por cerca de 20 integrantes de uma gangue* (Panorama) e *Polícia cria força-tarefa contra gangues* (Tribuna de Minas). Junto às chamadas, estão estampadas imagens de rapazes com os rostos cobertos, apontando para marcas de bala no corpo, ou de jovens com pedras nas mãos, prontos para um confronto. Por que tais situações, relacionadas a jovens da periferia de Juiz de Fora, ganharam tamanho destaque?

Conforme constatou José Machado Pais (1993), os órgãos de informação, muitas vezes, retratam culturas juvenis como ameaçadoras para a sociedade. No entanto, a maioria dos jovens não se identifica parte integrante desta construção recorrentemente evidenciada pela mídia. Diante do papel dos meios de comunicação na configuração das estruturas sociais, assim como frente aos efeitos provocados na sociedade pela recepção das matérias jornalísticas sobre a juventude da periferia, emerge o questionamento acerca da atuação da mídia na transformação da realidade: onde está a fronteira entre a retratação fiel das culturas juvenis das periferias e a construção de sentidos para estes jovens que atraem, na maioria das vezes, a atenção dos jornais não em razão de seu cotidiano, mas, sim, por causa do “quadro sinistro de vida, que supostamente levariam sob a forma de uma organização própria: as gangues” (ALVIM & PAIM, 2000, p. 15)?

Com a propagação de mazelas juvenis de arrabalde pelos meios, há o risco da juventude periférica ver apenas aspectos negativos de sua realidade retratados. Esses jovens das classes populares, atingidos pelos efeitos da degradação social, reiteradamente são focados sob as óticas da violência, da miséria ou do bizarro.

Em 2004, uma briga envolvendo adolescentes moradores de bairros do entorno da Universidade Federal de Juiz de Fora (Dom Bosco, São Pedro, Adolpho Vireque) virou manchete nas páginas policiais de jornais da cidade mineira. O confronto ocorreu dentro do campus da UFJF, em um domingo, durante projeto aberto ao público. Situação que deixou a comunidade acadêmica extasiada, pois o *espaço do saber* não poderia transformar-se em um *campo de batalha* entre jovens. Era preciso planejar uma forma de melhor convivência no campus. A partir disso, o Polo de Suporte às Políticas de Proteção à Família, à Infância e à Juventude, ligado à Faculdade de Serviço Social, reuniu-se para pensar um projeto que, ao menos inicialmente, atendesse à juventude do entorno da Universidade. Foi assim que surgiu o UFJF: Território de Oportunidades, um programa multidisciplinar, que agregou oficinas de várias áreas do saber, como Educação Física e Comunicação Social, por exemplo, sempre focadas na valorização da identidade jovem, bem como na cidadania destes indivíduos (CASSAB, 2006).

A primeira edição do programa, em 2005, atendeu 31 rapazes e moças do Instituto Dom Orione (bairro Dom Bosco) e da Escola Municipal Ademar Resende (bairro São Pedro), com idades entre 15 e 18 anos. Principalmente nas oficinas da área da Comunicação Social, os jovens eram sempre questionados sobre o que assistiam na TV, ouviam nas rádios e liam nos jornais e revistas. Quando falavam sobre sua própria realidade, recorrentemente era manifestada a insatisfação quanto ao enfoque que as matérias jornalísticas davam sobre seus bairros, cotidiano, comportamentos. De uma maneira geral, os adolescentes sempre se

mostravam descontentes com reportagens que, segundo eles, só os revelava numa perspectiva negativa.

Rosilene Alvim e Eugênia Paim (2000) analisam o modo de construção de um grupo - as *ganguês*- e a participação da mídia neste processo. Para as autoras, a descrição da realidade juvenil das favelas e periferias é feita a partir das percepções particulares dos jornalistas, sendo questionável a representação dada pelos veículos informativos, uma vez que as notícias são produzidas a partir de narrativas que ficam à escolha do profissional jornalista, além de serem submetidas à tão conhecida - pelos repórteres - pirâmide invertida, com direito à seleção, exclusão, acentuação ou até mesmo à omissão de informações.

As autoras concentraram-se na análise da juventude da periferia carioca, examinando o fenômeno do *arrastão* ocorrido no Rio de Janeiro, em 1992, e que evidenciou os grupos de jovens da periferia. Segundo as estudiosas, um confronto entre frequentadores de bailes funk integrantes de grupos rivais, entre as praias de Copacabana e Ipanema, deixou em pânico comércio e população local. O episódio teria durado cerca de 20 minutos, envolvendo uma média de 20 jovens em cada grupo, segundo depoimento de banhistas. Ainda de acordo com a versão das estudiosas, não houve registro de mortos nem de feridos e uma queixa foi registrada na delegacia.

Para Alvim e Paim (2000), o que houve depois do acontecido foi a construção do *arrastão* pela mídia, o que se deu com a explosão de manchetes nacionais que chamavam para matérias cujos conteúdos responsabilizavam os confrontos de galeras pela eclosão da violência no Rio. O que se viu, leu e ouviu foi uma sucessão de reportagens enfatizando o pavor que jovens da periferia teriam levado ao domingo carioca: *Arrastão: galeras do funk levam pânico nas praias* - Jornal do Brasil de 20 de outubro de 1992; *Medo esvazia as praias no feriado; Quadrilhas no comando; Turismo perde US\$ 600 mil por dia* (ALVIM & PAIM, 2000, p. 25).

De acordo com as autoras,

a mídia amplificou ao máximo o ocorrido, e não se pode aquilatar o quanto pode ter exagerado na construção da imagem dos jovens suburbanos como arruaceiros e vândalos, e o quanto essas imagens exerceram o que Champagne (1993) chama de 'efeito de evidência da cobertura da mídia'. O jornal torna-se, então, o termômetro do arrastão. As matérias não obedecem ao padrão de ouvir posições diferenciadas, não deixando de acusar os jovens das gangues, ouvidos apenas quando o que tinham a dizer comprovava, por um efeito de dublagem, as teses que o jornal desejava impor (ALVIM & PAIM, 2000, p. 25).

As estudiosas criticam as representações destes jovens puramente como delinquentes, já que não se sabe realmente quem eles são, o que fazem e como vivem. “Sabe-se tão somente que são uma multidão de pobres e pretos” (ALVIM & PAIM, 2000, p. 26). E “à medida que a manifestação do arrastão era retrabalhada, era repostada pela mídia a imagem dos grupos de jovens do subúrbio capazes de provocar incidentes terríveis, excepcionalmente violentos na decantada zona sul” (ALVIM & PAIM, 2000, p. 26). As autoras sugerem que a juventude da periferia, muitas vezes, é um problema social midiaticamente construído.

Nós compreendemos que não se pode negar que houve um fato: jovens se enfrentaram nas praias do Rio de Janeiro. Houve confusão. E ponto. Ocorrência que nada impede de ser noticiada pelos jornais. Também é claro para nós que, muitas vezes, a falta de equipamentos sociais nas periferias, bem como a ausência da atenção do Estado para com os moradores destas localidades colaboram para a criminalidade nestas áreas. Mas concordamos com Alvim e Paim e reconhecemos ainda que

ao divulgarem a imagem estereotipada de jovens suburbanos como jovens ameaçadores, envolvidos com crimes, saques e sublevações, os meios de comunicação conduzem a representação do público sobre um tipo de protesto dos jovens das classes populares. Mesmo conscientes de que não se pode atribuir exclusivamente à imprensa a responsabilidade pelo modo como são encaminhadas essas notícias, já que o público mantém em relação a elas um tipo de voracidade que concorre para sua crescente exibição, é no campo próprio à mídia que elas se tornam espetaculares (ALVIM & PAIM, 2000, p. 30).

E é por esta perspectiva que também traçamos, seguindo a linha de Alvim e Paim, uma análise, a seguir, de matérias publicadas em março de 2005 a respeito de enfrentamentos entre jovens em bairros periféricos de Juiz de Fora, cidade da Zona da Mata Mineira, com mais de

510 mil habitantes, segundo o IBGE. A reflexão faz parte de artigo apresentado no Intercom Sudeste 2007 (MAIA, 2007a). Tomamos como objeto de estudo os jornais Tribuna de Minas e Panorama. O primeiro, em formato *standard*, circula desde 1981, de terça-feira a domingo. O segundo, criado em 2003 e extinto em 2008, em formato *berliner* no seu último ano de circulação, era publicado de segunda a sexta-feira e distribuído gratuitamente desde 2006. É a partir de matérias impressas nestas duas publicações, no fim de março de 2005, que traçamos nossa reflexão sobre a abordagem jornalística a jovens da periferia sul e sudeste de Juiz de Fora²⁹.

Guerra urbana: manchete estampada na capa do Panorama de 28 de março de 2005. Na página seis, que trazia a matéria correspondente à chamada, outro título de impacto: *Gangues aterrorizam Zona Sul*. No texto, o relato de uma operação policial na tarde do dia anterior para “conter a briga entre as galeras rivais dos bairros Santa Luzia e Furtado de Menezes”. Dois moradores foram ouvidos. Um deles, que segundo a reportagem, preferiu não se identificar, afirmava que os confrontos aconteciam todos os dias. Durante a operação, 11 adolescentes, com idades entre 14 e 20 anos, sendo sete meninas, foram apreendidos e levados para a delegacia, prestaram depoimento e foram liberados. A conclusão da matéria é dada com a visão pessimista da Polícia Militar, para quem o “problema” parecia não ter solução.

Vinte e nove de março de 2005. Capa do Panorama: *Jovens são baleados ao sair de baile funk*. A notícia: dois jovens foram atingidos por bala na saída de um baile; um deles chegou a ficar em coma. Os disparos teriam partido de uma “galera” que foi “acertar contas” com grupo rival. A família das vítimas, assim como um funcionário que trabalhava na festa, afirmava que os jovens feridos nada tinham a ver com a briga. O desfecho da reportagem é dado com a informação de que a polícia esteve na casa do suposto autor dos disparos, que não foi encontrado.

²⁹ Capas dos jornais e matérias no Anexo 02. p.155-166.

Na mesma data, a Tribuna de Minas também posicionou seus holofotes para a questão da “juventude violenta”: *Polícia investiga possíveis formações de facções*. Na reportagem, ilustrada por fotos de muros pichados com siglas de organizações criminosas cariocas e de um adolescente com o rosto envolto em uma camisa, depoimentos de supostos membros das *gangues* de Santa Luzia e Furtado de Menezes, justificando atos de vandalismo e violência como ferramentas para “marcação de território”.

Terceiro dia consecutivo e a “violência juvenil” volta a ganhar destaque nas páginas policiais do Panorama: *Gangues: Estudante é atingido por dois disparos de bala depois de ser perseguido por cerca de 20 integrantes de uma gangue*. Na página cinco, sob o título *Lideranças de gangues serão punidas*, reportagem sobre medida anunciada pela Polícia Militar, PM, para “reprimir as ações de violência cometidas por esses jovens”. A história do estudante perseguido e baleado, destacada na capa da edição, vinha em um *box* de uma coluna, com menos destaque e texto se comparada às explicações sobre a Operação Alvorada - estratégia divulgada pela PM para conter a criminalidade juvenil - que ficou com quase metade da página. O mesmo assunto, a operação policial, também ganhou capa, com o título *Polícia cria força-tarefa contra gangues*, e metade da página três da Tribuna de Minas: *Conflitos na Zona Sul. PM cria força-tarefa para coibir violência das gangues*.

Acompanhando os fatos, a edição do Panorama do dia seguinte, 31 de março, trouxe mais uma suíte³⁰ do assunto: *Baile funk pode acabar*. Na matéria, a declaração é atribuída ao prefeito de Juiz de Fora na época, Carlos Alberto Bejani, que, em entrevista a uma rádio no dia anterior, teria salientado que não é contra os funkeiros, mas não poderia “deixar a população sofrer com os efeitos das ações desses jovens”. Desta vez, a reportagem ouviu um membro da gangue de Santa Luzia que “confessou que a rixa entre o bairro e o Furtado de Menezes existe há mais de oito anos, mas atualmente tem se acentuado devido aos bondes dos bailes funk e à falta de praça no Furtado”.

³⁰ Tipo de matéria que dá continuidade a um tema já reportado no jornal no dia anterior, por exemplo.

No Jornal Panorama, nenhum dos quatro textos foi assinado. Na Tribuna de Minas, as duas matérias são atribuídas à repórter Daniela Arbex³¹. Numa breve reflexão sobre as reportagens, nos perguntamos: serão todos os jovens dos bairros Santa Luzia e Furtado de Menezes perigosos? Após sucessivas abordagens jornalísticas mostrando o que seria o “perigo que ronda os moradores da zona sul e sudeste” por causa dos enfrentamentos de *gangues*, não estaria a mídia agravando um problema social – que, sem dúvida, existe, mas só não se sabe sua real dimensão - incentivando o preconceito para com toda a população de periferia?

Nas reportagens, não houve aprofundamento da situação buscando, por exemplo, explicar quem são os jovens envolvidos nos episódios de conflito, por que fazem isso, se estudam, se trabalham, se têm família. Tampouco foram averiguadas posições e ações concretas de órgãos oficiais, como Prefeitura, Vara da Infância e da Juventude e outras instituições que lidam com a adolescência. Apenas a Polícia Militar foi ouvida, várias vezes, para que pudesse manifestar que punição seria dada aos *marginais* que atrapalham a harmonia da sociedade. A juventude da periferia foi tratada como caso de polícia. Em apenas uma reportagem, no Panorama, foi dada uma posição do prefeito. Mesmo assim, a fala ficou restrita à reprodução de uma declaração em entrevista a outro órgão de comunicação, sem os detalhes que a questão exige. Em outro texto, na Tribuna de Minas, a repórter utilizou a opinião do então coordenador do Núcleo de Estudos Estratégicos da UFJF, André Gaio, para completar um raciocínio sobre existência ou não de facções criminosas na cidade.

Assim como constataram Alvim e Paim ao analisar a cobertura jornalística do *arrastão* no Rio de Janeiro, nós observamos que também a imprensa juizforana, ao menos nos casos acima apresentados, não discutiu as bases das formas violentas entre jovens da periferia, mas apenas contribuiu para despertar emoções coletivas, dramatizando as ocorrências que envolvem os adolescentes de arrabalde.

³¹ Para informação, Daniela Arbex é jornalista reconhecida com o título Amiga da Criança, da ANDI.

Tomando a lente da violência como a única forma de vislumbrar os grupos juvenis da periferia, muitas vezes equivocadamente rotulados de *gangues*, percebe-se verdadeiro desprezo para com as reais identidades destas coletividades, bem como a construção de outras, pelo menos para o leitor que, a princípio, não tem outra opção de conhecimento sobre os fatos, a não ser o jornal em mãos³². Temos armada uma vinculação delicada, uma vez que novas identidades são forjadas; sem contar o sentimento de negação e repulsa que pode emergir entre outros jovens, também moradores das periferias, mas não participantes dos grupamentos que ganham as capas policiais, jovens que não se envolvem em conflitos, que não partilham dos interesses das supostas *gangues*. Neste limiar, mais do que nunca, é preciso pensar a responsabilidade do comunicador e o papel desempenhado pela mídia no processo de surgimento de novos grupos identitários.

Seguindo a ideia de um sentido ampliado de performatividade proposto pela teórica Judith Butler e citado por Tomaz Tadeu da Silva (2000), podemos notar o risco que se corre quando a mídia enfatiza a violência juvenil na periferia, já que sentenças descritivas repetidas uma série de vezes podem acabar produzindo o fato, tornando-o uma verdade, obtendo a produção da identidade como uma questão de performatividade (SILVA, T., 2000, p. 93).

As reportagens publicadas nos jornais Panorama e Tribuna de Minas e apresentadas nesta dissertação corroboram para o entendimento de que a violência juvenil na periferia é não só uma questão social como está intimamente conectada aos holofotes apontados pelos meios de comunicação. O fato dos jovens da periferia, muitas vezes, serem vistos como violentos, irresponsáveis e deseducados é uma questão muito mais da realidade subjetiva que da objetiva, já que alguns aspectos das identidades juvenis são socialmente construídos e vendidos pelo discurso midiático, podendo ou não ser adquiridos.

³² Há ainda que se considerar o público leitor de manchetes em bancas de jornal e os ouvintes de manchetes lidas em algumas emissoras de rádio. Para estes, será ainda mais parcial a compreensão do que realmente acontece na periferia, uma vez que se toma apenas conhecimento do título das matérias evocando a criminalidade juvenil suburbana.

Finalizamos esta reflexão relatando um episódio que muito nos chocou e, inclusive, também foi um dos motivadores deste estudo. À época das publicações das matérias na Tribuna de Minas e no Panorama, que acabamos de analisar, os telejornais locais também se dedicaram à cobertura do assunto. Como esta pesquisadora era uma das produtoras do MGTV – exibido pela TV Panorama -, pôde acompanhar os bastidores da produção telejornalística. Qual não foi a surpresa quando, conversando com uma repórter³³ que foi cobrir a história, esta estudiosa soube da existência de um *ranking* entre os grupos de jovens *protagonistas* das reportagens sobre os confrontos.

Tratava-se de uma pontuação atribuída aos indivíduos de cada bairro – pontuação criada por eles mesmos - de acordo com o jornal no qual eles obtivessem êxito em *aparecer*, a partir de suas ações. Ou seja, quem conseguisse capa do jornal Tribuna de Minas, ganhava *x pontos*. Quem fosse manchete no MGTV ganhava *2x pontos*. Deste episódio, destacamos duas reflexões, entre tantas possíveis: A primeira dá conta de que os jovens também faziam das matérias sobre eles veiculadas nos meios de comunicação um fator de rivalidade. Daí, mais uma vez a mídia colaborando para a produção social da realidade. E, a segunda, queira ou não, de alguma forma o referido *ranking* revela a necessidade destes indivíduos da periferia de *serem vistos*, mostrar que existem e fazem parte da sociedade. Pena que este *existir* só se revelava sob a ótica da violência, do enfrentamento a outros iguais. Talvez tenha sido o único recurso por eles encontrado. Fica a reflexão.

³³ A repórter é a jornalista Renata Miranda, que em 2005 relatou a história contada acima a esta pesquisadora.

4 JOVENS EM FRENTE À TELEVISÃO: A RECEPÇÃO DO JN ENTRE MORADORES DA PERIFERIA SUL DE JUIZ DE FORA

Conforme já explicitamos, anteriormente, almejamos, neste trabalho, verificar como as mensagens veiculadas no Jornal Nacional agem na construção identitária de jovens moradores da periferia sul de Juiz de Fora, bem como na percepção do que este grupo entende por realidade. Pretendemos ainda averiguar se, enquanto telejornal que se propõe a mostrar o que de mais importante se deu no Brasil e no mundo, o JN cumpre papel de responsabilidade social, oferecendo informações necessárias para que os sujeitos desta pesquisa exerçam sua cidadania.

Para alcançar tais objetivos, concentramos nossos esforços em uma análise da recepção do JN entre o segmento selecionado. Consoante Orozco Gómez (2002), o estudo de recepção é um instrumento eficaz para investigar os fenômenos midiáticos contemporâneos, assim como útil para explorar diretamente os sujeitos que protagonizam os processos de comunicação. “Recientemente se han empleado ER para conocer la conformación y la reconstitución de identidades de los sujetos receptores, dentro de un esfuerzo por explorar la constitución de la sociedad contemporânea y la creación cultural local y globalizada”³⁴ (OROZCO GÓMEZ, 2002, p.20), o que vem ao encontro de nossa meta neste trabalho.

Como bem expôs Itânia Maria Gomes (2004), os estudos de recepção partem dos pressupostos de que a audiência é sempre ativa e de que os conteúdos veiculados são polissêmicos, podendo ser diferentemente interpretados de acordo com o sujeito social – o leitor, telespectador, ouvinte, internauta – que os recebem. A pesquisadora também destaca que as análises de recepção são importante ferramenta para os Estudos Culturais – que nos

³⁴ ER – *Estudios de Recepción*

servem de suporte – na medida em que enfatizam o sujeito receptor e abrigam desde a investigação da decodificação da mensagem a seu uso e produção de sentido. Gomes ainda exemplifica que os Estudos Culturais têm cada vez mais se preocupado com as investigações acerca da construção das identidades a partir da noção de consumo cultural, inquietação que motivou pesquisas de Ang, Morley e Silverstone, entre outros (GOMES, 2004, p. 189).

Conforme Gomes, “estudar recepção não se traduz por checar se a audiência alcança os sentidos transmitidos pelos meios de comunicação. Ao contrário, procuram-se os diferentes sentidos que a audiência constrói a partir das mensagens disponibilizadas pelos media” (GOMES, 2004, p. 175). Assim, nossa tônica na recepção, nesta pesquisa, faz-se exatamente em reconhecimento aos sujeitos deste trabalho – indivíduos com sua própria história e formação social.

Tomamos aqui, como base, que o receptor – no nosso caso, os jovens da periferia – é ativo diante dos conteúdos midiáticos. E explicamos esta *atividade* valendo-nos de postulação apresentada por Gomes:

1) os receptores são sujeitos sociais; 2) os receptores “carregam” para o seu encontro com os media toda a sua cultura – argumento dos estudos culturais (...), e o contexto particular de sua inserção na sociedade, descrito em relação a fatores sociais tais como gênero, etnia, idade; 3) esses elementos extralinguísticos determinam os códigos que os receptores usarão para interpretar as mensagens; 4) como há uma enorme variedade de contextos sociais e culturais, há uma equivalente multiplicidade de leituras possíveis (GOMES, 2004, p. 231).

Ao cabo, para este estudo de recepção do principal telejornal da Rede Globo entre jovens da periferia de Juiz de Fora, utilizamos duas estratégias metodológicas: a entrevista conjugada com o grupo de discussão.

Empregamos, em uma primeira etapa, o que pesquisadores convencionaram chamar de **entrevista fechada**, feita “a partir de questionários estruturados, com perguntas iguais para todos os entrevistados, de modo que seja possível estabelecer uniformidade e comparação entre as respostas” (DUARTE, 2006, p.67). Os questionários foram aplicados nas dez turmas

do ensino médio, do turno da manhã, da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, localizada no bairro Teixeiras, abrangendo 283 jovens com idades entre 14 e 25 anos. As perguntas versaram sobre alguns dados pessoais, preferências na programação de TV e meios de informação, de forma que, ao final, obtivemos uma amostra quantitativa.

Em um segundo momento, escolhemos uma turma dentre as que responderam o questionário. Com a sala selecionada, fizemos um **grupo de discussão**: uma entrevista coletiva, uma investigação qualitativa para identificar a percepção que o JN provoca nos jovens receptores de seu conteúdo. Nosso objetivo foi exatamente ouvir os sujeitos, explorar o tema de interesse em uma troca de impressões enriquecedora.

Assim, dedicamos as próximas páginas à exposição dos dados obtidos com os questionários e com o grupo de discussão. Adiante, relacionamos, de uma maneira geral, os resultados apurados à bibliografia pesquisada e apresentada nos capítulos anteriores. E para uma melhor compreensão de nossa pesquisa, também contextualizamos a região sul de Juiz de Fora, apresentando informações sobre a cidade bem como sobre a juventude juizforana.

Temos ciência de que seria pretensioso generalizar os resultados verificados para a totalidade dos jovens que moram em periferias do Brasil. Mas, assim como sugeriu Carlos Eduardo Lins da Silva (1985) ao investigar a audiência do JN entre trabalhadores de duas cidades brasileiras, também nós, no que tange a juventude da periferia, esperamos “ter um diagnóstico revelador de como uma significativa parcela desse segmento se comporta diante do conteúdo jornalístico mais influente da televisão neste país” (SILVA, C., 1985, p.69).

4.1 JUIZ DE FORA: UMA GRANDE CIDADE DO INTERIOR

*Juiz de Fora só virou Minas depois que JK abriu a estrada nova para Belo Horizonte.
Affonso Romano de Sant'Anna, 1997.*

Localizada na Zona da Mata Mineira, Juiz de Fora tem mais de 510 mil³⁵ habitantes, segundo o IBGE. Fundada em 1850, recebeu o nome de uma função pública. Cortada por duas rodovias federais – BR 040 e BR 267 – e uma estadual – MG 353 -, ocupa posição estratégica no mapa, perto dos principais centros brasileiros: a 272 quilômetros de Belo Horizonte, a 506 de São Paulo e a 184 do Rio de Janeiro. A proximidade com o Estado fluminense e, especificamente, com a capital carioca, influenciou – e ainda hoje interfere - no desenvolvimento da cidade mineira, seja em aspectos econômicos, políticos ou culturais, a ponto dos juizforanos serem apelidados de *cariocas do brejo*. Ironia e rivalidade advindas, principalmente, da capital de Minas Gerais.

Como analisa Christina Ferraz Musse (2006), em sua tese de doutorado, a província das Minas já apresentava intensa fragmentação interna no início da República, com zonas bastante diferenciadas entre si, sem um centro urbano que as liderasse. Verificavam-se regiões isoladas, ou gravitando em torno de polos comerciais externos, como Rio ou São Paulo. Contexto onde Juiz de Fora já não se identificava com o perfil de *mineiridade*, por razões diversas, como ter sido colocada à margem das decisões de criação de Belo Horizonte – a capital. Aliás, já em sua origem, Juiz de Fora – assim como a região da mata mineira – margeia todo o processo socioeconômico marcado pelo ciclo da mineração – que, de uma maneira geral, caracteriza o Estado mineiro.

³⁵ 513.348, segundo contagem do IBGE em 2007. A estimativa é que a população chegue a 570.111 habitantes em 2010. Fonte: site do IBGE www.ibge.gov.br. Consulta feita em 10/11/2008.

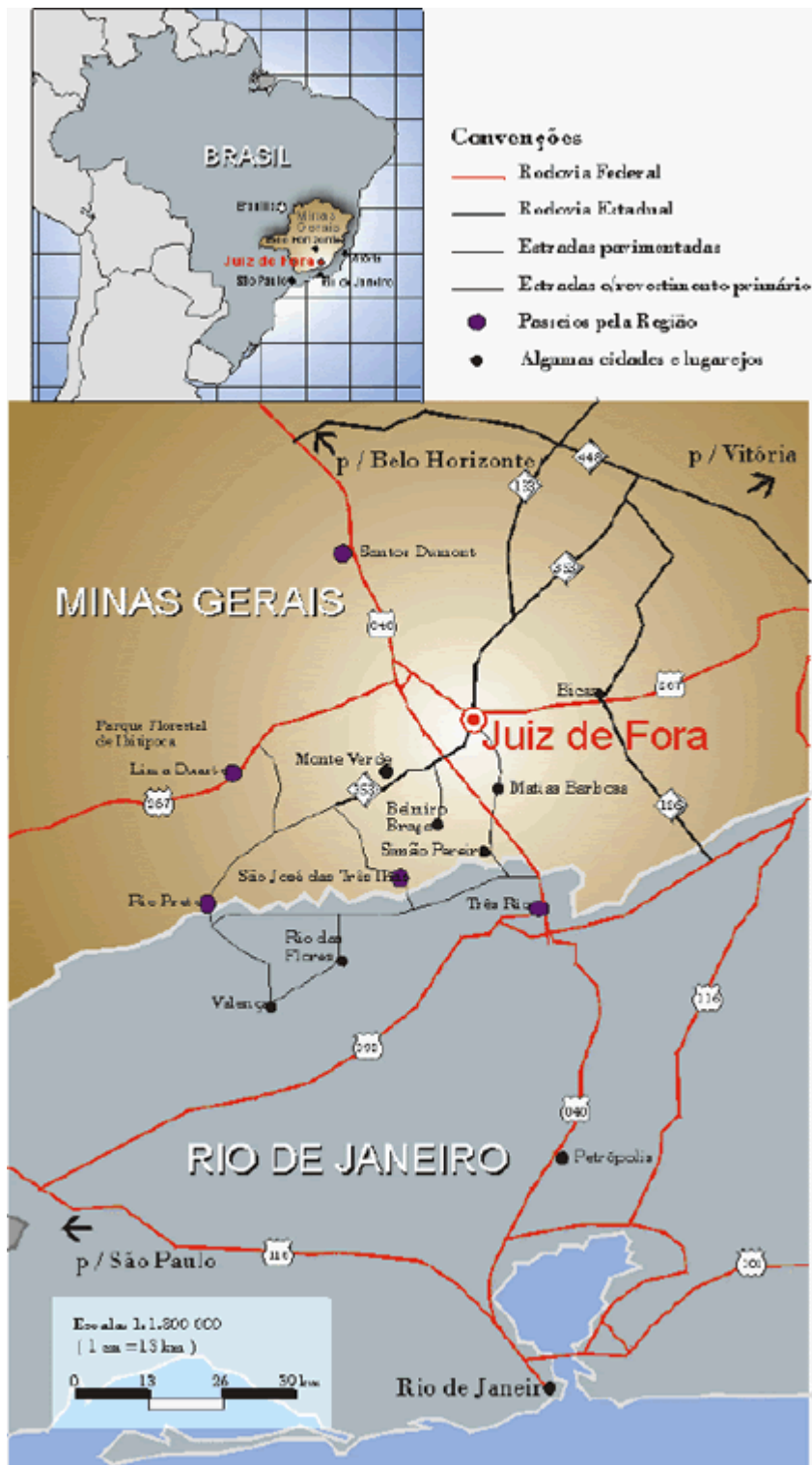


Figura 01. Mapa disponível em: <http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=11206&lg=pt>

Como vila do século XIX, Juiz de Fora traçou histórico diverso de outros municípios que tiveram a vida urbana ligada à exploração e à comercialização do metal. A cidade nasceu

no período em que, ainda sob o signo do Império, o Brasil almejava constituir-se Nação. Tem como berço o Caminho Novo, ao longo do qual se expandiram os povoados agrícolas que, em muitos trechos, delineavam o Rio Paraibuna. Nas primeiras décadas do século XX, Juiz de Fora se consolidou como o maior centro industrial de Minas, exibindo forte concentração no setor têxtil (MUSSE, 2006, p.46-48).

Neste período,

a economia mineira estava muito voltada para o mercado externo, fazendo com que as regiões do estado se agrupassem em torno de polos de crescimento exteriores a Minas Gerais. (...) Levando os meios políticos e administrativos a considerar a necessidade de promover a **integração do estado**, ao que vincularam a **mudança da capital**, até então, localizada em Ouro Preto. Na época, Juiz de Fora foi até cogitada para se tornar capital, mas, neste caso, a localização foi um ponto contrário. (MUSSE, 2006, p.85)

Ainda de acordo com Musse, com a implantação de Belo Horizonte verificou-se um desaquecimento econômico de Juiz de Fora, bem como um ostracismo refletido na queda de representação política. As décadas passaram e com elas o cenário juizforano mudou.

Se o processo de “desindustrialização” já vinha se acentuando desde a década de 40, se a cidade atravessa os anos 50, vendo ser reconfigurada a sua vocação, isto é, ela vai abandonando o mito de Manchester e assumindo paulatinamente o perfil de cidade terciária e prestadora de serviços, os anos 60 trazem o golpe de misericórdia, isto é, praticamente **enterram uma cidade e recriam outra**, à imagem e semelhança das novas elites que chegam ao poder. Ao mesmo tempo, de forma paradoxal, este período se caracteriza como um dos mais ricos e curiosos da produção cultural da cidade. (MUSSE, 2006, p.109)³⁶

Com o tempo, talvez tenha restado apenas o sentimento de que nascer em Juiz de Fora é “estar em Minas, mas não se sentir exatamente um mineiro” (MUSSE, 2006, p.23).

Atualmente, a cidade é uma das principais em Minas Gerais. Quarto colégio eleitoral do Estado³⁷, Juiz de Fora tem um Produto Interno Bruto (PIB) per capita de R\$ 6,2 mil e destaca-se, principalmente, nos setores de prestação de serviços e comércio – os que mais

³⁶ Grifos da autora.

³⁷ Com 368.011 eleitores no ano de 2008, atrás apenas de Belo Horizonte, Contagem e Uberlândia, nesta ordem.

empregam³⁸, inclusive. A cidade polo da Zona da Mata atende a demanda de outros municípios - até do Rio de Janeiro -, especialmente, nas áreas de saúde³⁹ e educação⁴⁰. De acordo com o Censo 2000, 95,6% da população são alfabetizados e 99,17% residem em área urbana. A expectativa de vida é estimada em 78,2 anos, superior à nacional, cogitada em 68,9 anos.

Como outras cidades brasileiras de mesmo porte, o município mineiro padece do crescimento desordenado. A Prefeitura contabiliza mais de dez regiões com características de favelização, além de 42 áreas de risco, com imóveis construídos em encostas ou perto de córregos, suscetíveis a desastres no período chuvoso. Indicadores sociais revelam ainda que a população não é 100% contemplada com serviços de limpeza e saneamento básico. Em 2005, a coleta seletiva do lixo abrangia aproximadamente 70% do município. Em 2006, o serviço de água era oferecido a 98,64% dos moradores, e o de esgoto a 97,83%⁴¹.

Em 2008, a cidade virou destaque em noticiários nacionais - impressos, radiofônicos, televisivos e na Internet - por ter o nome do então prefeito, Carlos Alberto Bejani, associado a esquema de desvio de verbas do Fundo de Participação dos Municípios. Sobre o chefe do executivo, preso em operação da Polícia Federal, ainda pesaram denúncias de enriquecimento ilícito, porte ilegal de armas e cobrança de propina para autorização do reajuste da tarifa de ônibus urbano. Episódios que colaboraram para a abertura de Comissão Parlamentar de Inquérito na Câmara de Vereadores e, posteriormente, renúncia de Bejani, antes de ter seu mandato cassado.

³⁸ De acordo com dados do Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2008, em 2006 foram admitidos 12.393 empregados no comércio e 17.122 na área de serviços. Também em 2006, 23.281 trabalhadores utilizaram o seguro desemprego na cidade.

³⁹ Segundo dados do Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2008, em 2003 a cidade possuía 65 postos de atendimento de saúde, entre unidades básicas, policlínicas, institutos e pronto socorro, nas zonas rural e urbana, mantidos pela Secretaria Municipal de Saúde. Em 1998, eram 59.

⁴⁰ Conforme dados do Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2008, em 2006 Juiz de Fora contava com 124 escolas municipais (3.180 professores e 58.469 alunos), 51 estaduais (2.196 professores e 44.752 alunos), 3 federais (238 professores e 3.448 alunos) e 176 particulares (30.514 alunos), além de 12 instituições de ensino superior (sendo uma pública e 11 privadas; 1.697 professores, 24.063 alunos, 105 cursos).

⁴¹ Números do Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2008.

Pesquisa divulgada no segundo semestre de 2008 - encomendada pela Secretaria de Estado de Defesa Social e realizada pelo Núcleo de Estudos Estratégicos da Universidade Federal de Juiz de Fora - traçou um diagnóstico sobre a criminalidade no município⁴². O estudo, baseado em análises de 3.677 boletins de ocorrência registrados pela Polícia Militar em 2005 e 2006, mostrou que os crimes violentos – como roubo a mão armada, estupro, homicídio e sequestro – são registrados em bairros diversos da cidade, com maior concentração nos da área central ou nos muito perto desta região: Centro, Paineiras, São Mateus, Dom Bosco, Alto dos Passos, Mariano Procópio, Centenário, Santa Rita, Bonfim, Manoel Honório, Bom Pastor e Aeroporto. Na zona norte da cidade foi contabilizada a maioria dos homicídios – ao menos no período analisado.

Para o professor André Gaio (2008), que coordenou a pesquisa, os locais de maior incidência de crimes desfizeram o mito de que violência só ocorre na periferia, onde há pobre – como comumente os meios de comunicação veiculam ao associar bairros periféricos à criminalidade. O levantamento também revelou que as ocorrências violentas são registradas entre 8h da noite e 1h da madrugada. A maioria dos autores é do sexo masculino, de cor negra e tem idade entre 16 e 30 anos, sendo que o jovem de 18 anos aparece mais vezes como agressor. Entre as mais de 90 profissões citadas, destacam-se estudantes, serventes, desocupados, donas de casa. Do outro lado, as vítimas também são jovens, em geral têm entre 15 e 30 anos, são homens e brancos⁴³. Entre as ocupações mais citadas estão pedreiro, servente, comerciante, empregada doméstica, taxista, vendedor, motorista, cobrador, estudante, dona de casa e aposentado.

⁴² O resultado da pesquisa feita pela UFJF foi tema de reportagens nos meios de comunicação de Juiz de Fora. Transcrevemos as manchetes que os principais jornais impressos no período destacaram em sua capa: Panorama e JF Hoje: *Juventude Violenta*. Tribuna de Minas: *Violência é maior em bairros com vida noturna*. No Anexo 03, as capas das referidas edições, as três datando de 17 de outubro de 2008. p. 167-169.

⁴³ Apesar do estudo da UFJF ter apontado a maioria das vítimas como de cor branca, ao menos no período de análise dos boletins de ocorrência, destacamos que é de nosso conhecimento que outras pesquisas nacionais apontam que os negros são a maioria de agressores e de agredidos em estatísticas de violência.

Os números revelam o perfil geral de autores e de vítimas: estão concentrados na faixa etária da juventude. O que nos faz buscar explicações para o envolvimento deste segmento com a violência, principalmente considerando a porcentagem da população representada por estes indivíduos: os jovens somam bem menos que 40% dos juizforanos⁴⁴, mas são os principais agressores e agredidos.

Em reportagem exibida pelo MGTV 1ª edição, no dia 18 de outubro de 2008, a Polícia Civil de Juiz de Fora atribuía ao tráfico de drogas a principal causa do envolvimento da juventude com a criminalidade no município. De janeiro a agosto de 2008, de 301 casos encaminhados à justiça envolvendo menores de 18 anos, 128 tinham ligação direta com entorpecentes. Os adolescentes apreendidos são levados para a delegacia, que ouve o menor e o entrega à família ou responsável. As ocorrências seguem, então, para a Vara da Infância e da Juventude, que julga o caso e estipula a *pena*, que vai de advertência à internação.

Matéria publicada pela Tribuna de Minas, em 1º de novembro de 2008, estampou como manchete: *Jovens até 25 anos são principais vítimas de tiros*. A apuração baseava-se em levantamento feito pelo Hospital de Pronto Socorro de Juiz de Fora, a pedido do jornal, sobre o atendimento a baleados na unidade, e concluía que os jovens são os principais alvos das tentativas de homicídio registradas no município.

Dos 47 atendimentos a baleados na unidade de emergência, no primeiro semestre deste ano, 68% são de adolescentes e jovens até 25 anos de idade. Outros 21% dos feridos têm de 26 a 31 anos. Apenas 11% estão acima dos 30. As explicações: o fácil acesso às armas, o envolvimento com o tráfico de drogas, a disputa de territórios e a necessidade de autoafirmação dos jovens. Para especialistas, o resultado dessa mistura de fatores não poderia ser outro: mortes e tentativas de homicídios cada vez mais comuns na faixa etária até 25 anos. (TRIBUNA DE MINAS, 1º novembro de 2008)⁴⁵

No dia 10 de dezembro de 2008 a Tribuna de Minas estampou outra manchete destacando a violência no meio juvenil: *Jovens são vítimas e autores da violência na Zona*

⁴⁴ De acordo com dados do Anuário Estatístico de Juiz de Fora 2008, 17,9% dos juizforanos têm entre 10 e 19 anos; 16,78% têm entre 20 e 29 anos.

⁴⁵ Veja texto completo da reportagem no Anexo 04. p. 170-172.

Sul. De acordo com a reportagem, rapazes com idades entre 17 e 23 anos seriam os principais envolvidos em roubos nos bairros que compreendem a região sul da cidade. E, ainda, a PM caracterizaria a maioria dos infratores como dependentes químicos, que furtariam produtos de fácil troca nas bocas-de-fumo⁴⁶.

De acordo com o Atlas Social de Juiz de Fora 2006, a cidade conta com pelo menos nove programas de assistência oferecidos pela Associação Municipal de Apoio Comunitário, AMAC⁴⁷, voltados para adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social. Os principais projetos:

Serviço	Público alvo	Unidade	Meta de atendimento	Desempenho mensal
Casa do Pequeno Artista (socioeducativo)	De 12 a 17 anos.	1	4.608	384
Salto para a Cidadania (socioeducativo)	De 12 a 17 anos.	2	720	60
AABB Comunidade (socioeducativo)	De 12 a 17 anos.	1	1.200	100
Casa da Menina Artesã	Adolescentes do sexo feminino, de 14 a 18 anos incompletos.	1	231	58
Casa do Pequeno Jardineiro	De 15 a 18 anos.	1	365	121
Programa Municipal de Atendimento ao Adolescente - PROMAD	De 14 a 18 anos incompletos.	1	1.045	522
Centro de Educação do Menor - CEM	Adolescentes e jovens.	1	1.528	764
Área azul	Jovens de 18 a 24 anos advindos do PROMAD.	—	22	22
Liberdade assistida	De 12 a 18 anos em conflito com a lei e suas famílias.	5, sendo 4 em parceria com os Centros Regionais.	1.440	120

Tabela 03

⁴⁶ Veja no Anexo 05 a referida matéria. p. 173-175.

⁴⁷ A AMAC é ligada à Prefeitura de Juiz de Fora.

Tais projetos são tentativas de socialização, profissionalização ou geração de renda. Cabe ressaltar que destacamos este tipo de informação porque trabalhamos com jovens de classes populares, para quem muitas vezes são direcionados estes programas.

Para entender a juventude que mora e estuda na região sul de Juiz de Fora, e averiguar como este segmento vê o Jornal Nacional, é preciso compreender a realidade concreta em que estes sujeitos produzem-se, onde desenvolvem suas relações sociais, de vizinhança e de solidariedade. Por isso, apresentamos no início deste capítulo a cidade de Juiz de Fora, a delimitação urbana onde estão os jovens que participaram desta pesquisa. O município “é tanto um espaço de vida – onde as práticas cotidianas dos sujeitos se desenvolvem em torno de seus locais de trabalho, moradia, lazer, etc. -, como um espaço vivido, ou seja, ilimitado, reconstruído e representado pelo sujeito no seu imaginário” (MENDES, 2008, p.52).

Compreender o jovem implica, necessariamente, percebê-lo no seu cotidiano, e como salientou Mendes:

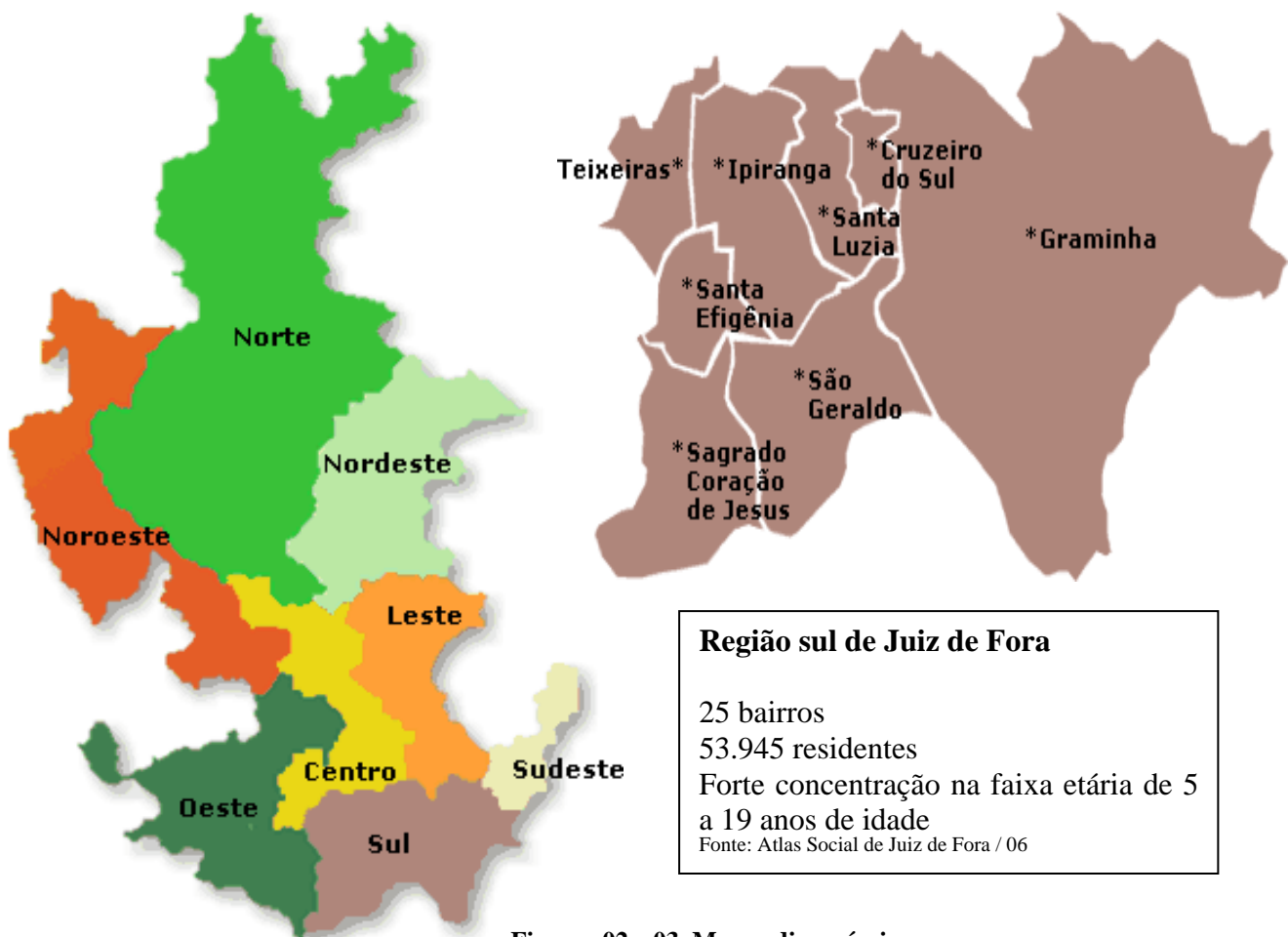
Esta vida cotidiana é heterogênea e hierárquica. Heterogênea porque é formada pela organização do trabalho e da vida privada, por lazeres e descanso, atividades sociais e purificação. É hierárquica na medida em que as estruturas que a compõe aparecem com maior ou menor importância, em função das estruturas econômico-sociais de cada época. (MENDES, 2008, p.49-50)

Assim, além de contextualizar o município onde residem os rapazes e moças entrevistados nesta pesquisa, julgamos eficaz, também, evidenciar alguns aspectos da periferia sul de Juiz de Fora, em um recorte mais específico de onde vivem os jovens sujeitos deste estudo.

São mais de vinte bairros que integram esta região da cidade. Alguns, inclusive, mais próximos do Centro, são de classe média, média alta, como São Mateus, Cascatinha e, criado há menos tempo, o Estrela Sul⁴⁸. A alguns quilômetros mais distantes da área central do

⁴⁸ A inauguração de um shopping no primeiro semestre de 2008 no bairro Cascatinha colaborou para a consolidação e crescimento do bairro Estrela Sul. Até então, era uma área de morros, com pouquíssimas casas e

município, estão os bairros de moradia dos adolescentes que participaram de nossa pesquisa. Estas localidades, já consideradas periferia⁴⁹, concentram juntas mais de 50 mil habitantes⁵⁰. Parte destes bairros é mais antiga, como Santa Luzia, Teixeiras, Ipiranga e Santa Efigênia, mais populosos e com melhor infraestrutura em relação aos vizinhos: têm unidade básica de saúde e praça de esportes, por exemplo. Outros surgiram a partir de áreas de ocupação e, por isso, ainda hoje carecem de olhar mais atento do poder público: possuem ruas sem asfalto, rede de água e esgoto precária, e não apresentam equipamentos sociais.



Figuras 02 e 03. Mapas disponíveis em: www.acesa.com

sem grande valor territorial. Em 2008, verificou-se uma avalanche de empreendimentos residenciais e comerciais naquela região.

⁴⁹ Para esta dissertação, partimos do conceito de **periferia** proposto por Rosa Moura e Clóvis Ultramarini (1996): são áreas distantes do centro tradicional das cidades, mas de forma que os afastamentos não são apenas quantificáveis pelas distâncias físicas existentes, mas, também, “revelados pelas condições sociais de vida que evidenciam a nítida desigualdade entre os moradores dessas regiões”. (MOURA & ULTRAMARI, 1996, p.10). Nas periferias das cidades prevalece a utilização do solo para residência de classes de baixa renda, há predomínio de loteamentos sem infraestrutura e precários no que diz respeito à presença de equipamentos urbanos (praças, por exemplo) e serviços públicos (postos de saúde e creches, por exemplo).

⁵⁰ Dados do Atlas Social de Juiz de Fora 2006.

À parte a divisão geográfica da cidade, há também aquela esquadrinhada pelos meios de comunicação e que, muitas vezes, refletem o olhar de grupos hegemônicos. Conforme Musse,

o jornalismo diário seleciona as informações e cria uma **cartografia da cidade**, levando em consideração critérios altamente subjetivos. Existem bairros associados ao bem-estar, normalmente nomeados nas editorias de política, economia, cultura, esportes e nas colunas de opinião e sociais. Outros espaços urbanos, como aqueles das favelas, costumam aparecer com frequência nas páginas policiais ou então naquelas da editoria de “Cidade”, que privilegia problemas e reclamações dos moradores. O jornal divide a cidade e a classifica de acordo com juízos de valor⁵¹. (MUSSE, 2006, p.35)

É o que acontece com a maioria dos bairros da periferia sul de Juiz de Fora e seus moradores: ou são invisíveis ou, quando *se materializam*, recorrentemente é para figurar nas editorias de *Cidade* ou *Polícia*, o que pode ser exemplificado com as matérias dos jornais Panorama e Tribuna de Minas apresentadas anteriormente⁵². Ao estabelecer uma série de enquadramentos e recortes sobre os acontecimentos que ocorrem diariamente, o jornalismo contribui de maneira relevante para a imagem que construímos da cidade e de seus indivíduos.

Como apresentamos no capítulo dois desta dissertação, na modernidade líquida, o jogo constitutivo de identidades opera, entre outras dimensões, embasado nas referências advindas de suportes instáveis como as narrativas midiáticas – principalmente as televisivas. E as formas de retratação da realidade, principalmente das minorias e dos assuntos que lhes dizem respeito, estão diretamente relacionadas à promoção, ou não, da sua cidadania. Uma vez que aspectos negativos sobre uma região e seus habitantes são os que prioritariamente ganham visibilidade através do jornalismo, estarão os meios de comunicação colaborando para uma contínua *re-apresentação* equivocada da realidade. No caso dos bairros da periferia sul de Juiz de Fora, é possível encontrar – infelizmente – caracterizações para cada um deles na sociedade, em parte, graças ao veiculado na mídia: *São Geraldo é onde assaltam e matam taxistas; Santa Luzia tem briga de gangues; A galera do Bela Aurora é o terror; No Vale*

⁵¹ Grifo da autora.

⁵² Veja capítulo três, páginas 76 a 81.

Verde só entra se pagar pedágio; e assim seguem-se repetidas descrições, inclusive, muitas vezes reverberadas pelos próprios moradores destes bairros – afinal, é assim que eles veem o lugar de residência retratado.

Mas, há também a repulsa, o sentimento de negação de quem está no bairro e não se sente parte integrante de contextos violentos ou grotescos muitas vezes traçados na mídia. A criminalidade, a *má notícia*, em geral, não agrada. Esta é a reação, por exemplo, dos quase 300 jovens entrevistados na primeira etapa deste estudo de recepção. Escolhemos trabalhar com estudantes de uma escola estadual porque, desta maneira, tivemos já reunido em um mesmo lugar e horário o grupo foco para esta pesquisa. Sem contar que, no colégio público da zona sul de Juiz de Fora, encontramos o perfil que desejamos abarcar: jovens da periferia. Passamos, então, a apresentar a escola e seus alunos.

4.2 A ESCOLA E OS JOVENS

Um ponto em comum entre os jovens participantes deste estudo é a escola – campo que, somado à família, é responsável pela socialização primária do indivíduo, segundo Peter Berger (1985); quando o ser humano é apresentado ao mundo, apropria-se do que lhe é mostrado e passa a acreditar ser aquilo que dizem que ele é.

O colégio em questão é a Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes. Também conhecida como *Polivalente*, atende principalmente alunos dos bairros Teixeira, Bela Aurora, Santa Luzia, Sagrado Coração, Santa Efigênia, Cidade Nova, Jardim Gaúcho, Vale Verde, Ipiranga, São Geraldo, Arco Íris e Previdenciários – todos localizados na periferia sul

de Juiz de Fora. Não é a única escola estadual da região, mas uma das principais, com turmas de manhã, à tarde e à noite, dos ensinos fundamental e médio.



Figuras 04 a 07: Da esquerda para a direita, de cima para baixo: entrada da Escola; área externa às salas de aula; turma de 2ª série respondendo o questionário; jardim no interior da Escola.

O Polivalente completou 34 anos em 2008. Neste mesmo ano, segundo nos informou a direção, a Escola tinha 936 alunos matriculados. Assim como a região onde está localizado – bairro Teixeira, na divisa com o Bela Aurora – o colégio - por ser constantemente alvo de vandalismo - em geral, só aparece na mídia sob aspectos negativos.

Dos arrombamentos ocorridos no colégio em 2008, uma foi assim noticiada em jornal impresso:

Na Zona Sul

Polivalente do Teixeira sofre ação de vândalos mais uma vez

A Escola Estadual Polivalente, do Teixeira, Zona Sul, foi alvo de vandalismo. A Polícia Militar foi acionada na manhã de ontem, pela supervisora da instituição. Os banheiros foram quebrados e algumas torneiras e registros furtados. (...) A perícia realizou os levantamentos, mas nenhum suspeito foi encontrado. (TRIBUNA DE MINAS, 7/10/2008).

Em maio de 2008, o Polivalente foi manchete do jornal Tribuna de Minas por causa da precariedade em que se encontrava a infraestrutura do colégio: *Estudantes param aula em escola infestada de bichos. Manifestação acontece hoje na porta do colégio; Estudantes denunciam existência de pulgas, salas sem portas, janelas quebradas e carteiras enferrujadas* (TRIBUNA DE MINAS, 16/05/2008). No dia seguinte, nova manchete: *Alunos protestam por melhorias em escola. Superintendência Regional de Ensino diz que tem agido para resolver problemas de infraestrutura, mas vandalismo é constante* (TRIBUNA DE MINAS, 17/05/2008). E o desfecho do caso: *Limpeza e conscientização no Polivalente do Teixeiras. Mutirão vai envolver comunidade escolar* (TRIBUNA DE MINAS, 20/05/2008)⁵³.

As duas primeiras reportagens descrevem a situação do colégio – janelas com vidros quebrados, portas sem tranca, carteiras enferrujadas, presença de animais peçonhentos e de pulgas em sala de aula! – segundo informações de alunos, pais e de uma funcionária da escola que confirma as denúncias, mas não se identifica. A terceira matéria apresenta o provável resultado da mobilização dos estudantes, através da decisão da direção da Escola em fazer reunião com pais e alunos. Também explicita o posicionamento do colégio e da Superintendência de Ensino - que responde pelas escolas estaduais – para a qual grande parte da precariedade da infraestrutura do lugar deve-se também aos próprios alunos que contribuiriam para a depredação do patrimônio.

A debilidade da Escola também foi por nós notada durante as visitas para esta pesquisa de recepção. Chamaram-nos a atenção as salas de aula muito cheias. Algumas sem número suficiente de carteiras para todos os estudantes, que corriam a outros compartimentos em busca de mesa e cadeira. Também nos inquietaram as janelas sem vidros e as portas escoradas pelos próprios alunos – já que no lugar das fechaduras havia buracos. Ainda nos incomodaram as paredes sujas, compondo um cenário pouco atraente, bem diferente do que seria ideal para o espaço de fomento do saber.

⁵³ Veja Anexo 06. p.176-178.

Em muitas situações ficou clara para nós a relação conflituosa entre alunos e educadores. No início das aulas, professoras desdobravam-se nas áreas externas por convencer os estudantes a entrarem nas salas. Alguns docentes, menos pacientes, ameaçavam os retardatários com penalidades no conceito caso não se apressassem. Outros se retraíam diante de respostas mal educadas de determinados discentes.

Durante as conversas com a direção da Escola para a realização desta pesquisa, um episódio muito nos comoveu. Na sala da vice-diretora, Tânia Ramos, esta estudiosa explicava os objetivos do trabalho, quando foi interrompida pela chegada de uma aluna em busca de um remédio para dor de cabeça. Estávamos na hora do recreio. A vice-diretora disse que naquele dia não tinha medicamento, e logo emendou a pergunta à jovem: *Como está seu irmão? A menina retrucou: Meu irmão? A professora esclareceu: É. Ele não foi baleado? E logo disparou, naturalmente, a estudante que aparentava não passar dos 18 anos: Não, foi meu marido que atirou.* Alguns segundos de silêncio seguiram-se à resposta. A vice-diretora ficou sem graça, olhou-me rapidamente e voltou-se para a garota: *Ah, e como ele está? Preso? E respondeu a jovem: Não, já tá em casa. Levaram ele pro Ceresp mas já soltaram. Ele vai responder em liberdade...* A educadora, então, finalizou: *Está bem, se cuida.*

Com a saída da aluna, a educadora explicou-me que se confundiu. Achava que a jovem era a irmã de um rapaz baleado na cabeça, dias atrás, perto da Escola. No entanto, aquela era a esposa de quem atirou. Situação que causava desconforto e preocupação no colégio: a irmã da vítima e a esposa do indicado como autor dos disparos estudavam no Polivalente – o que deixava os funcionários apreensivos pela possibilidade de tentativa de vingança dentro da Escola. A vice-diretora ainda disse que a esposa já tinha dois filhos com o acusado do crime em questão.

Para nosso estudo de recepção, resolvemos trabalhar com os alunos do ensino médio do turno da manhã, por dois motivos, basicamente: primeiro, para alcançar prioritariamente a faixa etária desejada – entre 15 e 18 anos. Segundo, porque, estudando de manhã, os jovens estão em casa à noite e – ao menos teoricamente – com possibilidade de assistir ao Jornal Nacional.

O passo seguinte à definição dos sujeitos da pesquisa foi elaborar o questionário para a entrevista fechada. As perguntas e sugestões de respostas foram formuladas a fim de se obter um breve perfil dos alunos - idade, sexo, com quem moram e o que gostam de fazer no tempo livre - bem como verificar suas preferências quando o assunto é televisão - se gostam de assistir e a que tipo de programas - e informação - como ficam sabendo dos acontecimentos. A última pergunta tratou especificamente sobre o Jornal Nacional, com o objetivo não apenas de verificar se os adolescentes acompanham o telejornal, mas, também, a partir desta resposta, selecionar a turma onde realizamos o grupo de discussão – uma vez que trabalhamos, no segundo momento da investigação, apenas com a sala onde havia mais telespectadores do noticiário da Globo.

Ressaltamos que esta pesquisa recebeu total apoio da direção da Escola, bem como a colaboração das professoras de Língua Portuguesa que cederam suas aulas para que pudéssemos aplicar os questionários, o que aconteceu nos dias 10, 12, 13 e 18 de março de 2008. Destacamos ainda que esta estudiosa apresentou-se aos alunos apenas como pesquisadora, sem revelar a atuação na TV Panorama, por entender que esta informação poderia influenciar nas respostas dos jovens sobre televisão, jornalismo e Jornal Nacional.

Eis, a seguir, o questionário distribuído para os alunos do ensino médio do Polivalente. O formulário foi estruturado segundo orientações de Jorge Duarte (2006) para a entrevista fechada: perguntas iguais para todos, de forma a propiciar o estabelecimento de uniformidade

e comparação entre as respostas dos entrevistados, dando-nos subsídios para a etapa seguinte da pesquisa, o grupo de discussão.

Idade: _____ Série: _____ Bairro onde mora: _____			
<input type="checkbox"/> Mulher		<input type="checkbox"/> Homem	
Trabalha? <input type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim, de _____ às _____ horas			
1. Com quem você mora?			
<input type="checkbox"/> pai e/ou mãe <input type="checkbox"/> sozinho <input type="checkbox"/> esposo / esposa <input type="checkbox"/> _____			
2. O que você faz nas horas vagas?			
<input type="checkbox"/> Lê <input type="checkbox"/> namora <input type="checkbox"/> conversa com amigos			
<input type="checkbox"/> pratica esportes <input type="checkbox"/> _____			
3. Você assiste à televisão?			
<input type="checkbox"/> Muito, todos os dias		<input type="checkbox"/> Pouco, eventualmente	
<input type="checkbox"/> Com frequência		<input type="checkbox"/> Não	
Por quê?			

4. O que você mais assiste na TV? (Se marcar mais de uma opção, numere de 1 a 10, a partir da principal.) ⁵⁴			
<input type="checkbox"/> Novela	<input type="checkbox"/> Filme	<input type="checkbox"/> Missa	
<input type="checkbox"/> Programa de variedades	<input type="checkbox"/> Jornal	<input type="checkbox"/> Desenho	
<input type="checkbox"/> Programa de auditório	<input type="checkbox"/> Esporte		
<input type="checkbox"/> Programa de entrevistas	<input type="checkbox"/> <i>Reality show</i> (BBB, etc.)		
5. Como você fica sabendo dos acontecimentos do seu bairro, da sua cidade e do seu país? (Se marcar mais de uma opção, numere de 1 a 7, a partir da principal.)			
<input type="checkbox"/> Jornal impresso	<input type="checkbox"/> Rádio	<input type="checkbox"/> Televisão	<input type="checkbox"/> Revista
<input type="checkbox"/> Internet	<input type="checkbox"/> Na escola	<input type="checkbox"/> Conversa com amigos e parentes	
6. Você assiste ao Jornal Nacional?			
<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não	Por quê? _____	

⁵⁴ Na questão nº. 4 exemplificamos aos alunos os programas de auditório como produções ao estilo de Faustão, Caldeirão, Altas Horas (Globo) e Programa Raul Gil (Bandeirantes); os de entrevista como Jô Soares (Globo); e os de variedades como Mais Você (Globo) e Hoje em Dia (Record). Reconhecemos uma falha no questionário ao colocar a opção *Missa*, ao invés de *programas religiosos*, que poderia abranger mais pessoas.

- **Quem são estes jovens da periferia?**

Na maioria mulheres, têm entre 15 e 17 anos, moram com os pais, estudam e ainda não trabalham, gostam de conversar com os amigos e namorar, assistem à TV todos os dias para distrair, informar-se e porque não têm *nada melhor para fazer*. Veem telejornal, mas novelas e filmes lideram a preferência.

De 356 alunos que constavam nas listas de chamada das 1^{as}, 2^{as} e 3^{as} séries⁵⁵ do turno da manhã, 283 estavam em sala nos dias de nossa pesquisa e responderam o questionário, o que representa 79,5% dos estudantes.

Série	Nº. total de alunos nas chamadas	Responderam o questionário
1 ^a	158	132 (83,5%)
2 ^a	109	85 (77,9%)
3 ^a	89	66 (74,1%)
Total	356	283 (79,5%)

Tabela 04

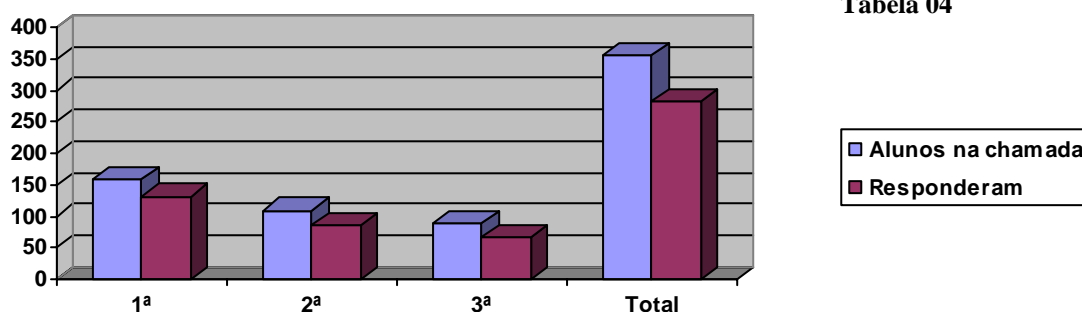


Gráfico 01

A maioria dos entrevistados tinha entre 15 e 17 anos de idade, de forma que atingimos a faixa etária desejada nesta pesquisa – 22,6% tinham 15 anos; 26,1%, 17; e 28,9%, 16 anos.

Idade														
	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	NR ⁵⁶	Total
1 ^a	22	52	33	19	4	0	1	1	0	0	0	0	0	132
2 ^a	0	12	40	19	9	2	0	1	0	0	1	0	1	85
3 ^a	0	0	9	36	12	3	3	1	0	0	1	1	0	66
Total	22	64	82	74	25	5	4	3	0	0	2	1	1	283

Tabela 05

⁵⁵ De manhã, eram quatro turmas de 1^a série, três de 2^a série e três de 3^a série, num total de dez turmas.

⁵⁶ NR = não responderam

Chamou-nos a atenção que, à medida que avançávamos uma série, o número de alunos matriculados diminuía. Da mesma forma que era maior a presença feminina que a masculina em sala: 54,5% dos estudantes do primeiro ano eram mulheres. Ao chegar à terceira série, a porcentagem aumentou para 68,2% comparativamente ao total de rapazes. Quadro que nos aponta para uma dura realidade entre jovens, principalmente os homens, de classes populares: o abandono da escola – ou, retardo da educação - para, muitas vezes, trabalhar e ajudar no orçamento doméstico. Os dados também ratificam estatísticas nacionais que confirmam que as mulheres estão estudando mais.

Sexo				
	Homens	Mulheres	NR	Total
1 ^a	57 (43,1%)	72 (54,5%)	3	132
2 ^a	33 (38,8%)	51 (60%)	1	85
3 ^a	21 (31,8%)	45 (68,2%)	0	66
Total	111 (39,2%)	168 (59,3%)	4	283

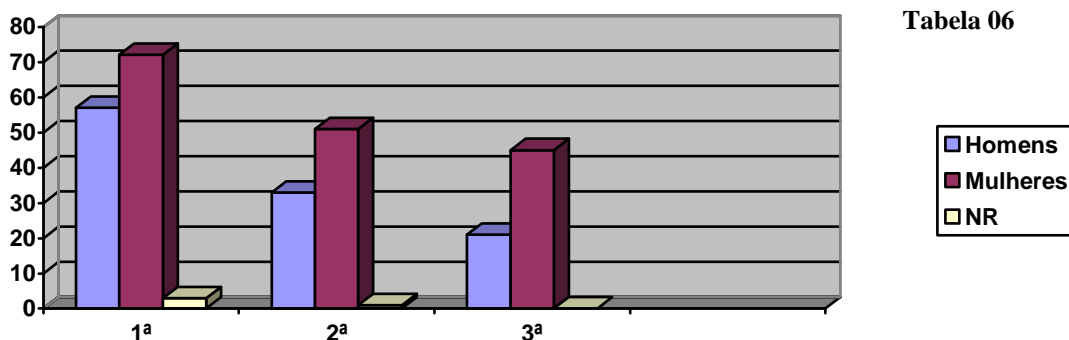


Tabela 06

Gráfico 02

Também verificamos que a porcentagem de jovens que trabalha meio expediente cresce da primeira para a terceira série. Dos 283 entrevistados, 59 (20,8%) conciliam a atividade profissional com a escola. Destes, 66,1% o fazem à tarde, saindo antes das 19 horas do ofício. Consideramos esta informação importante porque se a maioria dos entrevistados trabalhasse - e no horário do Jornal Nacional - nossa pesquisa ficaria comprometida.

Quanto ao local de moradia dos jovens, a maioria reside no Bela Aurora (36,7%) e no Teixeiras (28,2%). Jardim Gaúcho (8,48%) e Santa Efigênia (7,7%) aparecem em seguida. Ainda foram citados: Ipiranga, Santa Luzia, São Geraldo, Sagrado Coração, Arco Íris, Cidade

Nova, Previdenciários, Monte Verde, Salvaterra, Cascatinha, Jardim Laranjeiras, São Mateus e Vila Montanhesa. Diversidade de lugares que muitas vezes leva transtorno para o colégio – na opinião da direção da escola -, já que jovens moradores de algumas localidades – como Bela Aurora, por exemplo – estão em constante conflito com os de outros bairros – como o Teixeira.

Sobre com quem residem, os adolescentes ainda vivem com pai e / ou mãe: 93,6%. Menos de 1% mora sozinho. E a pequena porcentagem restante coabita com avós, ou irmãos ou esposo / esposa.

Conversar com amigos (37,1%), namorar (21,5%) e praticar esportes (18%) são as atividades preferidas destes jovens nas horas vagas. O questionário possibilitava a inserção de resposta não listada. Entre estas *outras* opções (18%), surgiram assistir à TV, ouvir rádio, dormir, cantar, dançar, *malhar* e jogar vídeo game.

O que faz nas horas vagas						
	Conversar	Namorar	Esportes	Outros	Ler	Total
1 ^a	60	21	26	20	5	132
2 ^a	27	21	14	17	6	85
3 ^a	18	19	11	14	4	66
Total	105	61	51	51	15	283

Tabela 07

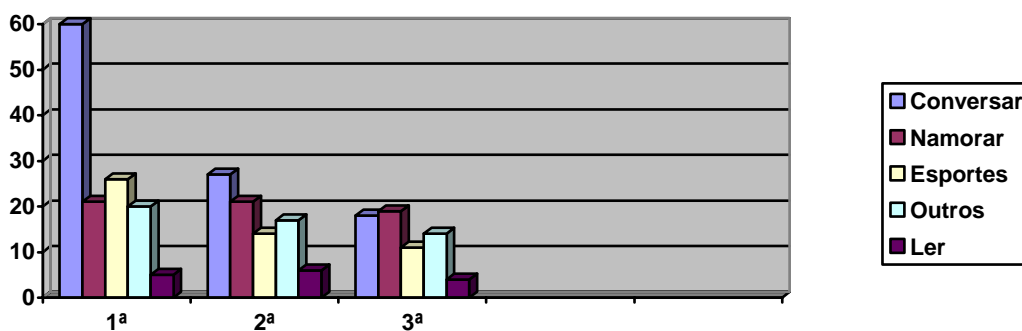


Gráfico 03

É interessante notar como a ocupação do tempo livre – ou seja, quando não se está na escola, no trabalho, nem auxiliando nas tarefas domésticas - é realizada com atividades gratuitas, para as quais não há dispêndio de dinheiro. Por outro lado, pouquíssimos jovens

disseram *ler* (5,3%) nas horas vagas. O que se contrapõe à grande adesão ao gosto deste segmento por televisão.

4.3 DISTRAÇÃO E INFORMAÇÃO NA TV

Os jovens entrevistados revelaram-se telespectadores assíduos: quase 80% assistem *muito, todos os dias* (45,2%) ou *com frequência* (33,2%) à televisão.

Assiste TV					
	Muito	Pouco	Frequência	Não	Total
1 ^a	63	30	37	2	132
2 ^a	41	17	26	1	85
3 ^a	24	11	31	0	66
Total	128	58	94	3	283

Tabela 08

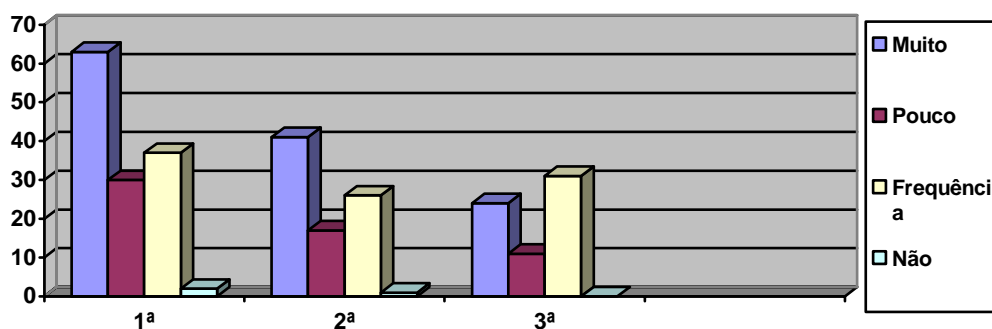


Gráfico 04

A televisão demonstrou ser não só opção para as horas vagas – como alguns estudantes responderam na questão número dois, mesmo sem sugerirmos – como também uma atividade cotidiana, tanto para *distração* quanto para *informação*. É o que revelaram as justificativas dos jovens ao explicar o porquê de gostarem ou não de assistir à TV.

“Porque não tem nada para fazer”;

“Porque é uma boa distração”;

“É bem legal, e o que tem pra fazer nas horas vagas”;

“Por que tem coisa divertida pra ver e não tem nada pra fazer”;

“Por que eu quero saber notícias do meu time”;

“Por que eu gosto de me informar e me divertir”;

“A TV para mim é um divertimento”;

“Para me manter informado e também pela diversão que a TV me proporciona”;

“Por que depois que chego da escola geralmente é o que tenho para fazer”;

“Por que a televisão é um meio de comunicação e diversão”;

“Por que eu gosto de ver novela”;

“Gosto muito de algumas novelas, jornais, gosto de saber as notícias da nossa cidade”.

As colocações acima apareceram repetidas vezes como resposta, em todas as séries, e confirmam a televisão como importante meio de entretenimento – senão o principal, arriscamos sugerir - destes adolescentes de camadas populares. Pois, se *“não têm nada mais interessante para fazer”*, eles recorrem à programação de TV, na perspectiva de que poderão *divertir-se e informar-se* diante da *telinha*.

Pertinente destacar, também, algumas frases de quem disse assistir pouco ou não assistir à TV:

“Não gosto muito por que hoje em dia não está dando para tirar nenhum proveito da TV”;

“Não passa nada que presta”;

“Por que não tem conteúdo e raramente me interessa por matérias que passam”;

“Não tem programas que me interessam”.

Em geral, os jovens que se manifestaram avessos à programação de TV são os mesmos que escolheram a leitura e a prática de esportes como atividades prioritárias nas horas vagas.

Os estudantes também foram questionados sobre os tipos de programas que mais gostam na televisão. Foi possibilitado marcar mais de uma opção, desde que numerassem a partir da principal. Desta forma, obtivemos dois tipos de parâmetros: o primeiro sobre os gêneros mais citados – independente de ordem de preferência -, e o segundo sobre os mais citados em primeiro lugar, ou seja, os preferidos.

A lista de programas **mais citados** ficou assim:

1º	Filme	79,8%
2º	Novela	74,2%
3º	<i>Reality show</i>	69,6%
4º	Jornal	66,4%
5º	Desenho	65,3%
6º	Esporte	47,7%
7º	Programa de auditório	41%
	Programa de variedades	41%
8º	Programa de Entrevistas	35,6%
9º	Missa / religiosos	23,6%

Tabela 09. Pode somar mais de 100% por ser uma variável de múltipla escolha.

Quando analisamos cada série do ensino médio separadamente, há algumas diferenças na lista dos programas mais citados. Entre as turmas de primeiro ano, as três opções mais marcadas foram filme, novela e *reality show*, nesta ordem. No segundo ano, filme, jornal e desenho. E, no terceiro, novela, jornal e filme.

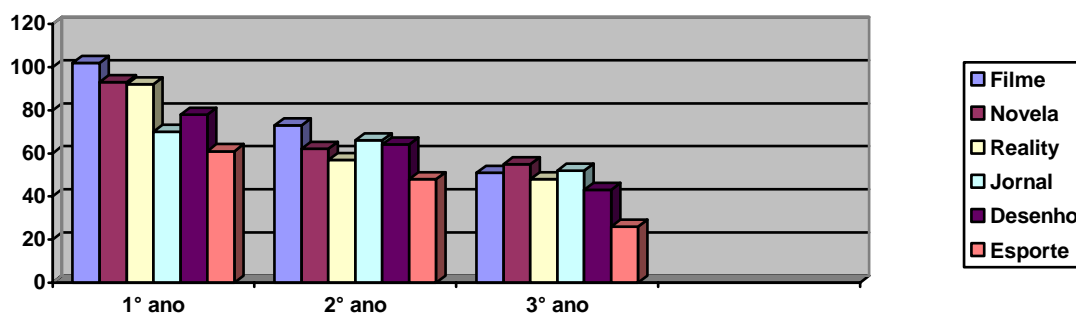


Gráfico 05

Ao verificarmos os programas **mais citados como primeira opção** de preferência entre os jovens, a ordenação ficou assim:

1º	Novela	40,9%
2º	Filme	18%
3º	Desenho	9,1%
	Esporte	9,1%
4º	Reality show	7,8%
5º	Jornal	6,3%
6º	Programa de Variedades	2,1%
7º	Programa de Auditório	1,1%
8º	Programa de Entrevistas	0,4%
	Missa / religiosos	0,4%
	Não responderam	4,5%

Tabela 10

Por série, a classificação dos mais citados em primeiro lugar também mostrou algumas diferenciações. Nas turmas de primeiro ano, o resultado ficou: novela, filme, *reality show*. Nas de segundo: novela, filme, desenho. E, nas de terceiro: novela, filme, jornal.

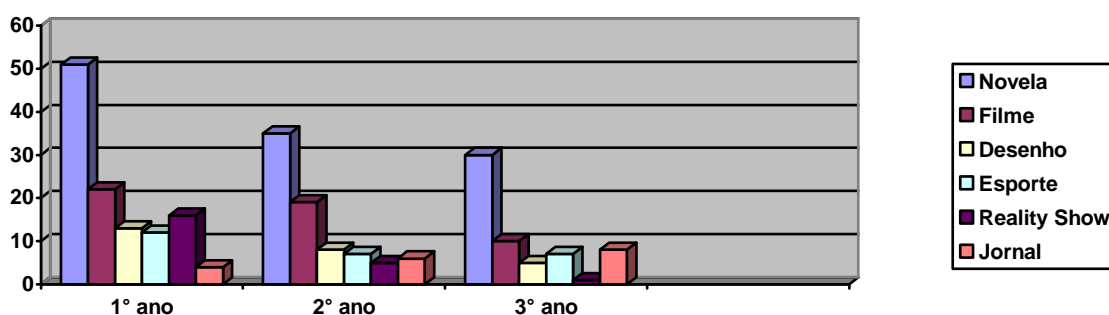


Gráfico 06

Os números obtidos configuram um dos indicadores que ajudam a reforçar a juventude como a fase de transição da vida, quando hábitos caracteristicamente infantis - como a forte atração por desenhos animados - e adultos - o gosto por novelas e filmes - estão muito próximos no cotidiano do indivíduo.

Entre as inúmeras análises possíveis a partir deste vasto material apurado sobre as preferências dos jovens na TV, vamos fazer um recorte e nos concentrar nas reflexões relacionadas ao jornalismo - já que o presente estudo visa à recepção do JN entre os adolescentes de periferia.

Intrigou-nos o fato de muitos jovens ao responderem que assistem à TV *muito, todos os dias e com frequência* justificarem escrevendo que pretendiam *ficar informados sobre as notícias*. No entanto, estes mesmos sujeitos, ao ordenar o que mais gostavam de ver na televisão, não colocaram o jornal como primeira opção.

Por outro lado, ficou evidente para nós que o jornal passa a interessar mais aos alunos à medida que estes estão mais velhos e em séries mais avançadas. Uma possível explicação seria a necessidade de *estar atualizado*, já que muitas situações do dia-a-dia – principalmente as políticas e as econômicas - podem tornar-se questões do vestibular ou de concurso. Com o auxílio dos gráficos 5 e 6, visualizamos que, enquanto o *reality show*, por exemplo, está à frente do jornal na preferência dos alunos da primeira série, este passa adiante daquele entre os estudantes da terceira série.

Mesmo assim, ao compararmos a colocação do jornal nas duas listas, concluiremos que os adolescentes gostam de assistir a noticiários – ainda que este não seja o programa preferido deles na TV, perdendo espaço para o entretenimento representado por novelas, filmes, desenho e esporte, já que o jornal é menos citado em primeiro lugar em comparação aos outros gêneros. Filme e novela são os líderes da preferência juvenil na *telinha* – ao menos em nossa amostragem de entrevistados, na qual devemos considerar ainda que são pessoas que, em geral, têm acesso apenas aos canais abertos por conta da realidade econômica de suas famílias.

É importante lembrar que as preferências dos jovens na TV refletem o escalonamento de prioridades da própria programação televisiva. O telejornal é apenas um componente da programação. Mesmo os noticiários exibidos em horário nobre ocupam menos tempo que novelas e filmes, por exemplo. Julgamos ainda necessária uma consideração sobre a posição de destaque do *reality show* na preferência dos entrevistados. No período de aplicação dos

questionários, estava em exibição o *Big Brother Brasil 8*, na Rede Globo. Por isso, acreditamos que as respostas tenham sido em parte influenciadas pelo programa.

Em geral, a lista de programas mais assistidos pelos adolescentes da periferia assemelha-se à dos dez programas de maior audiência na televisão brasileira, segundo pesquisa do Ibope⁵⁷.

Depois da pergunta sobre preferência de programas na televisão, nosso objetivo foi especificar o questionamento acerca dos meios através dos quais os jovens se informam. Por isso, a penúltima questão tratava sobre como os adolescentes ficavam sabendo dos acontecimentos de sua cidade, país, mundo. Também foi possibilitado a eles marcar mais de uma opção entre as respostas sugeridas, desde que numerassem a partir da principal. Assim como na pergunta quatro, obtivemos dois tipos de parâmetros: os meios de informação mais citados, e os mais citados em primeiro lugar.

O resultado para os **mais citados** ficou assim:

1°	TV	73,1%
2°	Amigos e parentes	65,7%
3°	Internet	49,1%
4°	Rádio	48,8%
5°	Escola	46,3%
6°	Jornal Impresso	34,3%
7°	Revista	33,2%

Tabela 11. Pode somar mais de 100% por ser uma variável de múltipla escolha.

Entre as séries, houve unanimidade: a *televisão* aparece como meio mais citado do primeiro ao terceiro ano, assim como a *conversa com amigos e parentes* ficou em segundo lugar. Mas, há diferenciações na terceira colocação. Entre os jovens da 1ª série, o rádio ocupou a posição. Na 2ª série, ficaram empatados rádio, Internet e escola. E, na 3ª série: Internet.

⁵⁷ Ver capítulo dois, página 32, tabela 02.

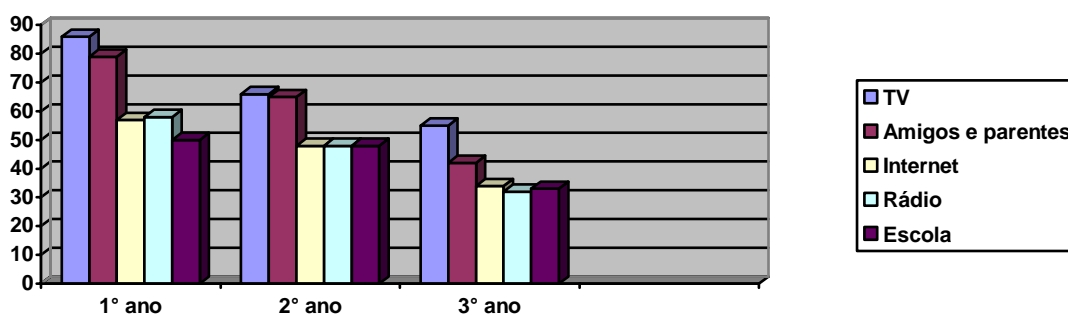


Gráfico 07

Este resultado remete-nos à pesquisa realizada com mais de cinco mil adolescentes de 23 países – entre eles o Brasil – acerca da percepção da juventude sobre a violência nos meios de comunicação. Tal estudo, supervisionado por Jo Groebel (1998), revelou dados interessantes não só sobre sua temática específica, mas também em torno da relação geral entre jovem e mídia. Entre as conclusões, 93% dos entrevistados têm acesso a um aparelho de TV. E para os que estão em idade escolar, ela é o principal meio de informação e divertimento. O rádio e os livros não têm o mesmo alcance entre o segmento, segundo o apurado por Groebel.

Em nossa pesquisa, na classificação dos mais citados em primeiro lugar como principal meio de informação, a televisão manteve sua posição no *ranking* geral e por série; assim como conversar com amigos e parentes permaneceu em segundo e a Internet em terceiro:

1º	TV	48,4%
2º	Amigos e parentes	20,8%
3º	Internet	10,6%
4º	Jornal Impresso	5,7%
	Escola	5,7%
5º	Rádio	4,6%
6º	Revista	0,7%
	Não responderam	3,5%

Tabela 12

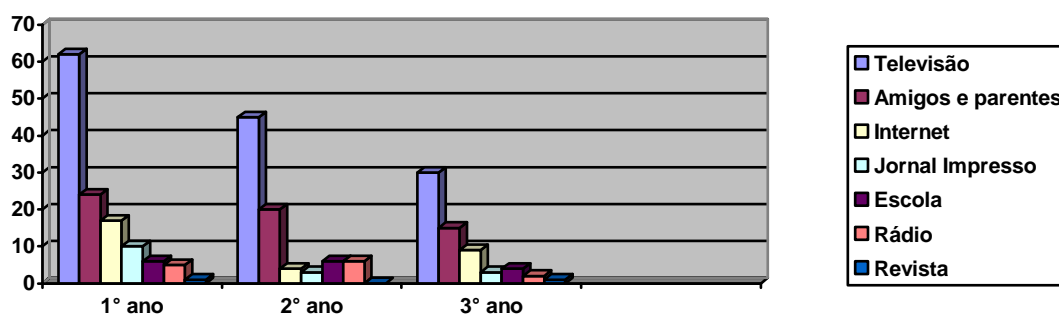


Gráfico 08

Novamente, a televisão destaca-se no cotidiano juvenil no que diz respeito aos meios de informação deste segmento. O que já estava indicado desde a pergunta número três, quando os jovens puderam justificar o gosto por TV. Muitos já tinham atribuído a este veículo a responsabilidade de *informar* os cidadãos sobre o que há de importante nas sociedades, além da *missão* de passar dados necessários e relevantes para o cotidiano das pessoas. Consciência mais recorrente entre os estudantes da 3ª série. Algumas manifestações ajudam a compreender a forma como os alunos expõem-se à programação.

“Aprendemos um pouco sobre o que acontece no Brasil inteiro”;

“Nos passa muita informação necessária para nosso dia a dia”;

“Para saber das informações sobre o mundo”;

“Acho interessante o modo como a televisão nos mostra como que é a vida de cada um de nós”;

“Além de divertir, informa e traz debates”;

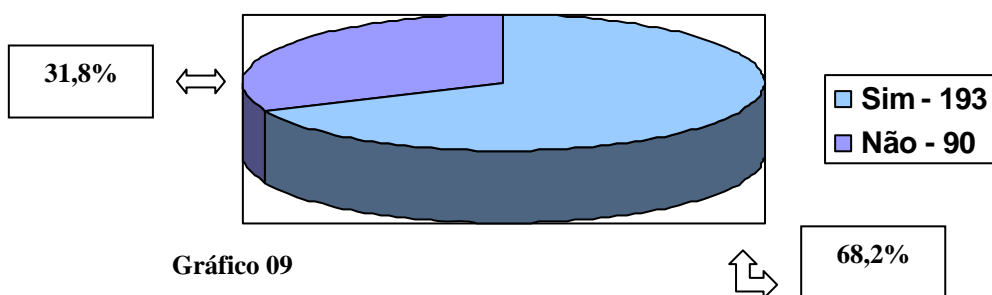
“Eu posso aprender várias coisas diferentes que acontecem pelo mundo todo”;

“Por que é interessante, está acessível a todo país e está dentro de casa”.

Ou seja, a TV, vantajosamente, é o principal meio através do qual os jovens entrevistados informam-se, por motivos diversos já apontados em capítulo anterior e reforçados pelas respostas obtidas com o questionário: a televisão está presente na quase totalidade dos lares brasileiros; atinge uma enorme população que pouco lê e muito assiste à

TV – inclusive como opção de entretenimento e atividade nas horas vagas. Resultado que reforça a pertinência deste estudo de recepção do Jornal Nacional – o principal exibido em canal aberto no país.

A pergunta final do questionário, inclusive, foi específica sobre o JN. Do total de alunos entrevistados no ensino médio do turno da manhã do colégio Polivalente, a maioria disse assistir ao telejornal da Rede Globo.

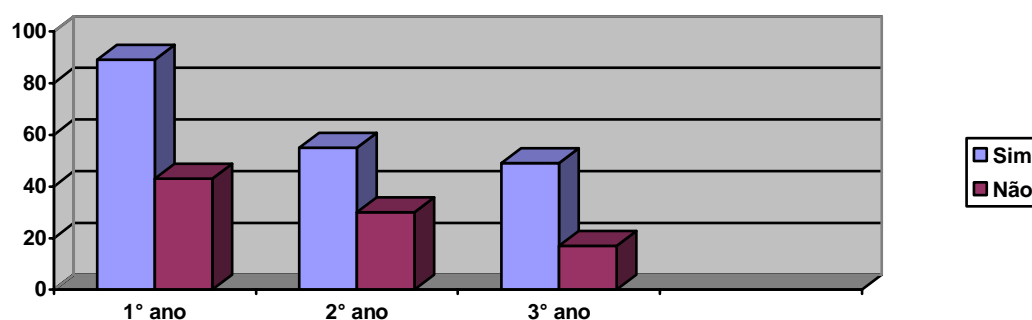


Analisando comparativamente as repostas por série, verificamos situação já mencionada anteriormente: à medida que avançamos em idade e em nível escolar, cresce o número de jovens telespectadores do telejornal:

Assistem ao Jornal Nacional			
	Sim	Não	Total
1 ^a	89 (67,4%)	43	132
2 ^a	55 (64,7%)	30	85
3 ^a	49 (74,2%)	17	66
Total	193	90	283

Tabela 13

Percentualmente, foi na segunda série do ensino médio que encontramos menos jovens que gostam do Jornal Nacional.



Algumas justificativas de alunos da primeira série para assistir ou não ao JN:

Sim. “Por que fico informado dos acontecimentos do meu país e do mundo.”

Sim. “Por que acho interessante as entrevistas e reportagens.”

Sim. “Às vezes gosto de ficar sabendo o que está acontecendo no mundo. Mas não assisto frequentemente.”

Sim. “Me mostra coisas que eu quero saber e gosto de ver.”

Sim. “Para ficar atendida em tudo que acontece em nosso país e no mundo. E também gosto dos apresentadores.”

Não. “É chato demais, só assisto quando mostra futebol.”

Não. “Porque está passando novela no outro canal.”

Não. “É chato, só fala em tragédia”.

Respostas de estudantes da segunda série:

Sim. “Eu gosto de saber o que acontece na cidade em que eu moro e depois comentar com os amigos o que eu vi.”

Sim. “Gosto do jeito que eles informa as notícias.”

Sim. “É chato mas tem que assistir pra ficar bem informado.”

Não. “Por que meus pais veem, se tiver alguma notícia boa ou ruim eles me falam. Eu prefiro dormir.”

Não. “Por que é um jornal que não me agrada muito, só tem notícias ruins, prefiro o Jornal Hoje.”

Considerações de jovens da terceira série:

Sim. “É uma maneira de ficar sabendo o que está acontecendo em outro lugar. Gosto de ter notícias, é bom para meu conhecimento.”

Sim. “Por que não tem nada melhor na televisão no horário.”

Sim. “Por que fico por dentro do assunto do momento e para saber o que anda acontecendo neste país tão violento.”

Sim. “Acho interessante saber o que acontece ao nosso redor e o Jornal Nacional é um canal de informações às vezes verdadeira, falsa e às vezes duvidosa”.

Não. “Por que eu assisto outros canais que acho mais interessante.”

Não. “Por que passa sempre as mesmas notícias.”

É interessante destacar como os jovens relacionam o Jornal Nacional a estar *bem informado* ou *atenado*, como escreveu uma estudante. Há aqueles que deixam transparecer em suas respostas que nem gostam muito do telejornal, mas assistem porque seria o meio de saberem os acontecimentos - de forma que o JN exerceria importante função em suas vidas.

“Por que, para mim, saber o que está acontecendo em todo o país é tão importante quanto saber o que está acontecendo na minha rua, bairro, etc., pois todos os acontecimentos que ocorrem em qualquer lugar podem também influenciar no meu modo de vida” (aluno 2B).

“É um meio de estar a par do que acontece no mundo e também aprender algo mais com os acontecimentos” (aluna 3A).

“Para ter informações e ir me tornando uma pessoa mais culta, e saber mais do mundo em geral é sempre bom”(aluna 2C).

“Por que é importante ver as notícias” (aluno 1D).

Outros adolescentes deixam claro que assistem ao telejornal por *tabela* ou porque não haveria nada mais *interessante* a fazer no horário nobre.

“Por que meu pai assiste todos os dias e acabo assistindo algumas partes com ele” (aluno 3C).

“Para ficar sabendo das notícias do meu país e do mundo e também por falta de opções nesse horário” (aluno 2A).

“Na hora do jornal não passa nada, então eu vejo o que tá na Globo”(aluno 3B).

Também ficou evidente que os jovens não são indiferentes ao formato do telejornal. Se os conteúdos exibidos não os agradam, eles mudam de canal ou buscam outra atividade. É o que revelam algumas respostas de quem disse não acompanhar o JN.

“Por que na hora do Jornal Nacional eu vejo outros programas em outros canais como Band e SBT” (aluno 2 C).

“Eu assisto Jornal da Record. Eu não gosto de ver a Globo” (aluno, 2A).

“Por que eu não gosto de jornalismo, só fala de acidente, morte. Tô fora!!!” (aluno 2A).

“Não assisto. Por que está passando novela no outro canal. Prefiro” (aluna 1D).

“Tem notícias interessantes, só não gosto quando fala de política” (aluna 1B).

“Às vezes fico perdida com muitas informações” (aluna 2B).

Em geral, muitos jovens responderam que assistem ao JN para saber dos acontecimentos do Brasil e do mundo. Muitos citaram, inclusive, que a importância do JN estaria na possibilidade de poder conhecer aquilo que está distante de seu cotidiano.

“Mostra reportagens de outros estados. É muito bom” (aluna 1A).

Mas, em outra via, surgiram interessantes colocações de adolescentes que disseram assistir ao JN, mas preferir telejornais locais, já que estes mostrariam uma realidade bem mais próxima:

“Eu gosto de saber das notícias no país. Gosto muito de assistir MGTV, que é notícia da região” (aluno 3A).

“Vejo coisas da minha cidade e prefiro MGTV” (aluno 1A).

Para estes casos, inferimos que o Jornal Nacional estaria sempre associado a *saber as coisas do mundo inteiro*, no entanto, oferecendo muito pouco do próprio *mundo dos jovens* e especificamente dos sujeitos desta pesquisa.

O questionário nos favoreceu a obtenção de respostas diretas para as questões propostas. O debate coube à segunda etapa deste estudo, em que realizamos um grupo de discussão especificamente sobre o Jornal Nacional.

4.4 O JN FAZ DIFERENÇA?

Finalizada a análise dos questionários, partimos para a seleção da turma com a qual teríamos mais um encontro para conversar e debater especificamente o Jornal Nacional. Inicialmente, nossa proposta era realizar um grupo focal na segunda etapa de nossa pesquisa de recepção. Para fazer uso desta ferramenta, teríamos que trabalhar com agrupamentos de até 12 jovens, conforme orienta a literatura sobre esta metodologia (COSTA, M., 2006). No entanto, a única condição imposta pela direção da Escola Polivalente para que pudéssemos dar continuidade ao nosso estudo é que trabalhássemos com a sala escolhida de uma só vez. Considerando que cada turma tinha ao menos 30 alunos, a realização do grupo focal ficou inviabilizada. Nossa opção, então, foi organizar o que chamamos de grupo de discussão, mas que seguiu o planejamento de um grupo focal.

A turma selecionada foi a 3A. Três motivos principais determinaram tal escolha: era a sala que percentualmente mais reunia telespectadores do JN (90,9%), os alunos mostraram-se interessados na pesquisa e tiveram bom comportamento durante a resposta ao questionário na primeira etapa. Nesta turma, a maioria dos alunos tinha entre 16 e 17 anos.



Figura 08: 3A respondendo o questionário

A exemplo da aplicação dos questionários, o grupo de discussão também aconteceu durante a aula de Português, com apoio e presença da professora da disciplina, Marta Barone. Foi no dia 7 de agosto de 2008, em dois horários, na biblioteca – onde ficavam a TV e o DVD da Escola-, com intervalo para o recreio. De 31 alunos da lista de chamada, 27 estavam presentes e participaram da conversa.

Sentados em círculo, os alunos receberam fichas numeradas para que pudessem escrever seus nomes⁵⁸ e idade. O moderador – esta pesquisadora – apresentou-se, agradeceu a participação de todos e motivou a apresentação de cada um. Em seguida, expôs os objetivos do grupo, explicou como seria tratado na pesquisa o que ali fosse falado e esclareceu o papel do documentador – o então mestrando Flávio Lins, responsável por anotar as respostas dos jovens. A discussão foi gravada em fita microcassete com o devido conhecimento e consentimento dos jovens.

O roteiro de perguntas foi elaborado a fim de favorecer a percepção de aspectos valorativos e normativos sobre o JN que servem de referência para os sujeitos juvenis. Assim, para identificar inicialmente como os adolescentes veem o telejornal da Globo, traçamos questões mais amplas, para o início da conversa, e outras focais e convergentes já para o meio

⁵⁸ Para facilitar a documentação do grupo, os jovens foram identificados pelo número que receberam.

e o fim da discussão. Também priorizamos indagações que fossem complementares às já abordadas no questionário aplicado na primeira fase.

As perguntas:

1. O que você acha do Jornal Nacional?
2. Você viu a edição de ontem? Que matéria mais chamou a sua atenção?
3. Você acha as matérias exibidas no JN interessantes? Por quê?
4. Quando há matérias envolvendo jovens, geralmente são sobre que tipo de assunto?
5. O Jornal Nacional apresenta matérias que interessam ao jovem da periferia? Apresenta matérias que lhe interessam? Por quê?
6. Você vê o jovem da periferia representado no Jornal Nacional?
7. Você se vê representado no JN? Como?
8. O Jornal Nacional lhe ajuda a conhecer sua cidade, seu país? Por quê?

Logicamente, este roteiro serviu como fio condutor já que, em alguns momentos, outras perguntas impuseram-se, foram então acrescentadas e feitas ao grupo.

Antes de começarmos a discussão, exibimos o primeiro bloco do Jornal Nacional do dia anterior. Cabe destacar que estávamos na semana de início das Olimpíadas de Pequim 2008, e o noticiário da Globo concentrou suas primeiras matérias na editoria *esportes*. Durante a exibição, os estudantes manifestaram-se muitas vezes, principalmente quando o assunto na tela era futebol. Em muitos momentos houve vibrações com lances mostrados, além de comentários tanto dos rapazes quanto das moças presentes.

Iniciamos, então, o grupo de discussão perguntando o que os jovens achavam do Jornal Nacional, questão que suscitou respostas semelhantes às já apresentadas no questionário, quando os estudantes justificaram porque assistiam ou não ao JN. Em geral, eles demonstraram ver no telejornal um meio importante através do qual tomarão conhecimento

dos fatos do dia-a-dia. No entanto, apresentaram também um senso crítico aguçado em relação ao jornal e à emissora que o exibe, ensaiando algumas críticas ao programa.

“Eu acho que o Jornal Nacional mostra a tradição do jornal, foi a primeira forma que os brasileiros encontraram de se manter informados. Mas acho que ele está perdendo o lugar dele, acho que tem outros que estão conseguindo ser melhores, acho que o pessoal enjoou da Fátima” (R.C.G.S., 18 anos).

“O problema é a emissora” (R.T.S., 18 anos).

Para os adolescentes, muitas vezes o JN apresenta linguagem de difícil compreensão, principalmente ao abordar temas como *política*. Uma estudante, inclusive, disse mudar de canal em busca de noticiários que falem de forma que ela entenda:

“(...) é o melhor telejornal. É diferente dos outros. (...) Mas o Jornal Nacional fala coisas que eu não entendo. Quando fala de política, mudo de canal. Já o Datena entendo tudo. O JN só fala de corrupção, vou ficar lá assistindo os políticos corruptos?” (R.T.S., 18 anos).

“Tenta manipular a cabeça das pessoas para notícias internacionais” (R.C.G.S., 18 anos).

Alguns estudantes caracterizaram o JN como repetitivo, principalmente nas reportagens policiais:

“É bom, mostra muitas informações, mas repete muito. O caso da Isabella⁵⁹ se torna cansativo, mostrar a mesma notícia... quando acontece um caso ... fica muito repetitivo” (C.O., 18 anos).

“Ele repete um assunto só, já aconteceu vários outros casos, mas falou só da Isabella. Acontece todo dia, eles só abordam quando todo mundo tá falando” (R.T.S., 18 anos).

⁵⁹ Em março de 2008, a menina Isabella Nardoni, de cinco anos, morreu depois de ser jogada de uma janela do sexto andar de um prédio em São Paulo. O pai da criança e a madrasta foram apontados como os principais suspeitos do crime. O assunto ganhou repercussão nacional, em telejornais de todas as emissoras. Diariamente, tudo relacionado à investigação do caso passou a ser reportado.

Quando indagados sobre que tipo de assunto, na opinião deles, o JN exibia mais matérias, praticamente em coro eles apontaram três temas: violência, política e esporte. Mais uma vez, reclamaram da cobertura policial, taxando-a como excessiva. Mas, em contrapartida, foi em torno da editoria *polícia* que essencialmente concentraram-se as respostas quando perguntados sobre que reportagem mais tinha chamado a atenção deles nos últimos dias.

“O caso que a polícia errou e acabou matando o filho do casal. Lembrei que ontem eu vi que falou dos assaltos na Vinte e Cinco de Março e os assaltantes estavam bem vestidos” (C.O., 18 anos).

“A chinesa que foi ao shopping trocar dinheiro e sumiu” (S.C., 17 anos).

“Assisti uma reportagem que o Fernandinho Beira Mar estava pensando em fugir” (V.R., 18 anos).

“Eu achei interessante o caso da menina inglesa esquartejada pelo namorado” (S.C., 17 anos).

“O que eu lembro é o caso Isabella, foi uma coisa interessante que eu vi” (W.O.L., 17 anos).

“O Caso da Suzane Richtofen. Ela falou que entrava na Internet com outro nome. Só assim tinha contato com as pessoas” (M.D.J, 18 anos).

“Esse menino Gabriel que morreu na creche e não deram atenção” (R.S.M, 17 anos).

“Também tem o negócio do Bejani, né?!” (A.G.V., 17 anos).

Os estudantes também se mostraram atentos, se assim podemos dizer, aos possíveis efeitos da exibição de matérias sobre criminalidade:

“Muita gente fica com medo de vir para o Brasil por causa da violência” (T.P.S., 17 anos).

Partimos, então, para a verificação de como os alunos veem a juventude retratada no telejornal: em que tipo de matéria aparecia; com que periodicidade, etc. Neste momento, um

rapaz citou reportagem sobre Educação, em que se falava do ENADE⁶⁰. Em suma, as respostas, novamente, convergiram para o campo da criminalidade e da violência, esta, seja cometida pelo jovem ou sofrida por ele. Os estudantes revelaram-se insatisfeitos neste aspecto:

“Na maioria dos casos só mostra o lado ruim. Jovem com drogas, violência. Quase nunca mostra coisas que o jovem está fazendo bem” (K.F., 19 anos).

“Mostra muito também os jovens que são espancados em porta de danceteria” (M.D.J., 18 anos).

“Eles falam da prostituição, das drogas” (A.C., 17 anos).

“Também tem mostrado muito abuso dos jovens, adolescentes, pedofilia, menores trabalhando. Matéria positiva raramente, uma positiva e 500 negativa” (D.S., 18 anos).

Questionamos, então, se eles concordavam que a realidade da juventude era como a mostrada no JN. A maioria respondeu que não. Outros disseram que há algumas semelhanças, mas que o telejornal *umenta* os fatos. Aproveitamos o ritmo da discussão para perguntar se eles achavam que o Jornal Nacional apresentava matérias de interesse de jovens moradores da periferia. Os estudantes foram enfáticos e críticos nas respostas:

“A linguagem que eles usam é formal, mais pra adulto. E eles marginalizam aquele jovem que mora na periferia. E o JN passa essa mensagem” (R.C.G.S., 18 anos).

“Visam a periferia como um lugar pior da cidade. Os jovens que veem aquilo se sentem excluídos, os jovens não estão lá por que querem” (T.P.S., 17 anos).

“Quando passa uma matéria que traz influência boa da periferia, parece que essas pessoas necessitam muito da ajuda dos outros, colocam as pessoas como menores na sociedade” (C.O., 18 anos).

⁶⁰ ENADE: Exame Nacional de Desempenho aplicado pelo Ministério da Educação a estudantes do ensino superior.

“Assim as pessoas não têm ânimo de ver um futuro melhor pra elas, acham que vão ficar naquela mesmice, pensam que são coitadas, que não vão conseguir entrar na faculdade” (R.A., 17 anos).

“São representados como excluídos, como que não tem capacidade. São poucos que mostram com condições de estudar. Eu lembro que o JN mostrou um jovem catador de rua, não tinha nem onde morar nem estudar. Mas ele passou a ler numa biblioteca, foi trabalhar num banco e passou muitas pessoas, mostrando que as pessoas pobres podem ser tão boas quanto quem tem dinheiro. Dificilmente tem uma matéria que ajude o jovem a crescer” (V.R., 18 anos).

Diante da indignação que pareceu tomar conta da sala, perguntamos, então, em que bairros eles moravam. A maioria respondeu Teixeira e Bela Aurora. Logo em seguida, questionamos se eles consideravam estes bairros como localizados na periferia. E a reação dos estudantes foi surpreendente. Enquanto poucos logo disseram que o seu bairro não era periferia, muitos se ocuparam em responder que **o bairro do colega era periferia, mas o dele não**. Detalhe: são localidades vizinhas, uma do lado da outra, com ruas nas quais as pessoas se confundem se ainda estão no Teixeira ou se já chegaram ao Bela Aurora, por exemplo. A própria localização do colégio, como explicamos anteriormente, é no limite entre estes dois bairros, especificamente. Houve ainda quem falasse que todo bairro tem uma área *melhor para viver* e outra de *periferia*.

Mas é totalmente clara para nós a repulsa em assumir-se morador de periferia. Afinal, havíamos acabado de discutir como indivíduos destas áreas são representados negativamente no telejornal. E os jovens, compreensivelmente, não querem associar-se aos maus exemplos. Tanto que, ao responder se eles se viam no JN, praticamente todos disseram sentir-se representados apenas quando o assunto é educação, emprego, saúde, direitos e deveres:

“Eu me sinto representado quando fala de jovens que chegam na idade da faculdade e não conseguem emprego” (C.O., 18 anos).

“Quando fala sobre o ENEM, sobre a avaliação do ensino público no Brasil, tem bastante a ver comigo” (R.C.G.S., 18 anos).

“O jovem se vê representado quando mostra o Estatuto” (D.S., 18 anos)⁶¹.

“Me sinto representado quando fala da educação. Paro pra ver quando fala da saúde” (G.F.O., 17 anos).

“Acho interessante quando fala como os jovens se tornam pais cada vez mais cedo, e as campanhas sobre camisinha” (K.F., 19 anos).

Os estudantes mostraram-se sabedores – ainda que inconscientemente – do papel de formador e potente promotor da cidadania do telejornal mais assistido no país:

“O jornal ajuda o jovem a criar uma consciência, pois mostra o que é feio. Cria uma consciência quando mostra o jovem que bebe e vai dirigir” (V.R., 18 anos).

“No geral todas servem pra conscientizar, pois tem que mostrar o lado ruim também, os tapas que você leva, não adianta mostrar só lado bom” (K.F., 19 anos).

“Às vezes eles passam algumas matérias mostrando a convivência nos outros países. Acho isso importante pra gente aprender o que se passa em outros lugares” (J.E.A., 17 anos).

Para outros adolescentes, o JN tenta, mas poderia fazer mais pelo cidadão:

“Eu acho que eles tentam mostrar algumas campanhas, mas acabam deixando de lado por terem matérias mais importantes, mais chamativas, tentam conscientizar, mas atinge bem pouco da população, por misturarem com notícias estrondosas” (C.O., 18 anos).

⁶¹ A jovem referia-se ao ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

Por fim, indagamos se o Jornal Nacional *faz a diferença* no cotidiano deles. Muitos relacionaram a necessidade de assistir ao JN à preocupação em manter-se atento às atualidades que podem *cair no vestibular*. Outros ratificaram o telejornal como seu principal meio de informação. Houve ainda quem expressasse a importância em assistir não só ao JN, como também a outros noticiários:

“Eu acho importante pra se manter informado e ter um pouco mais de conhecimento, a gente não vai se tornar uma pessoa... mas a gente vai saber” (V.R., 18 anos).

“É importante, tem atualidades que cai no vestibular” (R.S.M., 17 anos).

“Eu acho não só importante você ver o Jornal Nacional, mas ver outros e ficar mais informado” (J.M., 19 anos).

“Acho importante porque enriquece o conhecimento pessoal” (S.C., 17 anos).

Tabulados e analisados os dados dos questionários e os depoimentos obtidos com o grupo de discussão, podemos apontar para indícios de como os jovens de periferia se portam diante da TV. Especificamente, como consomem o JN e, ainda, como este telejornal influi em seus cotidianos – seja na formação de cada um, na afirmação da cidadania e na construção identitária. É certo que não pretendemos traçar considerações a serem definidas como únicas e conclusivas sobre o tema; mas são observações tendenciais, que revelam um diagnóstico de como uma significativa parcela do segmento juvenil comporta-se ante um influente conteúdo jornalístico da televisão. Aliás, pareceu ser claro aos próprios jovens – mesmo para aqueles que disseram não assistir ou não gostar do Jornal - o lugar ocupado pelo JN na sociedade brasileira: o de referência, como conceituam Vizeu e Correia (2008). As falas dos adolescentes não deixam dúvidas quanto a isso:

“Porque hoje em dia o Jornal Nacional é o telejornal mais abrangente do país”;

“Ele é um jornal que passa notícias não só do Brasil, mas de todo o mundo”;

“Porque é nacional, então não fala apenas da região onde eu moro, fala também dos outros estados”.

O campo jornalístico delimitado pelo JN apresenta-se como um lugar central na elaboração da realidade. E “se a notícia televisiva contribui para a construção da realidade social, é possível afirmar que a informação noticiosa é uma forma de conhecimento” (VIZEU & CORREIA, 2008, p. 15) para os estudantes da periferia, o que também ficou comprovado em seus depoimentos:

“É uma maneira de ficar sabendo o que está acontecendo em outro lugar. Gosto de ter notícias, é bom para meu conhecimento”;

“Eu acho importante pra se manter informado e ter um pouco mais de conhecimento, a gente não vai se tornar uma pessoa... mas a gente vai saber.”

“Acho importante porque enriquece o conhecimento pessoal.”

“Mostra os acontecimentos do mundo e ensina muita coisa”

Assim, o principal telejornal da Rede Globo funcionaria como uma fábrica que tem como meta tornar próximo, comum e real algo que não é familiar ao telespectador. São as representações sociais – contidas nas notícias veiculadas - que se materializam para os jovens e ganham sentido a partir da experiência de cada um. Conforme já relatamos, a emissora de Roberto Marinho – e, por conseguinte, seu telejornal que é um dos carros-chefes da programação - transformou-se em um lugar em si, que fala de tudo para todos, forjando um espaço de identificação nacional que foi incorporado pela população. Esta assimilou o JN como principal instituição jornalística no Brasil, o que reforça o enraizamento deste noticiário na sociedade.

Uma vez que atribuímos ao jornalismo funções sociais como multiplicar o conhecimento estimulando o pensamento, ser guardião da sociedade fiscalizando e manifestando questionamentos a respeito de ações de autoridades governamentais, não podemos deixar de reforçar que é através desta atividade que obtemos um complexo processo de constituição do real a partir de dois aspectos: de um lado, a percepção e a interpretação de um fato pelo jornalista; do outro a recepção desta mensagem por indivíduo que irá traduzi-la consoante suas experiências e contexto cultural.

Não nos é permitido esquecer que o produto jornalístico é uma contínua troca entre os distintos interlocutores envolvidos na sua produção e recepção. O texto que contém a notícia a ser veiculada permite a combinação de diferentes pontos de vista, refletindo um mecanismo de recorte e colagem de interpretações do jornalista, da empresa de comunicação e do telespectador – no nosso estudo, o jovem morador da periferia. Este sujeito, em nossa pesquisa, apontou para uma constante importante: a juventude tem contato diário com a TV. E, em geral, expõe-se à programação na perspectiva de encontrar entretenimento e informação, atualização – neste último caso, mesmo que ao ligar o aparelho televisor não esteja procurando, essencialmente, um telejornal. Cabe lembrar que, como propõem Martín-Barbero e Rey (2004), a televisão congrega muito mais um “cenário cotidiano das mais secretas perversões do social e também da constituição de imaginários coletivos, a partir dos quais as pessoas se reconhecem” (p. 26) do que os atributos de um simples instrumento de ócio e de diversão.

Os motivos evidenciados como justificativa para assistir televisão pelos jovens entrevistados coincidem com os revelados por estudo realizado em 1995, pelo pesquisador Belmiro Meine (1996). Em metodologia semelhante à nossa, mas para identificar a relação mais ampla entre jovens e televisão, ele aplicou 114 questionários a alunos da primeira série do segundo grau de um colégio de classe média da cidade de São Leopoldo, Santa Catarina.

Depois, sorteou 12 alunos, seis homens e seis mulheres, para uma entrevista individual. Meine verificou – assim como nós - que filme, novela e esporte são as preferências juvenis na TV. E também identificou que a postura dos jovens é, de certa forma, crítica em relação à programação televisiva. Especificamente, os noticiários são recebidos como importantes meios de informação, mas com possíveis distorções de alguns fatos apresentados. Mesma manifestação de nossos entrevistados, especialmente sobre o JN:

“Acho interessante saber o que acontece ao nosso redor e o Jornal Nacional é um canal de informações às vezes verdadeira, falsa e às vezes duvidosa”.

“Tenta manipular a cabeça das pessoas para notícias internacionais”.

“Se espremermos só sai sangue de tanta tragédia”.

Apesar da dúvida em relação a determinados conteúdos veiculados, é no telejornal que os alunos revelaram buscar subsídios para saber, inclusive, que postura tomar no dia-a-dia:

“Por que, para mim, saber o que está acontecendo em todo o país é tão importante quanto saber o que está acontecendo na minha rua, bairro, etc., pois todos os acontecimentos que ocorrem em qualquer lugar podem também influenciar no meu modo de vida”.

E é devido a este tipo de comportamento que consideramos o papel essencial exercido pelo telejornalismo na sociedade brasileira. Especificamente, a função de informar, na qual os indivíduos depositam sua expectativa e confiança já a partir do momento que se colocam em frente à TV no horário das 20h30. Mesmo que não haja apreço pelo JN, é para este programa que se converge a esperança de saber o que acontece no país – e também no mundo.

“Tem coisas que a gente precisa saber então temos que vê o jornal”;

“Passa muitas notícias importantes que nós precisamos saber”;

“Eu assisto às vezes, mas é sempre bom estar conectado nas notícias do Brasil e do Mundo”;

“É chato, mas tem que assistir pra ficar bem informado”;

Mas, se é através do telejornal da Globo que os adolescentes vão se informar, é nele que estas mesmas pessoas, na maioria das vezes, pouco se veem representadas. Isso porque, ao retratar o jovem, de uma maneira geral, este seria sempre associado à violência – seja sofrida ou cometida por ele. E ainda, por não se admitirem moradores de periferia – conforme depoimentos no grupo de discussão -, nossos entrevistados mostram um distanciamento ainda maior do JN neste aspecto. Para nós, a repulsa à periferia está diretamente relacionada à forma como ela é apresentada nos noticiários – exclusivamente em nosso estudo, no Jornal Nacional.

Como assumir-se integrante de algo que só aparece negativamente na mídia? Desta forma, o noticiário da Globo estaria pouco contribuindo para a afirmação da cidadania de jovens da periferia. E, por outro lado, estaria colaborando para a construção de uma identidade a partir da diferença, do que é contrário ao mostrado no telejornal – pois o que na tela é retratado não é compartilhado pelos sujeitos da pesquisa.

Como explicamos no capítulo dois, os meios de comunicação – principalmente a televisão - exercem papel fundamental na fabricação de sentidos atribuídos aos indivíduos, bem como na criação de visões de mundo. A partir do momento que temos o telejornal como o lugar de referência das pessoas, como já expomos, este meio informativo assume papel destacado na construção identitária na modernidade líquida, uma vez que as identidades são elaboradas diariamente, partindo das experiências do indivíduo e das mensagens que a ele chegam, como propõe Zygmunt Bauman (2005). Aqui, tomamos o ato de identificar como o reconhecimento que se faz de traços que caracterizam uma pessoa ou grupo social. Assumir ou receber uma identidade é localizar-se no mundo socialmente criado.

O problema é quando não há o reconhecimento na identidade proposta para determinado grupo, como percebemos com os sujeitos desta pesquisa: são jovens, moram em bairros da periferia de Juiz de Fora, mas não se assumem para si estas características. E um dos motivos é o fato de não reconhecerem nas *realidades* mostradas nos telejornais – no JN

especificamente – a sua própria realidade. Deste ponto, temos originado outro conflito: se a juventude é, por excelência, a fase da vida na qual fazer escolhas é criar e fortalecer identidades – o que já é fator de turbulência para o indivíduo que precisa tomar decisões – a mídia estaria contribuindo para aumentar este transtorno, ao recorrer a ideias e valores presentes no imaginário popular para apresentar figuras socialmente úteis que logo são oficializadas em modelos de pronta identificação e visibilidade.

“E eles marginalizam aquele jovem que mora na periferia. E o JN passa essa mensagem”.

“Visam a periferia como um lugar pior da cidade. Os jovens que veem aquilo se sentem excluídos, os jovens não estão lá por que querem”.

“Na maioria dos casos, só mostra o lado ruim. Jovem com drogas, violência. Quase nunca mostra coisas que o jovem está fazendo bem”.

“Difícilmente tem uma matéria que ajude o jovem a crescer”.

A percepção dos jovens sinaliza para uma incoerência no JN. Segundo o editor-chefe do noticiário, William Bonner, além de mostrar os fatos importantes do dia, o telejornal também visa cumprir papel de responsabilidade social, garantindo espaço a temas que podem ajudar o cidadão – como destacamos na fala do jornalista, expressa na página 43. Mas, pelas declarações dos adolescentes, percebemos que o Jornal Nacional até alcança, entre o grupo entrevistado, o objetivo de mostrar os acontecimentos do dia. Contudo, a tentativa de se firmar como mídia cidadã é malsucedida, na visão dos sujeitos desta pesquisa.

Situação que confirma o exposto por Martín-Barbero e Rey (2004), para quem a televisão e seus programas – e aqui destacamos o telejornal - encerram uma contradição. Se por um lado possuem desmedida capacidade de representação – alimentada por, entre outros, as próprias sociedades civis -, por outro não concedem espaço aos mesmos indivíduos que os sustentam. Pois

a desproporção do espaço social que a mídia ocupa – ao menos, em termos da importância que adquire o que nela aparece – é, contudo, proporcional à ausência de espaços políticos de expressão e negociação dos conflitos e a não-representação, no discurso da cultura oficial, da complexidade e diversidade dos mundos de vida e dos modos de sentir das pessoas” (MARTÍN-BARBERO & REY, 2004, p. 39)

Em outra via, enquanto o JN deixa a desejar na representação de jovens da periferia, segundo a opinião dos próprios integrantes deste segmento, ele também é visto, por estes mesmos cidadãos, como potencial agente de transformação – o que reforça nossa crença de que programas de televisão, uma reportagem, podem **sim** *fazer a diferença* para a valorização da cidadania e garantia dos direitos e dos deveres do ser humano:

“Me sinto representado quando fala da educação. Paro pra ver quando fala da saúde”.

“Eu acho que eles tentam mostrar algumas campanhas, mas acabam deixando de lado por terem matérias mais importantes, mais chamativas, tentam conscientizar, mas atinge bem pouco da população, por misturarem com notícias estrondosas”.

Ou seja, como telejornal que alcança as coletividades juvenis da periferia – muitas vezes sendo uma das principais fontes de informação – o JN poderia *fazer mais* pela formação cidadã destes adolescentes, conforme evidenciaram os depoimentos destes mesmos indivíduos.

Como os sujeitos desta pesquisa são estudantes de um colégio público de Juiz de Fora, julgamos conveniente, ainda, uma colocação relacionando o espaço do saber e a mídia. Para tanto, nos valem mais uma vez de Martín-Barbero e Rey (2004), que confrontam o papel da escola diante do novo cenário criado pelas tecnologias, programas de TV e hipertextos. Os autores propõem que a instituição educativa não deve se restringir a culpar os meios de comunicação por todos os males e vícios que estão à espreita da juventude. Mas, que passem a se utilizar destas ferramentas para incrementar a alfabetização dos indivíduos, interagindo com as novas formas de participação abertas pelo atual contexto social.

Somente assumindo a tecnicidade midiática como dimensão estratégica da cultura, a escola pode, hoje, se inserir nos processos de mudança que nossa sociedade vive e interatuar com os campos de experiência, nos quais hoje se processam estas mudanças: desterritorialização / relocalização das identidades, hibridações da ciência e da arte, das literaturas escritas e das audiovisuais, reorganização dos saberes e do mapa dos ofícios a partir dos fluxos e redes, pelos quais, hoje, se mobiliza não somente a informação, como também o trabalho, o intercâmbio e coletivização de projetos, de investigações científicas e experimentações estéticas (MARTÍN BARBERO & REY, 2004, p. 63).

Pelas ponderações apresentadas, é certo que família, escola e igreja já não dividem sozinhas a responsabilidade de formação dos indivíduos. A mídia cada vez mais se afirma como mecanismo de suprimento de carências afetivas, espaciais e de relacionamento dos seres humanos. E, por isso, não só a escola, mas a sociedade como um todo, precisa continuamente pensar formas de aproveitamento da empatia cognitiva dos jovens com as linguagens do vídeo para uma construção identitária positiva e cidadã. A presente reflexão sugere a necessidade de inclusão de uma séria discussão sobre educação para a mídia no currículo escolar. Especificamente, a criação de espaços formais de debates sobre como a televisão é estruturada, como sua programação é produzida e os direitos do cidadão sobre ela só tem a contribuir para uma sociedade mais plural, participativa e consciente de seus direitos e deveres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo de recepção culminou em um amplo material acerca do comportamento juvenil diante do principal telejornal da Rede Globo. Os referenciais obtidos nesta análise compõem o retrato de uma juventude consideravelmente crítica e, em geral, avessa às representações de periferia e de seus moradores exibidas no Jornal Nacional.

A aplicação dos questionários permitiu-nos saber as preferências de 283 jovens - estudantes do ensino médio, com idades entre 14 e 25 anos, moradores de bairros da periferia sul de Juiz de Fora - quando o assunto é televisão, além de averiguar se estes sujeitos assistem ao JN e por quê.

A realização do grupo de discussão com 27 adolescentes - quase 10% da amostragem inicial - possibilitou-nos entrever as posturas destes indivíduos frente aos conteúdos veiculados no noticiário, trazendo à tona, por um lado, a configuração do telejornal como importante meio de informação e de acesso à realidade entre estes sujeitos de classes populares e, por outro, certo distanciamento entre o que é mostrado na *telinha* e o que realmente compõe o cotidiano juvenil da periferia.

Isso porque as falas dos jovens revelam, de uma maneira geral, que eles confiam ao JN a missão de informá-los sobre o que acontece nos quatro cantos do planeta. Eles sabem que podem ligar a televisão às 20h15, de segunda a sábado, e ter informação sobre a política nacional, o esporte nacional e até sobre conflitos internacionais; conteúdos que podem tornar-se questão de exames seletivos – seja para ingresso no ensino superior ou em um departamento público. O JN seria uma espécie de *ferramenta útil* aos adolescentes, contudo, dificilmente se configuraria como uma pintura ou retrato da realidade juvenil. Enquanto jovens brasileiros, as mensagens veiculadas no telejornal de maior audiência no país tendem a

colaborar para a percepção do que este grupo entende por realidade nacional. Mas enquanto jovens moradores da periferia, pouco, ou nada, do que é mostrado teria interferência direta em seu dia-a-dia.

Por isso, chegamos à conclusão de que o telejornal da Globo serve aos jovens entrevistados como uma *janela*: de onde eles vão olhar para o Brasil e para o mundo. Vão ver o que lá fora passa em uma postura de contemplação, de um observar com atenção, como quem se surpreende com a paisagem. Constatamos que o Jornal Nacional funciona para os adolescentes como uma abertura na sala de casa de onde eles vão mirar e conhecer o que até então era desconhecido, o diferente, o longínquo, o distante. O JN presta-se aos sujeitos desta pesquisa como uma janela para a realidade, revelando que o mundo circundante não se transformou em caos e que a vida segue. E se é através do telejornal que os jovens entrevistados vão tomar conhecimento do que lhes é distante, também é nele que se tem reforçada a invisibilidade destes indivíduos.

Na atualidade em que vivemos, as identidades são elaboradas diariamente, a partir das experiências do ser humano, das mensagens que a ele chegam e dos estímulos do ambiente de seu entorno. Uma reportagem pode remeter a identidades ao sugerir projeções e suscitar reconhecimento. No caso dos alunos do Polivalente frente ao JN, o que temos esboçado é um sentimento de negação às representações de juventude da periferia. Ao dizer algo sobre certas características identitárias do grupo cultural em questão, o telejornal pode acreditar estar apenas descrevendo um fato do mundo social. No entanto, o que se passa na tela faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente estaria apenas sendo descrita. As matérias, cujos personagens são jovens pobres, desagradam aos sujeitos deste estudo na medida em que seus iguais estão, em geral, associados à violência, como citaram os adolescentes durante o grupo de discussão.

Vale lembrar, ainda, que uma aluna disse discordar das matérias que mostram os adolescentes de classes populares como *menos capazes de realização pessoal* em relação aos economicamente mais abastados. Este tipo de situação reforça o potencial construtivo - ou destrutivo – de identidades na mídia, especificamente na televisão. Se a configuração territorial já contribui para uma diferença entre as pessoas na forma delas relacionarem-se com o outro, com as instituições e com o próprio espaço, imaginemos então esta mesma diferença territorial e econômica amplificada pelos meios de comunicação: são contextos que remetem a elementos importantes da formação da identidade juvenil.

Os jovens revelaram que pouco se reconhecem verdadeiramente no Jornal Nacional seja porque são escassamente retratados ou, quando o são, isso acontece recorrentemente de forma negativa, segundo os próprios estudantes consultados. Ou, ainda, por não se assumirem moradores da periferia – ao menos não se sentem parte de um grupo tal como é caracterizado *periferia* na TV – nem percebem as menções feitas a seu segmento.

Assim, não há identificação imediata dos adolescentes com o telejornal, e este pouco funcionaria como um espelho para este grupo, já que ali ele não se vê. Raramente, percebe vultos, se assim podemos metaforizar, quando algumas temáticas de serviço são abordadas no noticiário, como reportagens sobre saúde, emprego e educação – neste último caso, principalmente as relacionadas ao vestibular, ao Exame Nacional do Ensino Médio, e a concursos.

Há ainda uma contradição: por uma via, de modo geral, os jovens consideram importante assistir ao JN – *para se manterem informados* -; mas, por outra, queixam-se do excesso de matérias nas editorias de polícia e política, criticando também a linguagem muitas vezes utilizada pelos jornalistas, que seria de difícil compreensão, segundo alguns dos entrevistados.

Em resumo: as opiniões documentadas mostram que os estudantes da periferia sul de Juiz de Fora assistem ao telejornal muito mais para saber sobre o Brasil e o mundo, mas pouco sobre si próprios. Desta forma, o Jornal Nacional pode, sim, ser considerado referência e fonte de informação para a juventude consultada, mas não a única. A importância do noticiário divide espaço com as vivências juvenis, com a própria escola e com as redes de relações pessoais.

Pela presença da TV no cotidiano dos sujeitos desta pesquisa – o que ficou claro com os questionários – e pela importância do JN enquanto meio de informação – o que os depoimentos elencaram, mesmo nas situações em que as reportagens não agradam aos jovens – fica explícito que imagens estereotipadas na sociedade em relação à juventude da periferia podem começar a ser derrubadas a partir do momento em que a mídia – principalmente os telejornais, afinal, são eles que *mostram a realidade* - apresentar uma produção instigante, positiva e criativa *sobre e para* estes jovens.

Os noticiários de televisão - em nosso caso destacamos o JN – são os únicos canais de informação para uma grande massa da população – da qual fazem parte os jovens da periferia. Como exemplificado ao longo desta dissertação, a leitura de jornais ou revistas, e mesmo o acesso a outras fontes como a Internet, limitam-se a um grupo menor comparativamente à audiência de TV.

Longe da pretensão de generalizar os resultados verificados neste estudo para a totalidade dos jovens que moram em periferias do Brasil, esperamos ter traçado um significativo panorama sobre como parcela desse segmento se comporta diante de um influente conteúdo jornalístico exibido há 40 anos em horário nobre na televisão brasileira. E apesar do foco da análise ser a recepção do JN, julgamos permitido estender as reflexões aqui expostas a outros telejornais de alcance nacional.

Atividade intelectual sustentada por um pólo ideológico, o jornalismo é demarcado como um serviço público que fornece aos cidadãos – leitores, telespectadores, ouvintes, internautas – a informação de que precisam para viverem e tomarem suas decisões. E se o acesso à informação qualificada é direito de todo cidadão, justificamos a relevância deste trabalho na necessidade de constante monitoramento do conteúdo jornalístico sobre e para jovens a fim de contribuir para a consolidação da cidadania destes mesmos indivíduos – sujeitos que por seu contexto social e econômico encontram-se recorrentemente em situação de vulnerabilidade ou de exclusão. Acreditamos, pois, que a participação responsável da mídia concorre para o avanço na construção de relações sociais mais justas - principalmente na garantia de oportunidades àqueles que muitas vezes são marginalizados pela própria sociedade.

Por fim, como esta análise de recepção teve como foco estudantes de um colégio público, apontamos ainda para a necessária incorporação de debates sobre mídia nos currículos escolares. São duas vias possíveis e conciliáveis com o único objetivo de promover a transformação social e o próprio cidadão: aproveitar os conteúdos midiáticos para fomentar o aprendizado em sala de aula e discutir os meios de produção e os conteúdos veiculados.

Submetemos os resultados deste estudo à comunidade acadêmica cientes de que o material aqui presente está longe de encerrar as discussões acerca de mídia e juventude, tampouco sobre como jovens da periferia consomem o Jornal Nacional. Nossa pretensão, esta sim, foi colaborar para o pensamento comunicacional amplo, fomentar o debate sobre mídia, sociedade e identidade e também deixar nossa contribuição para que outras pesquisas partam de onde paramos.

E como jornalista de TV que esta pesquisadora é - certa de que prática e teoria caminharão melhor unidas -, deixamos as reflexões desta dissertação também para a apreciação dos colegas jornalistas, de forma que os depoimentos dos jovens possam suscitar

uma meditação sobre as atuais produções *voltadas para* a juventude e *sobre* a juventude. Que se coloque em pauta nas redações – ao menos naquelas que almejam uma mídia cidadã, a fim de cumprir com seu papel de responsabilidade social - a pertinente discussão sobre como apresentar aos públicos as dimensões múltiplas das identidades das minorias sem estereotipá-las. Que se tenha mais consciência do papel dos meios informativos na atualidade e do poder de alcance daquilo que é apresentado no meio de comunicação mais difundido no Brasil: a televisão, que dá novo significado às relações com a realidade, às percepções de espaço e de lugar.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Rosilene; PAIM, Eugênia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Orgs.). **Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p.13-33.

ANUÁRIO Estatístico de Juiz de Fora 2008. Disponível em: www.pjf.mg.gov.br. Acesso em: set. 2008.

ARAÚJO, Carla. As marcas da violência na construção da identidade de jovens da periferia. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n.1, p. 141-160, jan./jun. 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BERGER, Peter ; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BOBBIO, Norberto. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BONNER, William. Anexo 4 - Entrevista com William Bonner, editor-chefe do Jornal Nacional. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **Juventude e Televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p. 129-138.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm
Acesso em: set. 2007.

BUCCI, Eugênio. **O Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BUCCI, Eugênio. A crítica de televisão. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 27-42.

_____. Ainda sob o signo da Globo. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 220-240.

_____. Apêndice: Direitos do telespectador. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004. p. 241-250.

_____. O telespectador como protagonista. In: TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **Juventude e Televisão: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. p.9–20.

CASSAB, Maria Aparecida Tardin (Org.). **Para construir espaços solidários: uma metodologia de trabalho com jovens**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.

CENTRAL da Periferia – Minha Periferia é o Mundo. Clichy. Reportagem veiculada no Fantástico – Rede Globo, em 28 de outubro de 2007. Direção Geral: Estêvão Ciavatta e Mônica Almeida. Produção: Fábio Bruno. Apresentadora: Regina Case. Produtores executivos: Nuno Godolphim e Leonardo Netto. Direção de fotografia: Estêvão Ciavatta. Roteiro: Hermano Vianna. Brasil 2007. (07min).

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles. Codireção: Kátia Lund. Produção: O2 Filmes, VideoFilmes, Andrea Barata Ribeiro e Mauricio Andrade Ramos. Produtora executiva: Elisa Tolomelli. Fotografia: César Charlone. Roteiro: Bráulio Mantovani. Música: Antônio Pinto e Ed Côrtes. Vídeo - Brasil 2002. 1 DVD (135 min), Dolby SRD.

COGO, Denise. Mídias, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: PERUZZO, Cicilia M. Krohling. (Org.). **Vozes cidadãs - Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. 1 ed. São Paulo: Angellara, 2004, v. 1, p. 41-56.

CORREIA, João Carlos. **Elementos para uma crítica da mediação moderna**. Universidade da Beira, 2002. Disponível em: www.bocc.ubi.pt Acesso em: 30 mai. 2007.

COSTA, Jurandir Freire. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Orgs.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.75-88.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo focal. In: Duarte & Barros (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 180-187.

COSTA, Regina. Mesa-redonda **Impactos da mídia sobre a identidade de crianças e adolescentes**. In: COLÓQUIO MÍDIA E AGENDA SOCIAL, 1., 2007, Rio de Janeiro - RJ.

COUTINHO, Iluska Maria da Silva. **Dramaturgia do Telejornalismo Brasileiro: A estrutura narrativa das notícias em televisão**. 2003. Tese de Doutorado – Programa de Pós Graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

_____. Telejornalismo e Identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A Sociedade do Telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 91-107.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem: uma história do olhar no ocidente**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos (1948). Disponível em:
www.unhcr.ch/udhr/lang/por_print.htm
Acesso em: 20 nov. 2007.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: Duarte & Barros (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da horda ao Estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

ERIKSON, Erik Homburger. **Identidade: Juventude e Crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

ESTEVES, João Pissara. **Os media e a questão da identidade: sobre leituras pós-modernas do fim do sujeito**. Universidade Nova de Lisboa, março de 1999. Disponível em:
www.bocc.ubi.pt Acesso em: 18 abr. 2007.

GAIÓ, André Moysés. Apresentação de trabalho **Diagnóstico da criminalidade violenta em Juiz de Fora**. In: SEMINÁRIO DE PREVENÇÃO À CRIMINALIDADE, 1. 2008, Juiz de Fora - MG.

GENTILLI, Victor. **Democracia de Massas: Cidadania e Informação**. 1995. Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOMES, Itania Maria M. Televisão, telejornalismo e recepção: o que a investigação sobre recepção pode ganhar no diálogo com os cultural studies e a semiótica. In: COMPÓS, 2002. **Anais...** Recife, 2002.

_____. **Efeito e recepção**. A interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os media. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.

GONÇALVES, Helena Signorini. Juventude brasileira: entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. v.17, n. 2, 2005, p.207-219.

GROEBEL, Jo. **Percepção dos jovens sobre a violência nos meios de comunicação**. Brasília: Unesco, c 1998. (Cadernos Unesco Brasil. Série Direitos Humanos e Cultura da Paz; v.1)

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas. São Paulo: Difel, 2000. p. 07-55.

GUNTHER, Isolda de Araújo. **Adolescência e Projeto de Vida**. Sem data. Disponível em: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap09/cap09.htm>
Acesso em: 29 jul. 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERZ, Daniel. **A história secreta da rede Globo**. Porto Alegre: Tchê Editora, 1987.

KEHL, Maria Rita. A juventude como sintoma da cultura. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. p.89-114.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**. Ética no jornalismo brasileiro. 1. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina; SILVA, Fernanda Coelho da. A comunicação a serviço da cidadania e identidade de adolescentes. In: INTERCOM, 2007, Santos. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2007. 1 CD-ROM.

_____. (coord); PEREIRA, Maria Fernanda França; SILVA, Fernanda Coelho da. **Rádios comunitárias autorizadas em Juiz de Fora e participação juvenil**: relatório parcial de pesquisa. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, mimeo, 2008.

LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro: mutação social, jovens e tempo. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. v.17, n. 2, 2005. p.35-55.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**: revista de sociologia da USP. v.17, n. 2, 2005. p.173-205.

MAIA, Aline Silva Correa. Juventude Suburbana e Mídia: da periferia de Juiz de Fora para o centro das páginas policiais. In: INTERCOM SUDESTE, 2007, Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora: Intercom Sudeste, 2007a. 1 CD-ROM.

_____. Cidade de Deus em foco: Análise de representações de jovens da periferia. **E-compós**: publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. v. 10. 2007b. Disponível em: www.compos.org.br

MAIS Janela que Espelho: A percepção de adolescentes com deficiência sobre os meios de comunicação na Argentina, no Brasil e no Paraguai. ANDI . Janeiro de 2008. Disponível em: www.andi.org.br Acesso em: 12 fev. 2008.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia**: jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARQUES DE MELO, José; GOBBI, Maria Cristina; SATHLER, Luciano (Orgs.). **Mídia Cidadã**: utopia brasileira. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1987.

_____.; REY, Germán. **Os exercícios do ver**: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Ed. Senac, 2004.

MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil**: 50 anos de história (1950-2000). Salvador: Editora PAS/Edições IANAMÁ, 2000.

MEINE, Belmiro. Os Jovens e a televisão. In: GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **Televisão e audiência**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996. p. 103-140.

MEMÓRIA Globo. **Jornal Nacional: a notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

MENDES, Juliana Thimóteo Nazareno. **O projeto de vida dos jovens pobres na vivência do tempo presente**. 2008. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

MICHAELLIS: dicionário escolar língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008. Edição revisada pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

MIRANDA, Orlando de. Televisão, Real e Imaginário. In: **Comunicação & Política**. São Paulo: CBELA, 1992. p. 127-133.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é Periferia Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

MUSSE, Christina Ferraz. **Imprensa, cultura e imaginário urbano**: exercício de memória sobre os anos 60/70 em Juiz de Fora. 2006. Tese de Doutorado – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OBAMA, Barack H. **Discurso de posse de Barack Obama**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT21738-15254-21738-3934,00.html>
Consulta em: 20 jan. 2009.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Travesías de la receoción em América Latina. In: OROZCO GÓMEZ, Guillermo (Org.). **Recepción y mediaciones**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002. p. 15-23.

PAIS, José Machado. A Transição dos jovens para a vida adulta: Correntes teóricas da Sociologia da Juventude. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda, 1993, p.21-63.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. In: **Lumina**: revista da Faculdade de Comunicação da UFJF, Juiz de Fora: v.1, n.1, jun. 2007. Disponível em www.ppgcomufjf.brm-vindo.net.lumina Acesso em: 01 set. 2007.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. In: MARQUES DE MELO, José; SATHLER, Luciano (Orgs.). **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005. p. 245-253.

RELATÓRIO A mídia dos jovens. Ano 8, n. 11, jun. 2005. ANDI – Instituto Votorantim.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil**: um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Para uma genealogia do discurso da globalização da experiência**. Universidade Nova de Lisboa, setembro de 2000. Disponível em: www.bocc.ubi.pt Acesso em: 30 mai. 2007.

ROLDÃO, Ivete Cardoso do Carmo. A Imprensa Televisiva. In: BARZOTTO, Valdir Heitor; GHILARDI, Maria Inês (Orgs.). **Mídia, Educação e Leitura**. São Paulo: Anhembi Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. Um centro sofisticado. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27 jul. 1997. Encarte especial Juiz de Fora, ano 1, p.58.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito Além do Jardim Botânico**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. As brechas da Indústria Cultural Brasileira. In: FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 31-52.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.73-102.

TAVARES, Gisele Machado (Org.). **Atlas Social – Juiz de Fora**: diagnóstico / Prefeitura de Juiz de Fora. Juiz de Fora: Prefeitura de Juiz de Fora, 2006.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: _____. (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega Ltda., 1993. p. 167-176.

_____. **Teorias do Jornalismo** – Volume I Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.

_____. **Teorias do Jornalismo** – Volume II A Tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **Juventude e Televisão**: um estudo de recepção do Jornal Nacional entre jovens universitários cariocas. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

TRINTA, Aluizio R. Televisão e formações identitárias no Brasil. In: LAHNI, Cláudia Regina; PINHEIRO, Marta de Araújo (Orgs.). **Sociedade e Comunicação**: perspectivas contemporâneas. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

TUNNER, Viviane. **Viviane Tunner**: entrevista [set. 2008]. Entrevistadora: Aline Silva Correa Maia. Juiz de Fora: 2008. Entrevista concedida por telefone à pesquisadora.

VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. Maiorias adaptadas e minorias progressistas. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Martoni (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 351-368.

VERDADES. Propaganda institucional exibida no Canal Futura. 2007. (1 min.)

VIANNA, Letícia. **A idade média**: uma reflexão sobre o mito da juventude na cultura de massa. 1992. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 1992.

VIEIRA, Roberto Amaral. Televisão, Imaginário e Inconsciente. In. **Comunicação & Política**. Ano 11, n. 16. São Paulo: CBELA, 1992. p. 119-125.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008. p.11-28.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público** – Uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Pensar a Comunicação**. Brasília: UnB, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.

Periódicos

JF HOJE. Juiz de Fora, 17 de outubro de 2008.

PANORAMA. Juiz de Fora, 28 de março de 2005.
 PANORAMA. Juiz de Fora, 29 de março de 2005.
 PANORAMA. Juiz de Fora, 30 de março de 2005.
 PANORAMA. Juiz de Fora, 31 de março de 2005.
 PANORAMA. Juiz de Fora, 17 de outubro de 2008.

TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 29 de março de 2005.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 30 de março de 2005.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 16 de maio de 2008.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 17 de maio de 2008.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 20 de maio de 2008.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 07 de outubro de 2008.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 17 de outubro de 2008.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 1º de novembro de 2008.
 TRIBUNA DE MINAS. Juiz de Fora, 10 de dezembro de 2008.

Sites consultados

www.redeglobo.com.br
www.acesa.com
www.tribunademinas.com.br
<http://revistaepoca.globo.com>
www.ibope.com.br
www.pjf.mg.gov.br
www.mg.gov.br
<http://webcarta.net/carta/mapa.php?id=11206&lg=pt>

www.ibge.gov.br
www.radiobras.gov.br
www.ufjf.br
www.anj.org.br

ANEXO 01**TOP 5: RIO DE JANEIRO - SEMANA 37 - 08/09 A 14/09/2008**

Descritivo: Fonte: Media Workstation. Programas de maior audiência na Região GRJ. Todos os dias das 06:00 às 05:59 hs. Universos: 3.633.098 domicílios e 10.363.708 indivíduos. Um ponto de audiência igual a 1% destes respectivos universos.

Informações referentes ao período: 08/set/2008 à 14/set/2008

Data de Publicação: 23/set/2008

PROGRAMA	AUDIÊNCIA DOMICILIAR %	AUDIÊNCIA INDIVIDUAL %
BANDEIRANTES		
JORNAL DA BAND	4	2
BRASIL URGENTE 1	4	2
JORNAL DO RIO	4	2
MARCIA	4	2
PROGRAMA RAUL GIL	3	1
CNT		
SESSAO DAS 10	2	1
SESSAO DAS 10 NOT	2	1
THE AMAZ RAC CORRID MILION	1	1
SAMBA DE PRIMEIRA NOT	1	0
TRANSA LOUCA	1	0
GLOBO		
FUTEBOL QA - BRASIL X BOLIVIA	38	19
NOVELA III - A FAVORITA	38	20
NOVELA II - BELEZA PURA	34	17
JORNAL NACIONAL	33	17
A GRANDE FAMILIA	30	15
RECORD		
IDOLOS	16	7
NOVELA 2 - OS MUTANTES CAMINHOS DO CORACAO	15	7
NOVELA 3 - CHAMAS DA VIDA	13	6
SUPER TELA NOT	13	6
SERIE PREMIUM 3	12	5
REDE TV!		
PANICO REPRISE	6	3
PANICO NA TV	5	2
DR HOLLYWOOD NOT	4	2
POKEMON	3	1

SUPERPOP	3	1
SBT		
DOMINGO LEGAL PSS	17	8
TELE SENA	15	7
8 E MEIA NO CINEMA	15	7
PROGRAMA SILVIO SANTOS	12	6
PANTANAL	12	6
TV BRASIL		
MENINO MUITO MALUQUIN MAT 1	1	0
PROGRAMA DE CINEMA VES	1	1
NORDESTINOS VES	1	0
A TURMA DO PERERE MAT	1	0
DECLARAC UNIV DIREIT HUMAN VES	1	0

ANEXO 01**TOP 5: RIO DE JANEIRO - SEMANA 36 - 01/09 A 07/09/2008**

Descritivo: Fonte: Media Workstation. Programas de maior audiência na Região GRJ. Todos os dias das 06:00 às 05:59 hs. Universos: 3.633.098 domicílios e 10.363.708 indivíduos. Um ponto de audiência igual a 1% destes respectivos universos.

Informações referentes ao período: 01/set/2008 à 07/set/2008

Data de Publicação: 16/set/2008

PROGRAMA	AUDIÊNCIA DOMICILIAR %	AUDIÊNCIA INDIVIDUAL %
BANDEIRANTES		
PROGRAMA RAUL GIL	5	2
JORNAL DA BAND	4	2
CQC	4	2
JORNAL DO RIO	4	2
BRASIL URGENTE 1	3	1
CNT		
SESSAO DAS 10	2	1
SESSAO DAS 10 NOT	1	1
TRANSA LOUCA	1	0
CNT JORNAL	1	0
SAMBA DE PRIMEIRA NOT	1	0
GLOBO		
NOVELA III - A FAVORITA	37	19
FUTEBOL NOT - FIGUEIRENSE X FLAMENGO	33	17
FUTEBOL QA - CHILE X BRASIL	33	15
JORNAL NACIONAL	31	16
NOVELA II - BELEZA PURA	30	15
RECORD		
NOVELA 2 - OS MUTANTES CAMINHOS DO CORACAO	15	7
NOVELA 3 - CHAMAS DA VIDAS	13	6
IDOLOS	13	6
CAMERA RECORD	12	6
SUPER TELA NOT	12	6

REDE TV!		
PANICO REPRISE	5	2
PANICO NA TV	5	2
DR HOLLYWOOD NOT	4	2
SUPERPOP	3	2
POKEMON	3	1
SBT		
TELE SENA	14	6
DOMINGO LEGAL PSS	14	6
PANTANAL	12	6
CHAVES VES	11	5
TV BIBI	11	4
TV BRASIL		
INDEPENDENCIA DO BRASIL	2	1
CASTELO RA TIM BUM VES	1	0
CONEXAO ROBER D AVILA NOT 1	1	0
CASTELO RA TIM BUM VES 1	1	0
JANELA JANELINHA VES	1	0

ANEXO 01

TOP 5: SÃO PAULO - SEMANA 37 - 08/09 A 14/09/2008

Descritivo: Fonte: Media Worstation. Programas de maior audiência na Região GSP. Todos os dias das 06:00 às 05:59 hs. Universos: 5.554.600 domicílios e 17.267.746 indivíduos. Um ponto de audiência corresponde a 1% destes respectivos universos.

Informações referentes ao período: 08/set/2008 à 14/set/2008

Data de Publicação: 23/set/2008

PROGRAMA	AUDIÊNCIA DOMICILIAR %	AUDIÊNCIA INDIVIDUAL %
BANDEIRANTES		
BRASIL URGENTE 1	7	3
JORNAL DA BAND	5	2
BRASIL URGENTE 2	5	2
CQC	5	2
FUTEBOL VES - CRUZEIRO X PALMEIRAS	4	2
CULTURA		
CYBERCHASE SSX	3	1
JIM NO MUNDO DA LUA	3	1
PINGU VES	3	1
SOM NA CAIXA COM O DJ CAO VES	3	1
PINKY DINKY DOO VES	3	1
GAZETA		
GAZETA ESPORTIVA	3	1
ESPORTE INTERATIVO	3	1
MULHERES 3	2	1
GAZETA NEWS VES	2	1
JORNAL DA GAZETA	2	1
GLOBO		
NOVELA III - A FAVORITA	38	17
FUTEBOL QA - BRASIL X BOLIVIA	34	15
JORNAL NACIONAL	31	14
NOVELA II - BELEZA PURA	29	13
A GRANDE FAMILIA	28	12
RECORD		
IDOLOS	14	6
NOVELA 2 - OS MUTANTES	13	7

CAMINHOS DO CORACAO		
DOMINGO ESPETACULAR	13	6
CAMERA RECORD	12	6
NOVELA 3 - CHAMAS DA VIDA	12	6
REDE TV!		
PANICO NA TV	6	3
PANICO REPRISE	5	2
DR HOLLYWOOD NOT	5	2
CAMPEONATO BRASILEIRO SERIE B	4	2
TV FAMA SSX	3	1
SBT		
DOMINGO LEGAL PSS	16	8
PANTANAL	13	5
8 E MEIA NO CINEMA	12	6
TELE SENA	12	6
TV BIBI	11	5

ANEXO 01**TOP 5: SÃO PAULO - SEMANA 36 - 01/09 A 07/09/2008**

Descritivo: Fonte: Media Worstation. Programas de maior audiência na Região GSP. Todos os dias das 06:00 às 05:59 hs. Universos: 5.554.600 domicílios e 17.267.746 indivíduos. Um ponto de audiência corresponde a 1% destes respectivos universos.

Informações referentes ao período: 01/set/2008 à 07/set/2008

Data de Publicação: 16/set/2008

PROGRAMA	AUDIÊNCIA DOMICILIAR %	AUDIÊNCIA INDIVIDUAL %
BANDEIRANTES		
BRASIL URGENTE 1	5	2
JORNAL DA BAND	5	2
BRASIL URGENTE 2	5	2
PROGRAMA RAUL GIL	5	2
CQC	5	2
CULTURA		
CYBERCHASE SSX	2	1
JIM NO MUNDO DA LUA	2	1
SESINH ED SAUDE LAZER VES	2	1
TUDO SOBRE ANIMAIS NOT	2	1
VIOLA MINHA VIOLA MAT	2	1
GAZETA		
GAZETA ESPORTIVA	3	1
JORNAL DA GAZETA	2	1
MULHERES 3	2	1
MULHERES 1	2	1
ESPORTE INTERATIVO	2	1
GLOBO		
NOVELA III - A FAVORITA	36	17
FUTEBOL NOT - CHILE X BRASIL	33	16
JORNAL NACIONAL	29	13
A GRANDE FAMILIA	28	13
GLOBO REPORTER	28	12

IDOLOS	15	7
NOVELA 2 - OS MUTANTES CAMINHOS DO CORACAO	12	6
DOMINGO ESPETACULAR	12	6
NOVELA 3 - CHAMAS DA VIDA	12	6
CAMERA RECORD	11	5
REDE TV!		
PANICO NA TV	5	2
DR HOLLYWOOD NOT	5	2
PANICO REPRISE	5	2
SUPERPOP	4	1
REDE TV NEWS	3	1
SBT		
DOMINGO LEGAL PSS	14	6
PANTANAL	13	6
TELE SENA	13	6
PROGRAMA SILVIO SANTOS	11	5
8 E MEIA NO CINEMA	9	5

ANEXO 02

Panorama – 28 de março de 2005.

PANORAMA

DIÁRIO DE FORA - segunda-feira, 28 de março de 2005 Presidente: Omar Resende Pereira Vice-presidente: Wilson Cid Diretora de Jornalismo: Ana Yuna Ano 2 - Nº 485 - R\$ 1,00

28-3-2005

BRASIL VENCE MAS NÃO CONVENCE



Seleção não joga bem, sofre na partida contra o Peru, mas consegue vencer com um gol de Kaká. Resultado deixou o Brasil em segundo nas Eliminatórias, se aproximando ainda mais da classificação para a Copa do Mundo de 2006. Próximo jogo é contra o Uruguai, quarta-feira.

ESPORTE

FLAMENGO PEGA O VOLTAÇO VALENDO VAGA NA DECISÃO

Vencedor da partida de hoje encara o Fluminense na final da Taça Rio. Jogo terá um duelo entre juventude e experiência.

ETC

O CINEMA PERTURBADOR DE DAVID LYNCH

Diretor americano utiliza linguagem de pesadelo para transmitir angústias e esquisitices do ser humano que busca afeto.

EDUCAÇÃO

VOLUNTARIADO MOVIMENTA ALUNOS DA UFJF

A Campe Consultoria JR, empresa da Faculdade de Administração, reestrutura o Programa Aluno Voluntário (PAV).

Guerra urbana



Pedras e paus foram usados ontem, em uma briga entre gangues rivais dos bairros Santa Luzia e Furtado de Menezes

03 CIDADE

EM JF, HOSPITAIS PSIQUIÁTRICOS VÃO SER REVISTORIADOS

Três instituições passarão por nova vistoria, hoje, no Programa de Avaliação de Serviços Hospitalares em Psiquiatria.

06 CIDADE

BANDIDOS FAZEM FAMÍLIA REFÉM EM LEOPOLDINA

Filho, mulher e marido foram aprisionados por assaltantes armados. Eles chegaram a ser amarrados a um falso explosivo.

05 CIDADE

BEJANI, LULA E VILOES DA TV SÃO ELEITOS 'JUDAS'

Tradicional malhação de bonecos aconteceu ontem em diversos bairros de Juiz de Fora. Criatividade foi o ponto alto.

06 CIDADE

APOSENTADO É PRESO POR CRIAR PÁSSAROS SILVESTRES

Depois de uma denúncia feita por vizinhos, Polícia do Meio Ambiente encontrou 24 pássaros criados em cativeiro.

Saldão de balanço

Bretas

1,99



Bretas

ANEXO 02

Panorama – 28 de março de 2005.

CIDADE

6

DIÁRIO DE JORNAL
PUBLICADO SEMPRE
EM 27 DE MARÇO DE 2005

PANORAMA



■ Na Ibitiguaiá, gangue de Santa Luzia esperava turma do Furtado



■ Entre os detidos pela polícia, havia sete garotas e sete menores

CONFRONTO | Um grupo de 11 adolescentes foi parar na Delegacia mas foram liberados

Gangues aterrorizam Zona Sul

A banalização da violência e a impunidade deixam em risco os moradores da região do Bairro Boa Vista e Santa Luzia. Na tarde de ontem, cerca de 30 policiais militares, da 32ª Companhia e da 3ª Companhia de Missões Especiais voltaram a agir na parte alta da Avenida Rio Branco, próximo ao Carrefour, para conter a briga entre as galeras rivais dos bairros Santa Luzia e Furtado de Menezes. Os moradores e comerciantes da região contaram que os conflitos vêm acontecendo todos os dias da semana, sempre entre 14h e 15h, como divulgado pelo PANORAMA na edição de quinta-feira. Levantamento feito pela Polícia Militar mostra que só esse mês foram 14 solicitações de viaturas para o local.

— Isso virou uma praça de guerra. Todas as tardes dessa semana houve briga. E o pior é que eles não respeitam mais ninguém, já perderam os va-

lores — disse uma moradora da Avenida Ibitiguaiá, que preferiu não se identificar.

Segundo o proprietário de uma pizzaria da região, José Henrique de Oliveira, o medo é constante.

— Ficamos muito apreensivos. Não posso, mais, nem parar o carro aqui perto por causa das pedras — disse ele.

Ontem o PANORAMA conseguiu flagrar um grupo de jovens do Santa Luzia na esquina da Rua Três Ilhas com a Avenida Ibitiguaiá. Com pedras nas mãos, eles aguardavam o aparecimento da galera rival. Com a chegada dos policiais, os jovens se espalharam.

Segundo o comandante da operação, tenente Paulo José dos Reis, os policiais estiveram no local três vezes só na tarde de ontem. Na última, conseguiram apreender 11 adolescentes, entre 14 e 20 anos de idade, no matagal entre o Carrefour e o Bairro Guarujá. Entre



■ Polícia vasculhou a região na tentativa de prender integrantes

eles, estavam sete meninas. Os adolescentes foram levados para a 7ª Delegacia, onde foi lavrado o Termo Circunstanciado de Ocorrência (TCO), sendo liberados em seguida. Os menores foram encaminhados à Vara da Infância e da Juventude.

Na delegacia, os jovens, todos do Furtado de Menezes confessaram que a rixa entre os bairros já é antiga, mas que atualmente se agravou devido a desavenças nos bailes funk.

Até para a polícia o problema parece não ter solução, já que eles não são punidos, pela maioria ser de menor.

— Isso só vai ter fim quando terminar em morte — disse um PM, que contou que durante as ações já encontraram chuchos e facas com os jovens. Ontem, um dos jovens de Santa Luzia estava armado com revólver.

BANDIDOS FAZEM FAMÍLIA REFÉM

Uma família viveu momentos de pânico durante o último sábado, na cidade de Leopoldina, a 120 km de Juiz de Fora. Filho, mulher e marido, ficaram reféns de quatro bandidos armados de pistola e revólveres durante um assalto à residência, na Avenida Getúlio Vargas, no Centro do município. Os carros foram amordaçados e barrados a um artefato explosivo. Policiais de Juiz de Fora, dando os homens do Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE), foram acionados para participar da operação.

que ao chegar em casa foi rendido pelos quatro assaltantes, que estavam encapuzados. Eles o ameaçaram e o obrigaram a passar dinheiro e objetos de valor que estavam na casa. Os ladrões roubaram US\$ 500, quase R\$1.500, além de várias jóias avaliadas em torno R\$5 mil. A mulher do empresário, Lucinéia de Paula Mendonça, 45 anos e o filho do casal também ficaram amarrados sob a mira dos bandidos. Antes de fugir, os assaltantes enrolaram uma espécie de bomba caseira nas vítimas. O Gate detonou o artefato, que não tinha explosivo.

lecimento, Adão Faustino Santiago, de 32, foi rendido pelos bandidos, que roubaram cerca de R\$ 70 mil em dinheiro.

Os ladrões fugiram no carro do empresário, um Palio Weekend, que foi localizado pela Polícia Rodoviária Federal às margens da rodovia BR-116, a 5 km de Leopoldina, com dois pneus estourados. Segundo testemunhas, eles teriam fugido num segundo carro.

Durante todo o dia de ontem, a PM realizou rastreamento a procura de pistas dos bandidos. Eles acreditam que os

MULTA | Homem terá que pagar R\$ 12 mil multa

Aposentado é preso

O aposentado Sinval de Souza Tavares, de 72 anos, foi preso na manhã de ontem por manter 24 pássaros da fauna silvestre em cativeiro. Junto com os pássaros, haviam também armadilhas para capturar as aves. Sinval, que criava canários da terra, coleiros, azulões, estrelinhas e boiadeiros em casa, na Rua Joaquim Marques Coimbra, Bairro Marumbi, foi denunciado por um vizinho, que acionou a polícia. Segundo um sobrinho do aposentado, que preferiu

Uma motocicleta chocou-se, no início da tarde de ontem contra uma ambulância do Samu, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Dellim Moreira. Segundo testemunhas, a motocicleta GYF-5761, dirigida por Robson Miranda Freitas descia a avenida Rio Branco quando a ambulância entrou na pista de carros para acessar a Dellim Moreira. Robson contou que o motorista não ligou a sirene da ambulância.

O motorista da ambulância informou que a moto estava em alta velocidade que os carros já estavam parando na Avenida Rio Branco para que a ambulância entrasse.

MOTO E AMBULÂNCIA BATEM NA RIO BRANCO

Uma motocicleta chocou-se, no início da tarde de ontem contra uma ambulância do Samu, na esquina da Avenida Rio Branco com a Rua Dellim Moreira. Segundo testemunhas, a motocicleta GYF-5761, dirigida por Robson Miranda Freitas descia a avenida Rio Branco quando a ambulância entrou na pista de carros para acessar a Dellim Moreira. Robson contou que o motorista não ligou a sirene da ambulância.

O motorista da ambulância informou que a moto estava em alta velocidade que os carros já estavam parando na Avenida Rio Branco para que a ambulância entrasse.

VIOLÊNCIA

JOVEM AMEAÇADA COM ARMA

Mais uma tentativa de estupro foi registrada pela Polícia Militar. A jovem C.S., de 20 anos, contou à Polícia que foi abusada sexualmente por um homem branco, magro, de estatura mediana, com aproximadamente 25 anos, na madrugada de domingo. Ela saiu de um bar na Praça Agostini quando aceitou a carona do rapaz, que se identificou como Luiz, para voltar para casa, no Bairro Vila Ideal. O homem a teria levado para um loteamento na Alameda Iva Mello Reis, no Bairro Santo Antônio e armado de revólver, obrigou a jovem a manter relações sexuais com ele. Luiz ainda mordeu o rosto e o ombro de C., que foi medicada no HPS. O esturador não foi localizado pela polícia.

ANEXO 02

Panorama – 29 de março de 2005.



ANEXO 02

Panorama – 29 de março de 2005.

CIDADE 6 LUZ DE FORA
terça-feira
29 DE MARÇO DE 2005

VIOLÊNCIA | Briga de gangue no Retiro foi motivada por rixa antiga

Dois jovens são baleados em saída de baile funk

GLEICE LISBÔA

Cinco dias após uma reunião para determinar medidas de contenção da violência nas saídas dos bailes funk, dois jovens foram baleados quando saíam de um galpão, no Bairro Retiro, na madrugada de domingo, onde acontecia um baile. Os jovens Leonardo do Nascimento Luiz, de 22 anos, e Davi Justino Gomes, de 25, estavam na porta do espaço que foi alugado, na esquina da Rua Leopoldo Furtado de Mendonça, com a BR-267, quando foram atingidos. Segundo testemunhas, o autor dos disparos seria um rapaz de 18 anos que mora na região, no Bairro conhecido como Niterói, e teria ido até a porta do baile, acompanhado de outros jovens, para acertar contas com alguns moradores do bairro. A rixa entre as galeras seria antiga. Ele disparou diversas vezes contra as pessoas que estavam na entrada da festa.

Leonardo teve o baço e um dos pulmões perfurados e, segundo a família, foi internado na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) do Hospital de Pronto Socorro, inconsciente. Ontem à noite, a informação era de que Leonardo estava lúcido e melhorando.

Davi permanece internado, mas está na enfermaria do hospital.

De acordo com o funcionário que trabalhava no local da festa, José Carlos Sanguim, os dois jovens não teriam nada a ver com a briga.

— Ele parou do outro lado da rua e começou a atirar contra todas as pessoas que estavam na porta — contou.

As famílias dos jovens baleados cobram uma atitude da polícia e da Justiça.

— Isso não é certo. Ele não tinha nada com a confusão e agora está no hospital, entre a vida e a morte. Quero que esse jovem seja preso — cobra Maria José Lima, 47 anos, prima de Leonardo.

De acordo com a doméstica Tânia Batista, 32, a irmã dela, de 22 anos, que estava no baile, escapou por pouco das balas.

— Por sorte um primo conseguiu empurrá-la e ela não foi atingida — disse.

A Polícia Militar foi acionada e esteve na casa do autor, mas ele não foi localizado.

RECLAMAÇÃO | Moradores cobram providências da Prefeitura

Falta de capina e limpeza de ruas

VC

I
lun-
ros
ga
co
Lar
onte
des
fun-
no
fac-
vê

■ Segundo vizinhos, Leonardo e Davi não participavam de confusão

■ S

ca

ANEXO 02

Tribuna de Minas – 29 de março de 2005.

Tribuna de Minas

FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES www.tribunademinas.com.br 190 X11V Nº 3117

TERREMOTO DEIXA MORTOS NA INDONÉSIA
Após abalo de 8,7 graus na Escala de formação de tsunamis à desolação
CADAFRINO

Liberação de verba deve criar cem vagas em JF

O Governo do estado anunciou, ontem, a aprovação de R\$ 3 milhões, por meio de financiamento do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais, para a viabilização de dois projetos em Juiz de Fora. A expectativa é a de que mais de cem empregos sejam criados.

Página 6

Brasil não vai renovar acordo com o FMI

O Brasil não renovará o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) amanhã. A decisão, segundo o ministério da Fazenda, é fruto da melhoria da economia e da redução da vulnerabilidade externa e não significa que o Governo está livre para gastar à vontade.

Página 6

Vereador quer explicação sobre déficit na Prefeitura

O vereador Antônio Jorge Marques procurou, ontem, um pedido de informação à PFF sobre o déficit de R\$ 127 milhões nas contas da administração municipal. O tuco quer saber quanto o prefeito Alberto Dejaní herdou de restos a pagar da administração Tarcísio Degado.

Página 7

TRIBUNA ENTREVISTA JOVENS QUE DIZEM FAZER PARTE DA ADA (AMIGOS DOS AMIGOS) E DO COMANDO VERMELHO

Polícia investiga possíveis formações de facções

Galeras que têm se enfrentado nas ruas da cidade estão se intitulando membros das facções criminosas Amigos dos Amigos (ADA) e Comando Vermelho (CV), ambas do Rio de Janeiro. A Tribuna esteve em Santa Luzia e no Furtado de Menezes e entrevistou jovens que dizem fazer parte desses grupos e assumem a autoria do vandalismo contra ônibus e moradores sob alegação de demarcação de território. A polícia investiga a possibilidade de formação de facções e prepara um dossiê. Embora a maioria dos adolescentes fizesse, não poderiam garantir a chance de formação de facções na cidade, diz o comandante do 7º Batalhão da PM, coronel José Ricardo Grunewald.

Página 10

Fotografia: 26 0340

Sobe para 10 nº de mulheres estupradas este mês

Um estudo realizado em uma tentativa de avaliar o número de casos de violência sexual de tipo de crime, no município, em Juiz de Fora, revelou, aconteceu no mês de março, em Juiz de Fora, a ocorrência de onze casos de violência sexual, sendo que uma mulher teve sido vítima de violência sexual pelo ex-companheiro.

Página 10

Obras de emergência serão feitas em R\$ 5,22 milhões

O contrato entre a Companhia Queiroz Galvão e a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, para realização de obras de emergência no aterro do Saneamento Ambiental, está sendo assinado, em Juiz de Fora, com R\$ 5,22 milhões, para a execução de obras de emergência.

Página 10



DENUNCIAÇÃO: adolescente de Santa Luzia diz que integra o grupo ADA (Amigos dos Amigos) para proteger o território

FLA VENCE E ESTÁ NA FINAL

Rubro-Negro bate o Volta Redonda e avança na Taça Rio

Redonda por 1 a 0 e conquistou uma vaga na final da Taça Rio, equivalente ao segundo turno do Campeonato Carioca. O único gol da partida saiu na etapa complementar, com Junior convertendo o pênalti sofrido pelo meia Caio, que entrou na vaga de Felipe Gabriel, no segundo tempo.

Página 11

Flamengo enfrenta o Fluminense no próximo domingo, no Maracanã, pela final da Taça Rio. O vencedor do confronto disputa o título estadual com o Volta Redonda, que sagrou-se campeão no primeiro turno.



Página 11

DÓLAR	
2,70	2,74
2,68	2,72
2,65	2,69
2,62	2,66

COMPRAR VENDIDA	
Comercial	R\$ 2,72 R\$ 2,72
Paralelo	R\$ 2,74 R\$ 2,84
Turista	R\$ 2,86 R\$ 2,92

EDIÇÃO COM 38 PÁGINAS

1º Caderno	12 páginas
Caderno Dois	6 páginas
Classificados	20 páginas

ANEXO 02

Tribuna de Minas – 29 de março de 2005.

Tribuna de Minas
TERÇA FEIRA
29 de março de 2005

Geral

E-mail: redacao@tribunademinas.com.br

3

Rivalidade entre gangues

Polícia investiga possível formação de facções em JF

Garotos entre 11 e 17 anos dizem ser das fações criminosas Amigos dos Amigos (ADA) e Comando Vermelho (CV), do Rio, e assumem autoria de vandalismos

Foto: Ramo Faiboo/29-03-05

DEMARCAÇÃO: adolescentes de Santa Luzia (à direita) dizem que integram o ADA para proteger o território; marcas das supostas facções aparecem nos muros do Parque Guaraná (abaixo à esquerda e à direita) e em Santa Luzia (ao centro)









Violência contra a mulher

Registados mais dois casos de estupro em JF

Mais dois casos de estupro, sendo uma tentativa, foram registrados em Juiz de Fora, entre a tarde do último domingo e a madrugada de ontem, seguindo para dez o número desses delitos ocorridos somente no mês de março. Em 2005, a frequência destes crimes tem sido de duas a três ocorrências por mês. O último caso aconteceu por volta das 4h30 de domingo, no Bairro Tinguá. A vítima é uma mulher delegada, os casos mais frequentes têm sido os chamados 'estupros de encontro'. Dos dez registros deste mês, quatro foram cometidos por desconhecidos. "A maioria das queixas que chegam à delegacia são de mulheres que saem para se encontrar com alguém que acabaram de conhecer e, ao regressar a polícia do ato sexual, são violentadas."

O caso de tentativa de estupro foi registrado na tarde do

Em menos de 24 horas

PM contabiliza 5 arrombamentos

Cinco arrombamentos em imóveis foram registrados pela Polícia Militar, em menos de 24 horas, na cidade. Na manhã de ontem, duas escolas, uma loja de tintas e o Hospital Doutor João Penido também sofreram ações de vândalos e ladrões. Na Escola Municipal Clotilde Peixoto Hargreaves, na Rua Diva Garcia, Bairro Linhares, os bandidos quebraram o fechamento do almoxarifado e furtaram um saco com bolas de tênis e uma galocha. Na Escola Municipal São Geraldo, na Rua Adriano Coutinho, no Previdênciaários, a porta de madeira de uma sala dos fundos foi arrombada, a parte da fiação

mesmo cômodo foi aberto e mantimentos e panelas foram furtados. Desde então, instalamos alarmes dentro do colégio, mas, mesmo assim, eles ainda tentam entrar."

Ladrões arrombaram, ainda, a loja de tintas Manchester, na Rua Francisco Bernardino, no Centro. Segundo funcionários, eles teriam entrado durante a madrugada, por uma janela no segundo andar da loja. O local foi revirado e três baldes de choques foram furtados. Já no Hospital Doutor João Penido, um pé-de-cabeça foi utilizado para abrir a porta de um dos consultórios, mas não houve danos materiais.

Tentativa de Assalto

Na tarde de domingo, o comerciante Francisco Rezende, 54, foi atingido por um tiro de raspão, na cabeça, após uma tentativa de assalto em seu bar, na Rua Evaristo da Veiga, em Benfica. A vítima foi atendida na Policlínica daquele bairro e passa bem. Os três bandidos fugiram. No início da tarde de ontem, um estudante de 14 anos foi assaltado e teve o celular roubado no Bairro Barbosa Lage. O fato ocorreu na Praça Gabriel Vitorino, Miravões.

Violência pode estar ganhando uma nova face em Juiz de Fora. Galerias que têm se enfrentado nas ruas da cidade, somente neste mês 11 casos foram registrados, estão se intitulando membros das facções criminosas Amigos dos Amigos (ADA) e Comando Vermelho (CV), ambas do Rio de Janeiro. A Tribuna esteve em Santa Luzia, um dos bairros que lideram as recentes ocorrências policiais, e no Furtado de Mendonça, e entrevistou jovens que dizem fazer parte desses grupos. Garotos entre 11 e 17 anos assumem a autoria do vandalismo praticado contra ônibus e moradores de regiões consideradas rivais sob alegação de demarcação de território. A polícia investiga a possibilidade de formação de facções no município e prepara um dossiê. O comandante do 7º Batalhão da Polícia Militar, tenente coronel José Ricardo Grunewald, diz que é necessário um estudo profundo para que as causas do problema sejam compreendidas. "Embora a maioria dos adolescentes fantasie, não podemos descartar a chance de formação de facções na cidade. Estamos buscando informações para chegar a uma conclusão. A sociedade precisa se unir e propor medidas socioeducativas." Uma das descobertas da corporação é que a Internet pode estar sendo usada como arma para disseminação de ações violentas. Dois endereços virtuais já foram rastreados, indicando a extensão do problema. "A gente não aceita invasão de além (membro rival) na nossa área. Em Santa Luzia não entra Furtado, Dom Bosco, Santa Cecília. Se tentarem, a gente frita", diz M, 17 anos, mostrando a sigla do ADA espalhada pelo bairro. Segundo o jovem, a rua é do

DANIELA ARREX
REPORTER

ANEXO 02

Panorama – 30 de março de 2005.

Anuncie por **1 REAL**
Com a Sexta e o Domingo **GRÁTIS** **SUPERCLASS**

PANORAMA

JURZ DE FORA - quarta-feira, 30 de Março de 2005 Presidente: Omal Rejende Peres Vice-presidente: Wilson Cid Diretora de Jornalismo: Ana Viana Ano 2 - Nº 487 - R\$ 1,00

OBRAS NO ATERRO SANITÁRIO DE JF
EMPRESA PAULISTA
CONTESTA LICITAÇÃO

Paulista Obras e Pavimentação Ltda. vai à Justiça questionar Demlurb. Vereador pede parecer à Procuradoria da Câmara Municipal.

Prefeitura ainda busca alternativas para custear os R\$ 5,2 milhões pedidos pela empresa Queiroz Galvão, vencedora da licitação.

ESPORTE
BRASIL TENTA QUEBRAR UM TABU DE 29 ANOS SEM VENCER O URUGUAI EM MONTEVIDEU

ETC
CENTRO CULTURAL PRO-MUSICA ANUNCIA NOVOS PROJETOS PARA TEMPORADA 2005

BRASIL
GOVERNO FEDERAL ADMITE DERROTA E DECIDE REJEITAR TEXTO DA MEDIDA PROVISORIA 232

GANGUES



Estudante é atingido por dois disparos de bala depois de ser perseguido por cerca de 20 integrantes de uma gangue.

09 CIDADE
PREFEITURA E PM ASSINAM CONVÊNIO
Polícia irá receber verba mensal de R\$ 10 mil para a recuperação e manutenção de viaturas. Em troca, a PM intensifica patrulhamento.

07 CIDADE
EQUIPES VISTORIAM HOSPITAIS DE JF
Grupos, que contaram com a participação de membros do Ministério da Saúde, percorreram três instituições psiquiátricas da cidade.

VEICULOS
C5 É A MAIS NOVA OBRA-PRIMA DA FABRICA FRANCESA CITROEN.

4ª e 5ª Gorda
CAPSA DE FILE PEÇA/PEÇUQUINHO 2,99

Bretas
CACHU 45
ARROZ 1% RABONINHA 5,98

ANEXO 02

Panorama – 30 de março de 2005.

PANORAMA 30 DE MARÇO DE 2005 **CIDADE**

OPERAÇÃO ALVORADA | Polícia Militar monta esquema de ações para coibir violência entre galeras rivais

Lideranças de gangues serão punidas

Os integrantes das gangues de bairros rivais da cidade, principalmente da Zona Sul e da Cidade Alta, estão na mira da Polícia Militar e vão ser punidos pelos atos de violência que vêm cometendo. O comando da Polícia Militar se reuniu, ontem, para esquematizar uma operação especial que pretende prender os envolvidos nas brigas de gangues que têm acontecido na cidade.

A PM revela que o mapeamento dos grupos e levantamento das lideranças, iniciados há cerca de dois meses pela sessão de inteligência da polícia, já está concluído. As informações dão conta de que muitos dos envolvidos são menores de idade. Eles também serão apreendidos durante a operação. Por enquanto a operação, denominada Alvorada, ainda está marcada em sigilo.

Segundo o assessor de comunicação organizacional do 27º Batalhão, capitão Paulo Alex Moreira, o objetivo da operação é reprimir as ações de violência cometidas por estes jovens.

— Vamos minimizar o problema da guerra de gangues e os efeitos que elas estão produzindo na cidade, como vandalismo e o medo entre as comunidades — garantiu.

De acordo com levantamento da Polícia, os conflitos

estão ligados à disputa de território e ao tráfico de drogas. O PANORAMA esteve ontem no alto do Bairro Guarú, corredor de acesso para os bairros de Santa Luzia e Furtado de Menezes, e encontrou em todas as ruas marcas deixadas pelas galeras. Na caixa d'água, local frequentado pelas gangues existem pichações de facções que demonstram a marcação de territórios.

O capitão disse ontem que só pode afirmar se há na cidade membros de facções cariocas, como Comando Vermelho, depois que conseguir prender os líderes. A Operação Alvorada vai ser realizada em três fases, com envolvimento dos homens do 27º Batalhão e da 3ª Companhia de Missões Especiais. Além da detenção das lideranças, a PM vai realizar trabalho educativo e massivo em escolas, e parceria com o Juizado de Menores, que destinará aos menores envolvidos medidas punitivas sócio-educativas. Os pais dos adolescentes também vão ser responsabilizados.

— Não podemos admitir que a criminalidade se transpasse

para casa com medo da violência imposta pelas gangues — disse o capitão.

A ação da Polícia Militar foi motivada pelos últimos episódios de enfrentamento entre as galeras, no alto da Avenida Rio Branco e no Campus da Universidade Federal de Juiz de Fora. Só nesse mês foram registradas 11 ocorrências, sem contar a do jovem baleado na noite de segunda-feira, no Bairro Solidiedade. Ele levou dois tiros de raspão, disparados por uma gangue do Bairro Santa Luzia.

JOVEM É BALEADO

O estudante Jacson Valério Custódio, de 20 anos, levou dois tiros de raspão depois de ser perseguido por cerca de 20 jovens integrantes de uma gangue do Bairro Santa Luzia. Os disparos aconteceram na noite de segunda-feira, na Rua Amadeu Guimarães, no Bairro Solidiedade. Segundo o estudante, ele e mais três amigos estavam indo a um bar comprar leite quando foram abordados pelo grupo.

— Eles começaram a gritar para a gente correr, achando que éramos do Bairro Furtado de Menezes — contou Jacson e os amigos correram para fugir do grupo, quando um dos integrantes da gangue deu quatro disparos de arma de fogo. Dois tiros atingiram o estudante, um no quadril e outro na altura do peito. Ele foi medicado no Hospital de Pronto Socorro (HPS) e liberado.

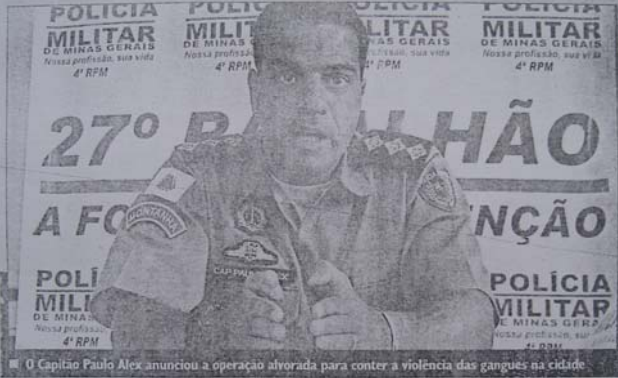
MEDO

Jacson conta que está com medo e não quer mais sair de casa.

— Eles estão passando direto pelo bairro. Ficam com paus e foquetes nas mãos, tentando pegar o pessoal do Furtado de Menezes — diz.

O Bairro Solidiedade fica localizado entre o Santa Luzia e o Furtado de Menezes. Para o estudante, a comunidade sofre por estar no meio da linha de fogo das gangues dos dois bairros.

— No Solidiedade não existem gangues, mas sempre acontece alguma coisa por aqui — revela.



O Capitão Paulo Alex anunciou a operação alvorada para conter a violência das gangues na cidade.

ANEXO 02

Tribuna de Minas – 30 de março de 2005.

Tribuna de Minas INTERDIÇÃO PARCIAL NA RIO BRANCO
A partir de amanhã, tráfego na avenida será interrompido para obras de SBT
PÁGINA 4

JUZ DE FORA QUARTA-FEIRA 30 DE MARÇO DE 2005 FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES www.tribunademinas.com.br ANO XXIV Nº 3773 R\$ 1

Reino Unido 29/03/05

MEGAOPERAÇÃO OBJETIVA COIBIR VIOLÊNCIA NA ZONA SUL

Polícia cria força-tarefa contra gangues

Um dia depois de a Tribuna revelar o acirramento da rivalidade entre os bairros e descobrir que as siglas de facções criminosas do Rio de Janeiro estão sendo usadas pelas galeras para demarcar territórios, o comando do 2º Batalhão de Polícia anunciou que criará uma força-tarefa para combater a violência das gangues na cidade, principalmente na Zona Sul. A megaoperação envolverá os 2º e 27º batalhões, a Polícia Civil e o Judiciário. Os policiais atuarão com modalidades de busca e apreensão e de prisão. Em mais um confronto, na noite de segunda, um jovem foi baleado quando saiu de um bar no Furtado de Mendonça.

Página 3

Gasolina de JF é a segunda mais cara de Minas **Convênio com PIF garante verba para frota da PM** **Govêrno derruba MP 232; IR sobe em abril**



ANEXO 02

Tribuna de Minas – 30 de março de 2005.

Tribuna de Minas
QUARTA-FEIRA
30 de março de 2005

Geral

E-mail: redacao@tribunademinas.com.br

3

Conflitos na Zona Sul

PM cria força-tarefa para coibir violência das gangues

Megaoperação, batizada de Alvorada, envolverá 3º e 27º batalhões, Polícia Civil e Judiciário; policiais atuarão com mandados de busca e apreensão e de prisão

Da Redação/29-03-05

DANIELA ARBEX
REPORTER

Um dia depois de a Tribuna revelar o acirramento da rivalidade entre os bairros e descobrir que as siglas de facções criminosas do Rio de Janeiro estão sendo usadas pelas galeras para demarcar territórios na cidade, o comando do 7º Batalhão de Polícia Militar anunciou a criação de uma força-tarefa, para coibir a violência das gangues na Zona Sul, onde na noite de segunda-feira um jovem foi baleado em mais um confronto na região. A megaoperação, batizada de Alvorada, envolverá, ainda, a 3ª Companhia de Missões Especiais, a Polícia Civil e o poder Judiciário. Com a garantia de conclusão do trabalho de identificação das lideranças, a PM espera agora localizar armamentos e drogas. A corporação contará com mandados de busca e apreensão e de prisão, a fim de garantir que os envolvidos respondam criminalmente pelos atos de vandalismo. Em um segundo momento a operação se estenderá a outras áreas da cidade.

A ação atingirá, também, os adolescentes que dizem pertencer à ADA, facção Amigos dos Amigos, que será integrada por meninos do Bairro Santa Luzia, ao grupo Comando Vermelho, que teria na sua formação jovens do Furtado de Menezes, e o Terceiro Comando do Sol, que aglutinaria garotos do Bairro Solidariedade. Por meio de uma parceria com as escolas, que inclui a punição junto aos estudantes, participação da Vara da Infância e Juventude e responsabilização das famílias, que serão chamadas pela polícia, a PM espera encerrar o ciclo da violência nessas áreas e colocar um ponto final na insegurança.

Em um novo confronto, na noite de segunda-feira, um jovem foi baleado quando saía de um bar no Furtado de Menezes

Por medida de segurança, a data e o horário do início da operação serão mantidos em sigilo. No entanto, o capitão garante que o trabalho só será concluído depois que a situação for revertida. "Vamos nos unir a duas entidades que lidam com a formação de uma pessoa: a escola e a família. Além disso, estamos diretamente em contato com a Vara da Infância e Juventude. A nossa ambição é conseguir, no futuro, ingressar essas crianças e adolescentes em projetos sociais."

Por dois dos quatro tiros disparados, quando saiu de um bar no Bairro Furtado de Menezes. "Queremos evitar essa situação para evitar que, daqui a pouco, a Zona Sul vire um faroeste, e matar o outro seja considerado um prêmio. A Operação Alvorada foi organizada para ter começo, meio e fim. Vamos torná-la um exemplo para outras regiões que incentivam a rivalidade entre galeras. O objetivo é minimizar a atuação das gangues e os efeitos que elas produzem", afirmou o capitão Paulo Alex de Oliveira.

Na noite de segunda-feira, um novo confronto entre Solidariedade e Santa Luzia elevou para 12 o número de ocorrências provocadas só este mês pela guerra entre as gangues. O es-

Capitão Paulo Alex de Oliveira, comandante do 7º Batalhão de Polícia Militar, em uma reunião com policiais e autoridades.

Paulo Alex: "Queremos evitar que a Zona Sul vire faroeste, e matar o outro seja considerado um prêmio."

RS 10 mil/mês para a PM

Convênio garante recuperação de frota

Foi assinado, ontem, o convênio entre a Prefeitura de Juiz de Fora e a Polícia Militar, garantindo a liberação de R\$ 10 milhões dos cofres municipais para a manutenção da frota da PM, que hoje tem cerca de 30 veículos de patrulhamento parados em praças e avenidas.

O comandante da 4ª Região da Polícia Militar, coronel Gilmar Simões de Lima, informou que vai encaminhar ao Executivo a relação de peças e equipamentos necessários para o conserto das viaturas defeituosas. "Acho que no mês que vem esses veículos já poderão retornar às ruas".

Ainda dentro das medidas para reforçar a frota da PM, o

autorizou a reforma do IML e do Detran, com vistas à aumentar o conforto dos usuários. Assesores diretos garantiram que as obras devem ser concluídas no próximo mês. Sobre a implantação da Guarda Municipal e a formalização da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social, o prefeito informou que aguarda a aprovação do projeto pelo Legislativo.

Habitacao

Operação demorada

Balanço revelará se há facções em JF

Só após o balanço da Operação Alvorada, a PM definirá se a cidade está dividida por facções. Apesar de a questão ainda não ter sido esclarecida, não há espaço para dúvidas quando o assunto é a demarcação de territórios por meio da violência. Na mais recente investigação contra o grupo do Solidariedade, o uso de revólver causou pânico entre a comunidade.

V, 15 anos, amigo do estudante baleado na Rua Amadeu Guimarães, no Guarú, conta que as "invasões" ao morro eram reprimidas com fogos de artifício e pau. "Dessa vez eles vieram armados. Se algum daqui morrer, a gente voltaria lá no Santa Luzia para velar qualquer pessoa". J., atingido por dois tiros na noite de segunda-feira, lembra que o grupo formado por cerca de 20 jovens continuou a atrair mesmo depois de tê-lo ferido. "Quando tomei o primeiro tiro, pensei que meu fim havia chegado. Queimou muito, mas continuei correndo. Eles vinham atrás, gritando: o Luzia está chegando, podem correr."

Protesto

Para a turma que se diz do Terceiro Comando do Sol, a falta de áreas de lazer nos bairros contribui com a formação de uma cultura violenta. "Aqui no Solidariedade não tem nem praça. É o fim do mundo. Só nos resta brincar de apedrejar e agredir", contou H., 17 anos. O relações públicas do 7º BPM, capitão Paulo Alex de Oliveira, reconhece a dimensão do problema, mas diz que a função da polícia é zelar pela paz social. "A gente não pode ficar à deriva, esperando que o poder público construa uma praça para solucionar essa situação. Eles precisam ser responsabilizados pelos atos que estão cometendo. Vamos tentar fazer um trabalho completo e isso inclui a busca de parceria com a Gerência de Educação Física e entidades ligadas a programas sociais do município."

ANEXO 02

Panorama – 31 de março de 2005.

Anuncie por **REAL** **GRÁTIS** **SUPERCLASS**
Com a Sexta e o Domingo

PANORAMA

JUIZ DE FORA - quinta-feira, 31 de Março de 2005. Presidente: Omar Resende Pereira. Vice-presidente: Wilson Od. Diretora de Jornalismo: Ana Viana. Ano 1 - Nº 488 - R\$ 1,00

PRÓ-MÚSICA TENTA FORMAR PÚBLICO PARA ÓPERAS

ESPORTE

BRASIL EMPATA COM O URUGUAI E NÃO QUEBRA TABU

06 CIDADE

PSIQUIATRIA SEM INFRA-ESTRUTURA

Serviço de Urgência Psiquiátrica encontra dificuldades com a falta de material disponível para os atendimentos.

BAILE FUNK PODE ACABAR

Prefeito Alberto Bejani afirma que pode fechar bailes se problema da violência não tiver solução em uma semana **05**

LIQUE GAUVO

ANEXO 02

Panorama – 31 de março de 2005.

PANORAMA | Para comunidade, falta de opção de lazer incentiva violência

5
CIDADE

Bejani ameaça fechar bailes funk

O prefeito Alberto Bejani (PTB) estabeleceu ontem, em entrevista à Radio Panorama, o prazo de uma semana para a resolução dos problemas relacionados ao enfrentamento de gangues rivais. Segundo Bejani, caso isso não ocorra ele irá pedir a cassação dos alvarás de funcionamento dos bailes funk.

— Eu não sou contra funkzeiros nem contra bailes, mas não posso deixar a população sofrer com os efeitos das ações desses jovens — disse lembrando o caso de uma mulher que foi atingida por uma pedra quando estava dentro de um coletivo na Nova Era.

Para a população e até para integrantes desses grupos que conversaram ontem com o PANORAMA, a falta de programas sociais e áreas de lazer estimula a violência.

— As mentes desses jovens estão vazias. Falta educação, falta trabalho, falta atividade para eles — comentou o aposentado Messias de Assis, que mora em Santa Luzia.

F, de 18 anos, um dos membros da gangue de Santa Luzia, confessou que a rixa entre o bairro e o Furtado de Menezes existe há mais de oito anos, mas atualmente tem se acentuado devido aos bondes dos bailes funk e à falta de praça no Furtado.

— Eles nem têm praça direito e ficam sem ter o que fazer. Vêm para cá atirar a gente que está na nossa praça, dentro da nossa área — disse F, que negou que exista integrantes das facções cariocas em Juiz de Fora.

— Usamos a sigla A.D.A. (Amigos dos Amigos), assim como vários outros bairros, mas não tem nenhum bandido criminoso entre nós — contou.

A assessoria de comunicação da Prefeitura informou que, ao invés de apenas construir praças, mais eficiente é investir em programas sociais. O diretor de Política Urbana, Antônio Carlos Guimarães Rocha, observou que, antes mesmo do alerta de Bejani, a fiscalização já é rigorosa. Uma prova, de acordo com ele, é a interdição do Free Hits, mantida até depois de uma tentativa de liminar. Ele garante que 12 fiscais circulam pelos clubes durante os bailes funk, visitando também bares, restaurantes e boates.



■ Messias de Assis cobra área de lazer e educação para jovens

PROGRAMAS SOCIAIS COMO ALTERNATIVA

A diretora de Política Social, Marluce Araújo Ferreira, cita três programas desenvolvidos pela Prefeitura na tentativa de conter a violência entre os jovens. Um deles é o Inter Ação, que começa a ser realizado, em parceria com o Governo do estado, buscando a inclusão social, por meio de ocupação e renda. A meta é oferecer cursos de capacitação em educação ambiental e atividades agropecuárias para estudantes e comunidades vizinhas às escolas estaduais Marechal Mascarenhas de Moraes e Presidente Costa e Silva, além da municipal Teresa Faki.

Marluce lembrou também que o Projeto JF nos Trilhos da Paz recebeu R\$ 70 mil em materiais, no dia 18 de março. O trabalho, que começou em 2004, envolve 2.500 pessoas em 11 bairros onde a comunidade vive em situação de risco. Segundo a diretora, uma iniciativa da atual administração que tem dado resultado é o curso preparatório para concurso. Ela diz que 1.082 pessoas participam da atividade.

Receita divulga calendário

A Receita Federal divulgou ontem as datas de restituição do Imposto de Renda de Pessoa Física (IRPF) de 2005. Os depósitos serão feitos em sete lotes, a partir de junho, e o dinheiro será colocado à disposição do contribuinte nas agências bancárias que constaram da declaração de Imposto de Renda.

Segundo o delegado da Receita Federal de Juiz de Fora, Rogério Testa, faltando um mês para o prazo final de entrega das declarações, 16.715 declarações de Imposto de Renda em Juiz de Fora foram recebidas. O valor representa aproximadamente 11% do total de declarações recebidas em 2004. O delegado alerta para os contribuintes se apressarem, já que o prazo está se esgotando.

— No ano passado, em todos os municípios cobertos pela Delegacia, recebemos 212 mil declarações. Juiz de Fora

ANEXO 03

Panorama – 17 de outubro de 2008.



ANEXO 03

JF Hoje – 17 de outubro de 2008.



MISS JUIZ DE FORA
Final do concurso acontece amanhã, no Cine Theatro Central. Dezesete finalistas se apresentarão em trajes de banho e gala, em noite de glamour e cultura.
• VARIEDADES - página 10

JF HOJE
R\$ 0,25

POLÍCIA ENCONTRA CARRO DE TAXISTA ASSASSINADO
• CIDADE - página 3

FRENTE FRIA TRAZ ALERTA PARA TEMPORAIS
• CIDADE - página 4

MANIFESTANTES FAZEM 'ENTERRO' DE VICENTÃO
• CIDADE - página 5

JOVEM É MORTO A QUEIMA-ROUPA NA FRENTE DA IRMÃ, E RIXA PODE SER CAUSA DA TRAGÉDIA
• CIDADE - página 4

JUIZ DE FORA • sexta-feira, 17 de Outubro de 2008 • Ano 1 • Nº 271
Diretor Responsável: Wilson Cid

JUVENTUDE VIOLENTA

Pesquisa divulgada ontem pela UFJF revela que maior parte dos crimes violentos que acontecem em Juiz de Fora é praticada por jovens entre 18 e 20 anos, mesma faixa etária das vítimas. Ainda segundo o levantamento, a maioria das ocorrências é registrada aos sábados e domingos e entre 20h e 2h.
• CIDADE - página 7

FEIRA INCENTIVA ADOÇÃO DE ANIMAIS ABANDONADOS
• CIDADE - página 7

DUPLA É DETIDA SOB SUSPEITA DE USAR CHEQUES FALSOS
• CIDADE - página 5

ANEXO 03

Tribuna de Minas – 17 de outubro de 2008.

Tribuna de Minas

JUIZ DE FORA SEXTA-FEIRA 17 DE OUTUBRO DE 2008 FUNDADOR: JURACY AZEVEDO NEVES www.tribunademinas.com.br ANO XXVI Nº 4865 R\$ 1

SEGUNDO PESQUISA DA UFJF, CENTRO, SÃO MATEUS, ALTO DOS PASSOS E SÃO PEDRO ESTÃO ENTRE AS ÁREAS MAIS AFETADAS

Violência é maior em bairros com vida noturna

Os crimes violentos estão concentrados nos bairros em que há vida noturna. A criminalidade também é maior naqueles que possuem zona comercial e bancária estruturadas e onde há população de classe média e classe média alta, com renda de três ou mais salários mínimos. Entre os bairros mais afetados pela violência estão Centro, São Mateus, Alto dos Passos, São Pedro e Mariano Procópio. Os dados são do Diagnóstico da Criminalidade Violenta em Juiz de Fora, pesquisa realizada a pedido da Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS), pelo Núcleo de Estudos Estratégicos da UFJF. O estudo, apresentado ontem, foi baseado em dados coletados de 2005 a 2007.

Comícios são principal aposta dos prefeitáveis na reta final de campanha

O uso de comícios promete ancorar a disputa nesta reta final. Hoje, a petista Margarida Sobrinho promove evento em Santa Luzia, com a presença da ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff. Já o tucano Custódio Mattos faz comício no Bandeirantes. Ontem, Margarida afirmou que, se eleita, irá fazer auditoria nas contas da FJF. Já o tucano recebeu apoio de dois vereadores peemedebistas: Bruno Siqueira e Francisco Canalli. **Página 5**

Manifestantes comemoram oficialização da saída de Vicentão

Depois de 20 anos, o ex-prefe-

Artista: Elton Cruz/16-10-08



ANEXO 04

Tribuna de Minas – 1º de novembro de 2008: www.tribunademinas.com.br

Jovens até 25 anos são principais vítimas de tiros

Renata Brum
Repórter

J., de 19 anos, mudou de bairro, saiu da escola e deixou de freqüentar bailes. A rotina de vida do jovem foi totalmente alterada após ele ter sido baleado, em junho do ano passado. Ele estava em momento de lazer, em uma lan-house, no Bairro Jóquei Clube, Zona Norte, quando foi surpreendido por um grupo de bairro rival e alvejado com três tiros. J. sofreu lesão no fígado e perfuração no pulmão, passando um mês no Hospital de Pronto Socorro (HPS). A história do rapaz, na época com 18 anos, coincide com a de muitos outros jovens da cidade e mostra que são eles as principais vítimas das tentativas de homicídio registradas no município.

Levantamento do HPS, realizado a pedido da Tribuna, confirma a tendência de que os adolescentes e jovens são os mais feridos por armas de fogo. Dos 47 atendimentos a baleados na unidade de emergência, no primeiro semestre deste ano, 68% são de adolescentes e jovens até 25 anos de idade. Outros 21% dos feridos têm de 26 a 31 anos. Apenas 11% estão acima dos 30. As explicações: o fácil acesso às armas, o envolvimento com o tráfico de drogas, a disputa de territórios e a necessidade de auto-afirmação dos jovens. Para especialistas, o resultado dessa mistura de fatores não poderia ser outro: mortes e tentativas de homicídios cada vez mais comuns na faixa etária até 25 anos.

Somente no último fim de semana, dois jovens de 20 e 21 anos foram executados a tiros na cidade. Na madrugada de sábado, o alvo foi Carlos Augusto de Souza, 20, conhecido como Gugu, morto com um tiro na cabeça. O corpo foi localizado pela manhã no Campo do Itatiaia, na Avenida Presidente Costa e Silva, entre os bairros São Pedro e Santos Dumont, na Cidade Alta, depois de uma ligação anônima. Na noite de sábado, a outra vítima foi o servente Reinaldo da Silva Costa, 21, que morreu depois de ser atingido por duas balas, sendo uma delas no rosto, na Rua Dona Ana Salles, no Bairro Benfica, Zona Norte. Já na quarta-feira, um auxiliar de serviços gerais, 26, foi baleado durante rixa envolvendo jovens e adolescentes, no Bairro Nossa Senhora Aparecida, Zona Leste. Na briga, um garoto de apenas 13 anos também

ficou ferido. Mauro da Silva Júnior foi atingido por disparos na perna esquerda e no abdômen. Ele foi socorrido e levado para o HPS. De acordo com a Secretaria de Saúde, a vítima sofreu lesão no intestino. Já o adolescente teve escoriações e traumatismo crânio-encefálico.

Pesquisa feita pela Tribuna aponta crescimento de 46,6% no índice de baleados jovens, na comparação de 2008 com 2007. No ano passado, de janeiro a início de agosto, foram 15 baleados até 25 anos, e, neste ano, no mesmo período, o número saltou para 22 ocorrências. No ano passado, a vítima mais jovem tinha 11 anos de idade. Neste ano, o mais novo alvejado tinha 14 anos. Os índices levam autoridades a tratarem a questão da violência entre jovens como caso de saúde pública.

O titular da Delegacia de Crimes contra a Pessoa, Francisco Rezende, afirma que 90% dos casos que resultam em instauração de inquérito sobre tentativa de homicídio ou assassinato de jovens, envolvendo disparo de armas de fogo, estão relacionados ao tráfico de drogas, direta ou indiretamente, ou a brigas por disputas de território. “Geralmente os envolvidos têm dívidas de drogas, são testemunhas ou denunciaram algum traficante ou são eles, as próprias vítimas. Outra causa das ocorrências são as brigas de gangues”, comentou o delegado.

Rivalidade que mata

“Estava de costas. Ouvi o barulho dos tiros. Até achei que fosse rojão, bombinha. Mas senti uma queimação em minhas costas e vi que havia sido baleado. Peguei o teclado do computador para me proteger e pulei para trás do balcão, onde permaneci deitado”, relatou J., morador do Jôquei Clube, na Zona Norte, baleado por dois jovens do Jardim Natal, que, na última semana de agosto, sentaram no banco dos réus.

No dia 12 de agosto, a rivalidade entre adolescentes de bairros levou outro jovem ao Tribunal do Júri. O garoto de 20 anos foi julgado e condenado a 23 anos e quatro meses por ter assassinado um adolescente de 17 anos, tentado matar outro adolescente, de 17, e uma criança, de 11, também em junho de 2007, no Bairro Francisco Bernardino, Zona Norte.

Facilidade de acesso aos armamentos

Para J., a elevação das ocorrências de adolescentes e jovens baleados pode ser explicada pela facilidade de acesso às armas. “Sempre tem um que chega e oferece. Tem arma de R\$ 200, R\$ 400. Já me ofereceram em baile, na rua. Em qualquer lugar tem. Isso me causa medo, porque

sei que, em qualquer lugar, pode ter um armado.” O relato mostra que a violência está cada vez mais próxima dos adolescentes. “A maioria dos meus amigos ou dos meninos do outro bairro estão presos. Por isso as brigas diminuíram um pouco.”

A Polícia Civil reconhece que os jovens têm tido fácil acesso às armas, mas argumenta, dizendo que a responsabilidade de fiscalização seria da Polícia Federal e das polícias rodoviárias Federal e Estadual. “Não cabe mais à Polícia Civil a fiscalização de armas”, explicou o delegado Francisco Rezende.

A Polícia Militar também constata a facilidade com que os jovens estão tendo acesso aos armamentos e enfatiza o comportamento desta faixa etária. “Geralmente os adolescentes e jovens são movidos pelo calor da emoção. Os homens, principalmente, têm necessidade de se auto-afirmar e, com uma arma na mão, acreditam ser mais homens”, comentou o assessor de comunicação organizacional da 4ª Região da Polícia Militar, major Edelson Gleik, garantindo que a corporação está atenta para as ocorrências envolvendo jovens baleados. Entre os projetos desenvolvidos pela PM está o Programa Educacional de Resistência às Drogas e Violência (Proerd), que, desde 2004, trabalha junto a crianças e adolescentes nas escolas da rede pública e particular da cidade e região, com o objetivo de prevenir e evitar criminalidade.

Médico defende criação de posto da PM no HPS

O número de atendimentos de baleados cada vez mais jovens no Hospital de Pronto Socorro (HPS) faz autoridades de saúde defenderem a necessidade do tratamento do assunto como questão de saúde pública. O coordenador-chefe do Serviço de Cirurgia Geral e Trauma do HPS, Felipe José Vieira, é um dos que defendem esta idéia.

“É nítido o crescimento de jovens baleados dando entrada no setor, mas, o que tem chamado mais a atenção, são os adolescentes até 18 anos. Já era hora de Juiz de Fora tratar a questão como caso de saúde pública e investir mais em uma estrutura adequada para tratamento das vítimas com trauma por conta de armas de fogo. O ideal seria que houvesse até mesmo um posto da PM no HPS.”

Conforme o médico, de 80% a 90% das vítimas têm até 30 anos. A maioria dos tiros é aleatória, atingindo membros inferiores ou superiores. Mas, segundo Vieira, em alguns casos, é possível verificar a intenção de execução da vítima. “Alguns disparos são à queima-roupa e atingem órgãos vitais, como cérebro e coração.”

ANEXO 05

Tribuna de Minas – 10 de dezembro de 2008: www.tribunademinas.com.br

CRIMINALIDADE

Jovens são vítimas e autores da violência na Zona Sul

Telma Elisa
REPORTER

Os jovens são os principais autores e também as principais vítimas da criminalidade violenta registrada na Zona Sul de Juiz de Fora. Entre os tipos de crimes violentos que mais preocupam a Polícia Militar, o assalto a pedestre é o de maior registro. Baseada nas apurações das ocorrências registradas e nas prisões efetuadas, a PM caracteriza grande parte dos infratores como dependentes químicos, que têm como alvo preferido produtos de fácil troca nas bocas-de-fumo da cidade, como celular, MP3 player, boné, relógio e tênis. Um levantamento da Aisp 102, composta pela 1ª Delegacia Distrital de Juiz de Fora e a 32ª Companhia de Polícia Militar, revela que rapazes entre 17 e 23 anos são os principais envolvidos nos roubos cometidos nos 22 bairros que compreendem esta região da cidade, enquanto as maiores vítimas são de ambos os sexos e se localizam na faixa etária entre 15 e 29 anos. A maioria dos assaltos da região aconteceu em São Mateus, onde pelo menos um caso por semana foi registrado nos oito primeiros meses deste ano, somando 32 roubos a pedestre. Em seguida, aparecem os bairros Ipiranga, Alto dos Passos e Santa Luzia.

Uma estudante de 17 anos, que não quis se identificar, teve o celular roubado por dois jovens na esquina da Rua Moraes e Castro com Vinte Um de Abril, no São Mateus. A forma de abordagem dos infratores denota a semelhança com outras dezenas de casos identificados pela PM, este ano, na Zona Sul. Até o dia 30 de setembro, foram registrados 155 assaltos a pedestres nesta área.

Depois de marcar o encontro com amigas que saíam de São Mateus para encontrá-la no Alto dos Passos, ela resolveu abreviar a espera e seguir em direção ao grupo. "Meu erro foi usar o celular para ouvir música. Passei por uma calçada onde estava um grupo de meninos conversando. Mudel de calçada e apertei o passo. Mas eles vieram muito rápido, me empurraram, e eu caí. Quando gritei por socorro, eles já estavam longe. Minha bolsa ficou no chão logo adiante, mas eles levaram meu celular." Segundo a adolescente, depois do fato, ela não sai mais sozinha pelas ruas. "Fiquei insegura e transfere isso para meus pais, que agora me levam e me buscam em todos os lugares."

A advogada Thereza Rampinelli também conta que mudou seus hábitos, depois que a filha, de 14 anos, foi alvo de assaltantes na porta de casa. "Ela voltava da padaria e não percebeu que estava sendo observada. Tocou o interfone e foi abordada por dois homens que a forçaram a abrir a bolsa para pegar seu celular. Levaram o telefone e toda a sensação de segurança que tínhamos, vivendo há tanto tempo neste bairro, que já teve fama de tranquilo", completa a moradora do São Mateus.

Uma cabeleireira, de 38 anos, que não quis ser identificada, afirma que, depois que o filho foi assaltado na saída de uma festa, no Cascatinha, ela também reviu ações para garantir que o jovem possa se divertir, e ela dormir tranquila. O filho de 18 anos foi abordado por rapazes de sua faixa etária durante a festa. Perdeu cordão e pulseira. "Fiquei traumatizada, porque esses assaltos não acontecem sem violência. Passei a levá-lo e buscá-lo. Não adianta reclamar. É a minha condição para que ele possa curtir baladas. Acordo às 4h na Zona Norte e atravesso a cidade para apanhá-lo na Zona Sul. Meu esforço é por uma boa causa."

Concentração de delitos

Segundo a polícia, as áreas de maior ocorrência destes delitos estão em trechos próximos das ruas São Mateus, Monsenhor Gustavo Freire e Avenida Independência, em São Mateus, Moraes e Castro, Dom Viçoso e Dom Silvério, no Alto dos Passos, Paulo Japlassu Coelho, no Cascatinha, e Avenida Santa Luzia, no bairro de mesmo nome. De acordo com o comandante da 32ª Cia da PM, capitão Almir Cassiano de Almeida, esta região concentra significativa parcela da população que passa por acentuado índice de crescimento da qualidade de vida. "A explosão de novos empreendimentos funciona como um atrativo para estes criminosos."

Casos ocorrem geralmente em áreas movimentadas

De acordo com o comandante da 32ª Companhia da PM, capitão Almir Cassiano de Almeida, o levantamento demonstra que muitos infratores se encontram motivados para a manutenção de uma vontade momentânea. "Envolvidos pela busca de prazer imediato, não lançam mão de estratégias para cometer o delito. Estão preocupados em como saciar o vício naquele momento. Então, buscam nos locais de grande concentração de pessoas, a oportunidade de conseguir algo de valor que possa pagar pelo uso da droga."

Segundo ele, a premissa utilizada pela polícia para definir a composição de um crime decorre do somatório de infrator motivado, um local sem proteção e uma vítima disponível. A junção da grande circulação de jovens ostentando objetos eletrônicos de última geração, como celulares e aparelhos de MP3 e MP4, câmeras digitais, por exemplo, sem se preocupar com sua segurança, resulta em um ótimo chamariz para os infratores.

Somado a isso, explica a chefe da Delegacia Distrital, delegada Dolores Tambasco, está o fato de a Zona Sul ser uma região com grandes desigualdades sociais. "É uma área composta por locais mais abastados e pontos de entretenimento cercados por bolsões de pobreza. Alguns problemas que ocorrem por aqui não são apenas casos de polícia, mas sociais." Ela acrescenta que a despreocupação com dicas simples de auto-proteção são fortes elementos que contribuem para os assaltos, que ocorrem, em sua maioria, à noite, nas proximidades de locais com grande movimentação de pessoas.

Especialista ressalta falta de limites e regras

Para o especialista em criminalidade juvenil, Antônio Mourão Cavalcante, a criminalidade violenta sendo praticada e vivenciada por jovens decorre de uma série de fatores. "É a pressa do viver,

ANEXO 05

Tribuna de Minas – 10 de dezembro de 2008: www.tribunademinas.com.br

Tribuna de Minas Page 2 of 4

pressa do contato, do aqui e agora. Antigamente, essa pressa tinha, como freio, os valores maiores, sobretudo, emprestados pela religião, que funcionava como uma proteção cultural. Quem transmitia estes valores era a família, que aprendia com a Igreja. Houve a perda da crença e, com isso, a diminuição da influência da família sobre os jovens." Por isso, explica o psicólogo, tanto para a vítima, quanto para o criminoso, essa impulsão, essa energia, passa a ser sem regras, sem limites. Porque fazem parte de uma juventude que não introjetou a lei. Não seguem normas, regras, princípios, respeito. Partem do princípio do 'eu tenho vontade, eu faço',” explica.

Um outro agravante é a presença da droga, sobretudo, o crack. Ele permite, ainda mais, a falta de limites, fazendo com que pratiquem atitudes sem nenhum remorso, nenhum receio. A afirmação é reforçada pelo trabalho realizado pela 32ª Companhia da PM. “O crack tem importante papel na elevação do número de consumidores. Devido ao alto poder viciante da substância, aliado a sucessivas crises de abstinência causadas pela falta da droga, o infrator, dependente químico, acaba se tornando escravo, no sentido literal, deste entorpecente”, explica o capitão Almir Cassiano de Almeida.

A afirmação de que os praticantes dos crimes de roubo a pedestres são, em sua maioria dependentes químicos, decorre das entrevistas com os presos e apreendidos. Tal afirmação, explica o militar, encontra amparo também no sentido lógico, “um cidadão que se propõe a cometer um roubo, sem presença de arma, para obter um celular usado, definitivamente não quer melhorar de vida e sim satisfazer rapidamente uma necessidade pessoal”. Para reverter o quadro, ele ressalta que a Polícia Militar vem atuando em duas frentes simultaneamente. A primeira voltada para a proteção local, por meio da presença ostensiva nos bairros que apresentam maior incidência. É a forma de intervir na consequência do fato. “Visto que, se o infrator é um dependente químico que está à procura de pequenos valores financeiros para manutenção de vício, fatalmente ele migrará para outra prática para atender a sua vontade, como furto, venda de objetos pessoais ou familiares ou outras situações.” A segunda frente de trabalho é limitação da prática criminosa da comercialização, por meio de ação repressiva contra os responsáveis pela venda. Somente em um mês, na Zona Sul, foram presos dez suspeitos do tráfico.

Sensação de segurança
Para o presidente em exercício do Conselho de Segurança Pública do Bairro São Mateus, que abrange os bairros Alto dos Passos, Boa Vista, Bom Pastor e Guarará, José Luiz Britto Bastos, há uma série de fatores que explicam a criminalidade envolvendo jovens em suas duas vertentes na Zona Sul. “A falta de efetivo policial suficiente é um deles. A Polícia Militar precisa mudar a forma de agir. O policiamento a pé é fundamental, para que a população tenha a sensação de segurança.” Uma outra forma é a inconsistência do policiamento noturno. “Há períodos em que você percebe uma movimentação no Alto dos Passos, mas não há um trabalho firme e constante em outras áreas.”

ANEXO 05

Tribuna de Minas – 10 de dezembro de 2008: www.tribunademinas.com.br




É uma área composta por locais mais abastados e pontos de entretenimento cercados por bolsões de pobreza. Alguns problemas que ocorrem por aqui não são apenas casos de polícia, mas sociais.

Delegada Dolores Tambasco



Estão preocupados em como saciar o vício naquele momento. Então, buscam, nos locais de grande concentração de pessoas, a oportunidade de conseguir algo de valor que possa pagar pelo uso da droga.

Capitão Almir Cassiano de Almeida

DICAS DE AUTOPROTEÇÃO



Evitar locais com aglomeração de



Evitar ostentar valores e objetos que tenham fácil comercialização e

ANEXO 06

Tribuna de Minas – 16 de maio de 2008.

16 de maio de 2008

E-mail: redacao@tribunademinas.com.br

5

Polivalente de Teixeira

Estudantes param aula em escola infestada de bichos

Manifestação acontece hoje na porta do colégio; estudantes denunciam existência de pulgas, salas sem portas, janelas quebradas e carteiras enferrujadas

CRISTIANE DIAS

Revolto com a precariedade da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, o Polivalente de Teixeira, os estudantes realizam hoje manifestação, entre 7h e 9h, e pretendem suspender as aulas, com o objetivo de pressionar a Secretaria de Estado da Educação a se posicionar diante dos problemas. Diariamente cerca de mil estudantes da instituição, de quinta a oitava série do ensino fundamental e do ensino médio, assistem às aulas em salas sem condições de uso, onde podem ser vistas portas despendaçadas ou inconsistentes, janelas quebradas, mesas e cadeiras enferrujadas, quadros e paredes rebuçados. Segundo os estudantes, animais peçonhentos e pulgas também podem ser encontrados na unidade. A falta de infraestrutura das escolas estaduais de Juiz de Fora já havia sido revelada em matéria publicada no dia 4 de maio pela Tribuna. A reportagem mostrou casos em que alunos foram encontrados merendando em pé

por falta de bancos e banheiros em péssimo estado de conservação.

No Polivalente de Teixeira, as reclamações são muitas. De acordo com uma estudante do segundo ano do ensino médio, 15 anos, há mais de um ano, os alunos passam frio durante as aulas, porque a maioria das janelas está sem vidro. "A nossa situação é revoltante. Todo mundo sente frio em razão de a metade das janelas estar quebrada. A minha sala não tem porta, porque ela caiu em cima da professora, quando ela foi abri-la. Outro problema são as carteiras enferrujadas."

A jovem ressalta que o ponto de partida para a manifestação foi o aparecimento de pulgas. "Há pouco tempo, estava na sala quando senti coceira no braço e vi que meus colegas também estavam se coçando. Prestamos atenção e percebemos que eram pulgas que vinham de um mutagal ao lado."

Uma dona de casa e mãe de aluno, de 45 anos, apoiou-se

Ela tem dois filhos matriculados no colégio: um de 17 anos e um de 12. "Os banheiros estão entupidos, e os meninos são obrigados a tomar água da torneira, porque não há bebedouros. Há algumas semanas, meu filho mais velho estava fazendo educação física, e uma cobra passou por cima da mão dele. É horrível saber que meus filhos estão sujeitos a isso."

Servidora da escola diz que vários ofícios já foram encaminhados à SRE e que a situação está sendo resolvida aos poucos

Pedido de verbas

Uma servidora do Polivalente, que prefere não ter o nome divulgado, assume a existência dos problemas. Ela afirma que a Superintendência Regional de Ensino (SRE) está ciente das condições da escola, mas que a situação está sendo resolvida aos poucos. "Que a escola está depredada, não é novidade. Fizemos diversos ofícios, pedindo verbas para reformas, mas os repasses estão sendo feitos aos poucos. A direção está fazendo o possível para resolver os problemas, porém, dependemos do Estado."

PRECARIEDADE: com vidraças quebradas, alunos sentem frio, principalmente à noite, durante aulas

No Linhares

Sem pessoal para fazer manutenção

ANEXO 06

Tribuna de Minas – 17 de maio de 2008.

6 E-mail: redacao@tribunademinas.com.br **Geral** Tribuna de Minas SABADO 17 de maio de 2008

Polivalente do Teixeiras
Alunos protestam por melhorias em escola
 Superintendência Regional de Ensino diz que tem agido para resolver problemas de infra-estrutura, mas vandalismo é constante

CAROLINE DOS REIS BREM

Com cartazes, apitos e palavras de ordem, um grupo de 70 estudantes protestou, na manhã de ontem, contra a precária infra-estrutura da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, o Polivalente do Teixeiras, na Zona Sul. Os alunos do ensino médio tentaram mobilizar os demais colegas para não entrarem no colégio e suspenderem as aulas até que a Secretaria de Estado da Educação (SEE) se posicionasse sobre os problemas do estabelecimento. Como foi mostrado na edição de ontem, não há vidros na maioria das janelas das salas, as portas estão quebradas, as carteiras com ferrugem, os quadros e paredes esburacadas, além de haver denúncias de existência de pulgas e cobras. Os problemas foram apontados pelos alunos.

Com a assessoria de comunicação da SEE disse que está ciente da insatisfação e

Combate à dengue
Moradores do Gramma trocam lixo por leite

O *Aedes aegypti* será combatido de maneira diferente na tarde de hoje, a partir das 14h, na praça do Bairro Gramma, região Nordeste. Os moradores participam da campanha contra a dengue, promovida pelo Centro Regional Nordeste, cujo destaque é a ação especial de doação de leite para comunidade em troca de lixo reciclável, como papéis e garrafas PET. O evento também engloba blitz educativa e atividades culturais, entre elas música e apresentação teatral abordando os perigos da doença.

Na próxima segunda-feira, das 7h às 17h, o Mutirão de Coleta do Lixo da Dengue - iniciado no mês passado - atende os bairros Esplanada e Monte Castelo, Zona Norte. Na terça-feira, no mesmo horário, é a vez do Bairro Poço Rico, na região Sudeste. Outra medida preventiva é colocada em prática frequentemente pelos militares do Exército, como a vistoria de rotina realizada ontem pela manhã, no Bairro São Pedro, na Cidade Alta.

Hemominas



Reivindicações: manifestação na porta da escola reuniu cerca de 70 estudantes revoltados com as más condições do espaço físico

Desafio para casais de noivos

ANEXO 06

Tribuna de Minas – 20 de maio de 2008.

PACIÊNCIA NO TRÂNSITO: veículos param em ponto proibido, utilizando inclusive a calçada, e afunilam pista, onde há retenções

Limpeza e conscientização no Polivalente do Teixeira

Mutirão vai envolver comunidade escolar

A precariedade da infra-estrutura na Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes, o Polivalente do Teixeira, na Zona Sul, que levou alunos a realizarem manifestação na última sexta-feira, vai ser discutida em reuniões entre a comunidade e a direção da escola. No próximo dia 31, a instituição também promoverá um mutirão. O objetivo, segundo a diretora, Lillian Maria Custódio Toledo, é realizar a limpeza da escola, mas, sobretudo, levar a comunidade escolar a refletir sobre sua importância na manutenção e preservação do patrimônio público.

Em matéria, na última semana, a Tribuna mostrou que não há vidros das janelas das salas, as portas estão quebradas, as carteiras cobertas de ferrugem, além de haver infestação de pulgas e cobra. Os problemas foram apontados pelos alunos. Entretanto, a direção e a Superintendência Regional de Ensino argumentam que o quadro de precariedade é resultado de atos de vandalismo, tanto de alunos quanto de invasores.

"Os vândalos entram na escola para roubar ou, às vezes, só para depredar. Também dentro da escola há problemas de lixeiras e carteiras quebradas, todo dia são três a quatro. Precisamos que os alunos e a comunidade entendam que a escola é um bem de todos, e poderia servir melhor, se fosse preservada. O que está acontecendo não é só questão de gestão, mas de mudança social. O jovem de hoje não é o mesmo de anos atrás. Hoje abrimos a escola aos fins de semana para a comunidade, mas sempre há necessidade de alguém olhando. Isso porque muitos vêm para o lazer, mas outros vêm para usar drogas", comentou Lillian, completando: "Essas ações fazem parte do projeto Escola Viva - Comunidade Ativa, que estamos implementando, e visa a estabelecer estratégias de melhoria das relações intra e extra escolares, possibilitando diálogos e parcerias capazes de inibir atos de vandalismo."

A Superintendência Regional de Ensino tem procurado parceria com a Secretaria de Segurança Pública para que, por meio de policiamento, seja possível diminuir ataques frequentes. Estatísticas da PM confirmam que, no ano passado, foram 41 arrombamentos em escolas de Juiz de Fora. Comandante da 32ª Companhia da PM, capitão Almir Cassiano, diz que a meta é a implementação de um Grupo de Orientação Escolar (GOE), mas, que, por falta de efetivo, o trabalho preventivo ainda não pode ser implantado.

Segundo a comunidade, as invasões são comuns na escola. "Eles pulam o muro ou o portão, roubam fios, torneiras e danificam tudo. Minha sala mesmo, quase não tem janela", contou uma estudante de 14 anos, que mora em frente ao colégio.

De acordo com a direção, além do sistema de alarme, outras medidas para dificultar a ação dos ladrões são adotadas. Outros moradores e estudantes relatam episódios de depredação em que os autores são alunos. "Dá vergonha. Há pichações para todo lado", comentou uma dona de casa, 64, vizinha da instituição.

Mariana Barzotti/DF-DF

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELAS

- 01 - Distribuição de emissoras por região do país. p. 32
- 02 - Os dez programas de maior audiência na televisão brasileira, segundo pesquisa Ibope realizada em dezembro de 2006. p. 32
- 03 - Programas de assistência oferecidos pela AMAC. p. 91
- 04 - Comparação entre o número de alunos na chamada e o de alunos que responderam o questionário. p. 101
- 05 - Idades dos participantes da pesquisa. p. 101
- 06 - Sexo dos participantes da pesquisa. p.102
- 07 – Atividades preferidas dos jovens nas horas vagas. p.103
- 08 - Sobre hábito de assistir TV. p. 104
- 09 - Programas **mais citados** como preferidos pelos jovens. p.106
- 10 - Programas **mais citados como primeira opção** de preferência pelos jovens. p. 107
- 11 - Meios de informação **mais citados** pelos jovens. p.109
- 12 - Meios de informação **mais citados em primeiro lugar** pelos jovens. p.110
- 13 - Sobre a audiência do JN entre os jovens – especificação por série. p.112

GRÁFICOS

- 01 - Comparação entre o número de alunos na chamada e o de alunos que responderam o questionário. p. 101
- 02 - Sexo dos participantes da pesquisa. p.102
- 03 - Atividades preferidas dos jovens nas horas vagas. p.103
- 04 - Sobre hábito de assistir TV. p. 104

- 05 - Programas **mais citados** como preferidos pelos jovens. p.106
- 06 - Programas **mais citados como primeira opção** de preferência pelos jovens. p. 107
- 07 - Meios de informação **mais citados** pelos jovens. p.110
- 08 - Meios de informação **mais citados em primeiro lugar** pelos jovens. p.111
- 09 - Sobre a audiência do JN entre os jovens. p.112
- 10 - Sobre a audiência do JN entre os jovens – especificação por série. p.112

FIGURAS

- 01 - Mapa de localização de Juiz de Fora. p. 86
- 02 - Mapa de Juiz de Fora; cidade dividida por região. p.93
- 03 - Destaque da região sul de Juiz de Fora. p.93
- 04 - Entrada da Escola Estadual Marechal Mascarenhas de Moraes – Polivalente de Teixeira. p. 96.
- 05 - Área externa às salas de aula do Polivalente de Teixeira. p. 96
- 06 - Turma de 2ª série do Polivalente de Teixeira respondendo o questionário. p. 96
- 07 - Jardim no interior do Polivalente de Teixeira. p. 96
- 08 - Turma 3A respondendo ao questionário. p.117